

## SAULO DE TARSO

Saulo, mais tarde chamado Paulo, é, depois de Jesus, um dos mais importantes personagens do Novo Testamento.

O seu nome originalmente era "Saulo" ou "Saul", que significa "o que se pediu, o que se orou por", nome que divide com o Rei Saul, um outro benjamita e primeiro rei de Israel. O uso do nome "Paulo" ou "Paulos" ou "Paulus", que significa "baixo, curto" aparece no livro de Atos pela primeira vez quando começou sua primeira jornada missionária

A sua importância é evidenciada no número de livros seus que compõem o cânon do Novo Testamento: dos 27 livros, 13 são de sua autoria, ou seja, praticamente a metade! Mais ainda: a extensão do Evangelho aos gentios (qualquer povo que não seja judeu) foi entendida e defendida por ele, o que provocou enormes mudanças no cristianismo, em relação a usos e costumes, missões e, até, na doutrina da salvação.

Paulo nasceu em Tarso, principal cidade da Cilícia, atual Turquia (At 9.11; 21.39). Como judeu que era, da tribo de Benjamim (Fp 3.5), recebeu sua educação em Jerusalém aos pés de Gamaliel, importante rabino daqueles dias (At 22.3). Tinha também uma cultura greco-romana bastante ampla, a ponto de citar poetas importantes daquele tempo, tais como: Arato (At 17.28) Meander (1 Co 15.33) e Epimênides (Tito 1.12). Além disto, falava várias línguas: grego, hebraico, aramaico<sup>1</sup> e latim.

Era cidadão romano por direito de nascimento (At 22.28). Isto indica que sua família deveria ter algum *status* naquela cidade. Como religioso pertencia à facção do farisaísmo, a mais extremada de todas (At 23.6; Fp 3.5). Era um filho prodigioso do farisaísmo (Gl 1.14) e chega mesmo a afirmar que fora irrepreensível na observância da Lei (Fp 3.6). Sua paixão e devoção por sua religião levava-o ao ponto de transformá-lo num perseguidor do cristianismo nascente (At 9.1-2; 22.4,5; Gl 1.13; Fp 3.6; 1 Tm 1.13).

Saulo tinha uma irmã e um sobrinho que moravam em Jerusalém (At 23:16) e sua profissão era a de artesão, fabricante de tendas (At 18.3). Provavelmente seus pais foram judeus levados para a região de Tarso pelos romanos. Eles deviam ter recursos, pois Paulo não menciona ter trabalhado na infância. Na época, estudar era caro.

"Ele era um homem de pequena estatura", afirmam os 'Atos de Paulo', escrito apócrifo do segundo século, "parcialmente calvo, pernas arqueadas, de compleição robusta, olhos próximos um do outro, e nariz um tanto curvo."

---

<sup>1</sup> De acordo com o relato de Lucas, Paulo podia se dirigir à multidão em Jerusalém em aramaico (At 21.40; 22:2). Quando Jesus se manifesta a ele na estrada de Damasco, dirige-lhe a palavra em aramaico (At 26.14).

Se esta descrição merecer crédito, ela fala um bocado mais a respeito desse homem que viveu aproximadamente pouco mais de seis décadas. Ela se encaixaria no registro do próprio Paulo de um insulto dirigido contra ele em Corinto. “As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra desprezível” (2 Co 10:10).

Este ponto merece nossa atenção. Saulo era um homem baixinho, de pernas tortas, provavelmente estrábico, o que lhe devia trazer problemas para ler (Gl 6.11)<sup>2</sup>, sua oratória não era grandes coisas. Enfim, não era alguém que chamasse a atenção por atributos físicos ou mesmo pela seu discurso, tanto que Êutico dorme em uma de suas pregações (At 20.9).

Outros principais apóstolos, como Pedro e João, eram simples pescadores, com instrução básica, que inclusive foram desprezados por sua formação deficiente (At 4.13).

Moisés, porta-voz de Deus, era provavelmente gago (Êx 4.10).

O Senhor Jesus, de igual forma, era um homem sem qualquer atributo físico que o distinguisse dos demais (Is 53.2), foi criado na cidade de Nazaré (Lc 4.16), região discriminada na época (Jo 1.46).

Com isto, percebemos que Deus chama pessoas aparentemente incapazes para realizar sua obra, de forma que elas não confiem em si mesmas, em seus dons e talentos, mas dependam exclusivamente da capacitação que vem de Deus (I Co 1.25-29; II Co 12.9)<sup>3</sup>.

### **A Cidade de Tarso**

Desde o século IV. a.C., Tarso já tinha fama de grande e próspera. Tornou-se, com Pompeu, capital da província da Cilícia. Era economicamente próspera, culturalmente rica e politicamente organizada. Era, também, uma região de terras férteis. Tinha uma grande produção de algodão e de peles de cabra. Possuía um grande porto por onde escoava sua produção.

Tarso era uma cidade de fronteira, um lugar de encontro do Leste e do Oeste, e uma encruzilhada para o comércio que fluía em ambas as direções, por terra e por mar. Tarso possuía uma preciosa herança. Os fatos e as lendas se entremesclavam, tornando seus cidadãos ferozmente orgulhosos de seu passado.

O general romano Marco Antônio concedeu-lhe o privilégio de *libera civitas* (“cidade livre”) em 42 a.C. Por conseguinte, embora fizesse parte de uma província romana, era autônoma, e não estava sujeita a pagar tributo a Roma. As tradições democráticas da cidade-estado grega de longa data estavam estabelecidas no tempo de Paulo.

---

<sup>2</sup> A ciência ótica não era tão desenvolvida naquela época

<sup>3</sup> Ver vídeo disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=G295jG\\_UMnY](https://www.youtube.com/watch?v=G295jG_UMnY)

Paulo, portanto, está no seio de uma comunidade com muitas influências. Em sua gênese familiar é judeu. Em seu universo social, está em estreito contato com gregos. Sua formação, portanto, caminha entre o amor a Torah e a envolvente filosofia de sua época. Esse elemento, sem dúvida lhe facultará enveredar pelas diversas culturas (Rm 1.14; Gl 3.28) com grande destreza.

Nos escritos de Paulo, encontramos reflexos de vistas e cenas de Tarso de quando ele era rapaz. Em nítido contraste com as ilustrações rurais de Jesus, as metáforas de Paulo têm origem na vida cidadina.

O reflexo do sol mediterrânico nos capacetes e lanças romanos teriam sido uma visão comum em Tarso durante a infância de Saulo. Talvez fosse este o fundo histórico para a sua ilustração concernente à guerra cristã, na qual ele insiste em que “as armas da nossa milícia não são carnis, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas” (2 Co 10:4).

Paulo escreve de “naufragar” (1 Tm 1:19), do “oleiro” (Rm 9:21), de ser conduzido em “triunfo” (2 Co 2:14). Ele compara o “tabernáculo terrestre” desta vida a um edifício de Deus, casa não feita por mãos, eterna, nos céus” (2 Co 5:1). Ele toma a palavra grega para *teatro* e, com audácia, aplica-a aos apóstolos, dizendo: “nos tornamos um espetáculo (*teatro*) ao mundo” (1 Co 4:9).

Tais declarações refletem a vida típica da cidade em que Paulo passou os anos formativos da sua meninice. Assim as vistas e os sons deste afamado porto marítimo formam um pano de fundo em face do qual a vida e o pensamento de Paulo se tornaram mais compreensíveis. Não é de admirar que ele se referisse a Tarso como “cidade não insignificante”.

Os filósofos de Tarso eram quase todos estóicos. As idéias estóicas, embora essencialmente pagãs, produziram alguns dos mais nobres pensadores do mundo antigo. Atenodoro de Tarso é um esplêndido exemplo.

Embora Atenodoro tenha morrido no ano 7 d.C., quando Saulo não passava de um menino pequeno, por muito tempo o seu nome permaneceu como herói em Tarso. E quase impossível que o jovem Saulo não tivesse ouvido algo a respeito dele.

Quanto, exatamente, foi o contato que o jovem Saulo teve com esse mundo da filosofia em Tarso? Não sabemos; ele não no-lo disse. Mas as marcas da ampla educação e contato com a erudição grega o acompanham quando homem feito. Ele sabia o suficiente sobre tais questões para pleitear diante de toda sorte de homens a causa que ele representava. Também estava cômico dos perigos das filosofias religiosas especulativas dos gregos. “Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens... e não segundo Cristo”, foi sua advertência à igreja de Colossos (Cl 2:8).

Após sua formação inicial em Tarso, Paulo foi morar em Jerusalém, distante 800km, e estudar com Gamaliel.

### **Cidadão Romano**

Paulo não era apenas “cidadão de uma cidade não insignificante”, mas também cidadão romano.

Em At 22:24-29 vemos Paulo conversando com um centurião romano e com um tribuno romano<sup>4</sup>. Por ordens do tribuno, o centurião estava prestes a açoitar Paulo. Mas o Apóstolo protestou: “Ser-vos-á porventura lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?” (At 22:25). O centurião levou a notícia ao tribuno, que fez mais inquirição. A ele Paulo não só afirmou sua cidadania romana mas explicou como se tornara tal: “Por direito de nascimento” (At 22:28). Isso implica que seu pai fora cidadão romano.

Podia-se obter a cidadania romana de vários modos. O tribuno, ou comandante, desta narrativa, declara haver “comprado” sua cidadania por “grande soma de dinheiro” (At 22:28). No mais das vezes, porém, a cidadania era uma recompensa por algum serviço de distinção fora do comum ao Império Romano, ou era concedida quando um escravo recebia a liberdade.

F.F. Bruce acredita que pode se presumir que o pai, o avô ou até o bisavô de Paulo prestaram algum serviço especial à causa romana. No século primeiro antes de Cristo os generais Pompeu e Antônio tinham o direito, por lei, de conceder para pessoas aprovadas esta honraria. Estes generais estiveram na Cilícia<sup>5</sup>.

O título de cidadão romano conferia direitos especiais ao portador. Estes privilégios incluíam um julgamento público justo para o cidadão acusado de algum crime, a isenção de certas formas infames de punição, e proteção contra uma execução sumária<sup>6</sup>. Paulo soube tirar vantagens deste seu direito, não apenas para evitar o sofrimento físico (At 22) como também para evitar a sua própria morte quando apelou para o tribunal de César (At 25: 1-12).

### **Hebreu de hebreus**

A sua herança judaica era o legado mais importante que ele recebera. Ele se autodescreve religiosamente falando em Filipenses 3.5 da seguinte forma: “Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamin, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu...”

A insistência em afirmar que é hebreu denuncia que Saulo, embora não sendo criado em Jerusalém – portanto, da diáspora – era um judeu convicto,

---

<sup>4</sup> Centurião era um militar de alta patente no exército romano com 100 homens sob seu comando; o tribuno, neste caso, seria um comandante militar.

<sup>5</sup> Paulo: O Apóstolo da Graça, Ed. Shedd publicações, p.33.

<sup>6</sup> idem p.34.

descendente de família judia ortodoxa. Sua origem é confirmada do ponto de vista religioso quando afirma que fez a circuncisão ao oitavo dia. Somente, judeus que respeitavam as tradições de Israel, faziam a circuncisão fora de Jerusalém.

Nos escritos de Paulo e Lucas, “hebreu” provavelmente é um termo mais específico do que “israelita” ou “judeu”. Em 2 Co 11.22 Paulo parece usar o termo hebreu como um termo que possui um peso mais acentuado. Em Atos 6.1 este mesmo termo é usado em contraste com o termo “helenistas”, apesar de ambos serem judeus. F. F. Bruce diz que a distinção provavelmente era linguística e cultural. Os hebreus frequentavam sinagogas cujo culto era realizado em hebraico, e usavam o aramaico como sua língua cotidiana. Os helenistas, por sua vez, falavam grego e frequentavam sinagogas em que se liam os textos bíblicos e recitavam as orações nesta língua<sup>7</sup>.

### Eventos mais destacados de sua vida por data

Abaixo, mostramos um esboço da vida de Paulo, segundo John Stott:<sup>8</sup>

Data aprox.	Eventos na vida de Paulo	Cartas
5 dC	Nascido em Tarso	
35 dC	Convertido no caminho de Damasco	
35-38 dC	Ministério na Arábia e em Damasco (Gl 1.17).	
38 dC	Visita a Jerusalém após a conversão (At 9.26; Gl 1.18).	
38-43 dC	Ministério na Síria e em Tarso (At 11.25; Gl 1.21).	
43-46 dC	Ministério em Antioquia com Barnabé. Viagem a Jerusalém (At 11.26)	
47-49 dC	1ª viagem missionária, em seguida concílio em Jerusalém (At 13-15)	
50 dC	Após 1ª viagem missionária (At 13-15)	Gálatas
50-52 dC	Durante a 2ª viagem missionária, provavelmente em Corinto (At 18.11).	1 e 2 Tessalonicenses
52-55 dC	Durante a terceira viagem missionária provavelmente em Éfeso (At 19.8-10)	1 e 2 Coríntios
55-56 dC	De Corinto (At 20.3).	Romanos
56 dC	Viagem a Jerusalém: preso (At 21.27 ss)	
56-59 dC	Preso em Cesaréia, viagem a Roma (At 24-28)	
59-61 dC	Ministério e prisão em Roma (At 28.30-31).	Efésios, Filipenses, Colossenses, Filemom
61 dC	Livramento do cativeiro Fp 1.25	
61-65 dC	Ministério na Ásia Menor e na Grécia	1 Timóteo, Tito
65 dC	Novamente preso, julgado e martirizado em Roma	2 Timóteo

<sup>7</sup> idem, p.38.

<sup>8</sup> Homens Como Uma mensagem, Campinas: ed Cristã Unida, p. 93.

### **Fontes de consulta**

“Paulo: vida, obra e teologia”, material apresentado em cumprimento às exigências da disciplina “Teologia Paulina” do curso de Mestrado em Novo Testamento na Faculdade Teológica Cristã do Brasil em Brasília/DF, no ano de 2008, por Reginaldo Correa de Carvalho

<http://iadrn.blogspot.com.br/2013/04/biografia-de-saulo-de-tarso-apostolo.html>

<http://www.vivos.com.br/164.htm>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\\_de\\_Tarso](https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_de_Tarso)

[http://www.abiblia.org/ver.php?id=1248&id\\_autor=25&id\\_utente=&caso=artigos](http://www.abiblia.org/ver.php?id=1248&id_autor=25&id_utente=&caso=artigos)

## **SAULO E GAMALIEL – A RELAÇÃO MESTRE-DISCÍPULO**

Saulo foi discípulo de um afamado mestre fariseu chamado Gamaliel. Isto está registrado em Atos 22.3. Assim, é importante conhecermos o que era um rabino, quem era Gamaliel, como era a educação judaica nesta época e como se dava este relacionamento entre mestre e discípulo para podermos compreender melhor a formação religiosa de Saulo de Tarso.

### **O que era um rabino?**

O primeiro ponto a esclarecer é que o rabino não é um sacerdote. Assim, ele não é estritamente necessário para a realização da maioria dos atos do ciclo de vida judaico, como o casamento, bar-mitzvá<sup>1</sup>, sepultamentos, etc. Os únicos atos que exigem a participação de um rabino são o divórcio, conversões e litígios que exijam a decisão de um tribunal rabínico.

No entanto, atualmente, em grande parte pela laicização da comunidade judaica, os rabinos assumiram o papel de condutores da maior parte das cerimônias religiosas.

Historicamente, a figura dos rabinos tem origem nos antigos juízes/anciãos de Israel.

Os juízes (vide Dt 16.18 e 17.8-11) eram pessoas experientes e com bastante conhecimento na Lei de Deus, chamada pelos judeus de Torah, e que poderiam auxiliar o povo nas questões levantadas.

Estes juízes eram escolhidos dentre homens capazes, experimentados, sendo eles colocados como árbitros sobre grupos de pessoas (uma espécie de Poder Judiciário da época), como nos mostra Êxodo 18.21-22.

O modelo, instituído por Moisés e mantido pelo povo era gradual; quanto maior a sabedoria e experiência do juiz, maior era a responsabilidade que lhe era confiada. Assim, se estabeleceu uma espécie de hierarquia de juízos.

Dentro dessa hierarquia, a principal corte era “a corte dos setenta anciãos”, que tinha autoridade para conduzir o povo de Israel, assim como Moisés fazia anteriormente (Nm 11.16-17).

Essa corte na realidade possuía setenta e uma pessoas, pois Moisés a presidia. Posteriormente, ela passou a ser presidida por Josué, e pelos juízes que se seguiram a ele.

---

<sup>1</sup> É o nome dado à cerimônia que insere o jovem judeu como um membro maduro na comunidade judaica.

Posteriormente, quando o grego se tornou a língua principal no mundo, essa corte passou a ser chamada de sinédrio<sup>2</sup>.

O processo de escolha dos integrantes do sinédrio é assim descrito por Rambam (Maimônides):

*“Nossos sábios relatam: Para o Grande Sinédrio, eles enviavam emissários por toda a terra de Israel para buscarem juízes. Aquele que eles achassem ser sábio, temente a Deus, humilde, dotado de discernimento, maduro, amigável, eles o faziam juiz na sua cidade. E de lá, eles o promoviam à corte que se reunia na entrada do Monte do Templo, e de lá eles o promoviam à corte que se reunia à entrada do Pátio do Templo, e de lá, ao Grande Sinédrio”<sup>3</sup>*

Aqui, é importante mencionar que, com o passar do tempo, o título de “juiz” foi se modificando, ganhando outros nomes, seja por uma evolução do próprio hebraico, seja por influência das línguas do exílio ou de línguas adjacentes.

De onde, portanto, vem o termo rabino? Na realidade, rabino, no português, vem de rabi.

E ‘rabi’ é um termo que veio do aramaico e era utilizado para se referir a pessoas em posições de autoridades. Pode-se observar um pouco desse uso nos livros de 2 Reis e Daniel:

*“Também o capitão-da-guarda (rabi) tomou a Seraías, primeiro sacerdote, e a Sofonias, segundo sacerdote, e aos três guardas do umbral da porta” (2 Reis 25:18).*

*“E disse o rei a Aspenaz, chefe (rabi) dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, e da linhagem real e dos príncipes” (Daniel 1:3)*

Os judeus ao verem os babilônios chamarem os seus juízes, oficiais e líderes de ‘rabi’ (ou ‘rab’ no aramaico) passaram também a adotar esse costume.

O uso de tal título começou a se popularizar no primeiro século da Era Comum, quando havia forte influência do aramaico em meio ao povo judeu. Muitos judeus do norte de Israel falavam aramaico como sua língua principal.

Além do termo “rabi”, usado para os juízes e mestres da Lei, passou-se a adotar o termo “rabani” para o presidente do Sinédrio.

---

<sup>2</sup> synedrion do grego “assentar-se junto”

<sup>3</sup> Mishneh Torah – Sefer Shofetim – Hilcot Sanhedrin weha’Unshin haMessurin Lahem 2:8

### Quem era Gamaliel?

A palavra “Gamaliel” significa “recompensa de Deus”. Gamaliel era um afamado mestre fariseu. Ele representava uma das duas principais escolas de interpretação legal e de pensamento do judaísmo.

Ele era discípulo (provavelmente neto) de Hillel, “o Ancião”, fundador de uma destas escolas de interpretação. Hillel formou a primeira faculdade teológica da história, destinada a formar mestres do judaísmo, entre os anos 30 a.C. e 10 d.C. Sua escola foi a responsável pela formação dos fariseus e foi Hillel quem deu início à formação do Talmude. A outra principal escola de interpretação judaica era a do rabino Shamaï, rival de Hillel.

Gamaliel herda de seu avô a paixão pelos estudos e se torna o seu sucessor na direção da “Casa de Hillel”. Depois da destruição do templo de Jerusalém, em 70dC, a “Casa de Hillel” tornou-se a expressão oficial do judaísmo até o quinto século da era cristã, visto que todas as outras seitas praticamente desapareceram com a destruição do templo de Jerusalém. Gamaliel ocupou durante algum tempo a presidência do Sinédrio, pois era chamado de “Raban”, título que o distinguia de todos os outros rabinos.

As decisões da “Casa de Hillel” serviam muitas vezes de base para a lei judaica na Míxena<sup>4</sup>, que se tornou o fundamento do Talmude<sup>5</sup>. A influência de Gamaliel era um grande fator na sua predominância. De fato, Gamaliel tornou-se uma pessoa tão respeitada, que a Míxena diz a seu respeito: “*Quando Raban Gamaliel, o velho, faleceu, cessou a glória da Tora, e pereceram a pureza e a santidade [lit. “separação”].*” — *Sotah 9:15*.

Em harmonia com o ensino farisaico, Gamaliel promovia a crença na lei oral. Dava assim maior ênfase às tradições dos rabinos do que às Escrituras inspiradas. (Mt 15.3-9) A Míxena cita Gamaliel como dizendo: “*Arruma para ti um instrutor [um rabino] e livra-te da dúvida, porque não debes dar um dízimo excessivo por mera conjectura*”<sup>6</sup>. Isso significava que, quando o Antigo Testamento não especificava o que fazer, não se devia usar o próprio raciocínio ou seguir a própria consciência para tomar uma decisão. Em vez disso, devia-se achar um rabino habilitado, que tomaria a decisão por ele. Segundo Gamaliel, só assim se podia evitar o pecado<sup>7</sup>.

Apesar disso, Gamaliel, em geral, era conhecido pela atitude mais tolerante e liberal nos seus decretos jurídicos, religiosos. Por exemplo, ele tinha consideração para com as mulheres, ao decidir que ele “*permitiria a uma esposa casar-se de novo à base da atestação [da morte do seu marido] por uma única*

---

<sup>4</sup> Também conhecida como Mixná ou Mixna é uma das principais obras do judaísmo rabínico, e a primeira grande redação na forma escrita da tradição oral judaica, chamada a Torah Oral.

<sup>5</sup> Um dos livros básicos da religião judaica, contém a lei oral, a doutrina, a moral e as tradições dos judeus. Surgiu da necessidade de complementar a Torah, foi editado em aramaico como um extenso comentário sobre seções da Míxena, reunindo textos do século III até o século V

<sup>6</sup> Avot 1:16

<sup>7</sup> Veja a pancada que Paulo mais tarde dará neste pensamento em Rm 14.1-12

*testemunha*<sup>8</sup>. Além disso, para proteger a divorciada, Gamaliel introduziu diversas restrições na emissão da carta de divórcio.

Esse espírito é também percebido na maneira de Gamaliel tratar os primeiros seguidores de Jesus Cristo. O livro de Atos relata que, quando outros líderes religiosos procuravam matar os apóstolos de Jesus, os quais eles tinham prendido por pregarem, *“levantou-se certo homem no Sinédrio, um fariseu de nome Gamaliel, instrutor da Lei, estimado por todo o povo, e mandou que pusessem os homens para fora por um pouco de tempo. E ele lhes disse: ‘Homens de Israel, prestai atenção a vós mesmos quanto ao que pretendeis fazer com respeito a estes homens. ... Digo-vos: Não vos metais com estes homens, mas deixai-os em paz; ... senão podereis talvez ser realmente achados como lutadores contra Deus.’”* Eles acataram o conselho de Gamaliel e, após uns açoites, soltaram os apóstolos (At 5:34-40).

Em função da importância de Gamaliel, alguns pais, com melhores condições financeiras, custeavam uma espécie de "internato" para seus filhos na "Casa de Hilel" e Gamaliel se tornava o tutor, assumindo a responsabilidade de conduzir aquele garoto no aprendizado.

Saulo de Tarso foi um desses garotos, que ao demonstrar grande interesse pelo conhecimento da Torah, foi entregue aos cuidados de Gamaliel e com ele permaneceu até à conclusão do curso.

Alguém que se formava "aos pés de Gamaliel" era considerado dono de um excelente currículo e candidato a uma cadeira no Sinédrio. E assim, foi com Saulo de Tarso. Tornou-se um doutor da Lei, podendo gabar-se de ter sido alguém que teve como tutor o homem mais sábio de sua época.

Diante deste cenário, podemos perceber que Saulo fora treinado e educado por um dos maiores instrutores rabínicos do primeiro século. Sem dúvida, o apóstolo ao mencionar o Raban Gamaliel induziu a multidão em Jerusalém a dar atenção especial ao seu discurso (At 22.1-3). Mas ele falou-lhes de um Instrutor muito superior a Gamaliel — Jesus, o Messias. Foi então como discípulo de Jesus, não de Gamaliel, que Paulo se dirigiu à multidão (At 22.4-21).

É bastante provável que a instrução rigorosa nas Escrituras e na lei judaica tenha sido útil para Saulo como instrutor cristão. No entanto, as cartas divinamente inspiradas de Paulo, encontradas na Bíblia, mostram claramente que ele rejeitava a essência das crenças farisaicas de Gamaliel. Paulo orientou seus conterrâneos judeus e todos os outros não para seguir os rabinos do judaísmo, nem para adotar tradições humanas, mas para seguir a Jesus Cristo (Rm 10.1-4).

Se Saulo tivesse continuado a ser discípulo de Gamaliel, ele teria usufruído grande prestígio. Outros do círculo de Gamaliel ajudaram a definir o futuro do judaísmo. Por exemplo, Simão, filho de Gamaliel, talvez colega de

---

<sup>8</sup> levamot 16:7, the Mishnah

estudos de Saulo, desempenhou um grande papel na revolta judaica contra Roma. Após a destruição do templo, o neto de Gamaliel, Gamaliel II, restabeleceu a autoridade do Sinédrio, transferindo-o para Jabneh. O neto de Gamaliel II, Judá ha-Nasi, foi o compilador da Míxena, que se tornou a base do pensamento judaico até o dia de hoje.

Saulo de Tarso, como aluno de Gamaliel, poderia ter obtido grande proeminência no judaísmo, até porque ele era um dos mais destacados discípulos (Gl 1.14). Mas Paulo escreveu a respeito de tal carreira: *“Mas o que para mim era lucro, passei a considerar perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por cuja causa perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar a Cristo”* (Fp 3.7-8).

### **Como era o ensino judaico na época?**

A Bíblia não fornece uma descrição profunda da educação judaica. Através de indícios espalhados nas Escrituras, bem como em outras fontes, conseguimos formar um quadro sobre o tema.

Entre os judeus da Dispersão, deve ter tido a educação um importante lugar, desde tempos antigos, pois a sua sobrevivência dependia da perpetuação das suas convicções nacionais. Desarraigados da sua terra, sem defesa militar própria, só poderiam conservar a sua identidade nacional na proporção em que se mantivessem como um grupo separado, com a sua própria cultura e a sua vida espiritual. Num tempo tão recuado como o de Esdras, havia leitura pública da lei e ensino do seu significado — uma qualidade de educação adulta que era consistentemente mantida pela sinagoga.

A escola desenvolveu-se com a sinagoga. Nunca houve no Judaísmo a educação geral obrigatória que prevalece hoje; mas a comunidade judaica provia geralmente alguma espécie de instrução para as crianças, para que elas fossem capazes de ler a Torah, escrever e fazer operações simples de aritmética.

As escolas da Palestina no tempo de Jesus eram tradicionalmente o resultado da influência de um famoso fariseu e escriba, Simão ben Shatach, que viveu cerca de 75 a.C. Segundo o Talmude, ele decretou que todas as crianças frequentassem uma escola elementar. As suas palavras são citadas ambigualmente. Podem significar que as crianças deviam frequentar escolas já estabelecidas, ou que deviam ser organizadas escolas para elas. Em qualquer dos casos é atribuída a Simão uma reforma pela qual o estado provia professores para rapazes das províncias, e pela qual também estabelecia escolas nas cidades das províncias. Josué ben Gamla instituiu escolas públicas para rapazes de seis e sete anos de idade em todas as cidades da Palestina. Havia um professor para cada vinte e cinco rapazes. Se houvesse quarenta rapazes, era dado um assistente ao professor. A instrução era limitada, mas completa. Antes da criança ir para a escola, era obrigada a aprender em casa o Shema, ou credo judaico (Dt 6.4), a que Jesus se referiu quando lhe perguntavam qual era o maior mandamento da lei (Mt 22.35-38). Devia também ter aprendido de memória

passagens da Torah, certos provérbios comuns e alguns salmos escolhidos. Na escola, submetido a exercícios pelo professor, devia repetir as palavras da Torah. Usualmente o professor sentava-se na plataforma baixa com os alunos sentados em semicírculo na sua frente, como Paulo se sentou “aos pés de Gamaliel” (At 22.3).

Por isso, nesta época, o analfabetismo era muito raro entre os judeus do sexo masculino. Até porque, ao completar 13 anos, os meninos deviam comparecer à sinagoga e ler uma passagem da *Torah*. Era o *Bar-Mitzvá*, um rito de passagem no qual o jovem se tornava responsável por todos os seus atos. Por força dessa tradição, na sinagoga, todos os garotos recebiam uma instrução elementar, que compreendia a leitura, a escrita, a história do povo judeu e o conhecimento dos principais salmos da Bíblia, adotados como orações.

A educação judaica era inteiramente unificada, pois cada ramo do conhecimento judaico amalgamava-se com a teologia. A lei era o centro do currículo. Nas escolas mais adiantadas, eram permitidos alguns conhecimentos de grego e talvez um tanto de latim, mas muitos dos rabis olhavam o saber gentílico com desdém, e não permitiam aos seus alunos que a eles se dedicassem.

A educação vocacional era favorecida pelos judeus. Os rabis tinham o seguinte ditado: *“Todo aquele que não ensina um ofício ao seu filho faz dele ladrão”*. Usualmente cada jovem judeu aprendia a trabalhar com as suas mãos e assim se sustentava. O Senhor Jesus era carpinteiro (Mc 6.3), e Paulo fazia tendas (At 18.3). Esta importância dada ao trabalho manual fazia do judeu um cidadão independente. Equilibrava as suas ocupações intelectuais com habilidades físicas e habituava-se a encontrar emprego lucrativo.

Geralmente, as moças não eram educadas nas escolas da sinagoga. Eram ensinadas em casa nas artes domésticas, que eram uma preparação para o casamento. Com a queda do estado judaico, o judaísmo sucumbiu perante o helenismo da Diáspora. Na Palestina, as escolas judaicas excluíram a erudição grega e organizaram o sistema estrito que caracterizou a ortodoxia judaica até hoje.

Um sinal característico da vida judaica era o entusiasmo pela educação. O estudo da Torah era um indício de piedade e o judeu devoto dedicava muito tempo ao estudo da lei. Visto que a cultura educacional era encarada como um aspecto da religião, o povo judaico conservava um padrão intelectual que muitos gentios não tinham. *“...O esforço para educar todo o povo na sua religião criou um único sistema de educação universal, cujos verdadeiros elementos compreendiam não somente a leitura e a escrita, mas uma língua antiga e a sua literatura clássica. O alto valor intelectual e religioso assim posto na educação era indelevelmente impresso na mente e, pode-se dizer, no caráter judaico, e as instituições criadas para isso perpetuaram-se até ao presente.”*

### **A relação mestre-discípulo**

As crianças judias (homens) eram ensinadas com base na sagrada escritura.

O primeiro estágio na preparação de um menino judeu era chamado de “Beit Sefer”. Neste primeiro estágio, a criança, de aproximadamente 6 anos, era levada pelos pais à sinagoga, de manhã e de tarde, e estudava até os 10 anos de idade. Neste período, a criança aprendia a ler, escrever e deveria memorizar, literalmente, a Torah (os cinco primeiros livros da Bíblia). Após este período de 4 anos, somente os melhores alunos, os mais qualificados, continuavam estudando e o resto das crianças eram enviadas para casa para aprender a profissão de seus pais para sustento próprio<sup>9</sup>. Aqueles que tinham apenas esta formação básica eram considerados iletrados (At 4.13).

O segundo estágio de estudo era chamado de “Beit Talmud” e durava dos 10 aos 14 anos de idade. Nesta fase, deveria se memorizar todo o Velho Testamento (de Gênesis a Malaquias). Além disto, os meninos recebiam algumas primeiras instruções sobre o Talmude (livro que registrava a interpretação da Lei pelos rabinos). Diferentemente do estágio anterior, no “Beit Talmud” as crianças estudavam um turno na sinagoga e no outro aprendiam a profissão de seus pais. Igualmente, ao final deste estágio, os alunos são devolvidos para suas famílias para seguirem a profissão de seus pais.

Depois desse estágio, ocorria de alguns alunos se encantarem com a sabedoria e vida de algum rabino. A admiração do discípulo pela figura do rabino não era apenas intelectual, ele não queria apenas saber o que o rabino sabia, mas queria ser como o rabino e queria aprender a fazer o que o rabino fazia. O já adolescente, então, se dirigia até o rabino a quem ele desejava ser igual e lhe propunha ser seu discípulo em tempo integral.

Aqui é necessário acrescentar uma informação: o rabino era uma figura de imenso destaque na cultura judaica, tanto pela sua sabedoria, como pela sua posição hierárquica na religião, o que fazia com que fosse admirado por todos e ouvido com muita atenção. Os rabinos eram o suprassumo daquela sociedade judaica, eram homens muito conhecedores das escrituras e muito inteligentes. Eram os cérebros daquele tempo.

Como já dito, os rabinos diferiam na interpretação da Torah, tanto que havia pelo menos duas principais escolas de interpretação. Um rabino diria sobre um verso ou comando: "Isso é o que significa seguir esse verso ou seguir esse comando de Deus.". Mas outro rabino diria: "Não, eu acho que significa algo diferente." Então rabinos diferentes tinham visões e interpretações diferentes sobre como viver, entender e interpretar as Escrituras. A esse conjunto de interpretações chamava-se a "gema" do rabino.

---

<sup>9</sup> “Todo aquele que não ensina um ofício ao seu filho faz dele ladrão”

Então quando alguém pedia a um rabino para se tornar um de seus discípulos, o que queria assimilar era a "gema" daquele rabino, para aprender o conhecimento à maneira daquele rabino, para agir como o rabino e, então, ser como aquele rabino.

Grande parte do ensino rabínico era oral, até porque eram nuances particulares da interpretação daquele rabino, somente compartilhadas com os discípulos, o que exigia ainda mais do pretendente a discípulo. Se exigia que ele fosse inteiramente fiel ao que lhe fora confiado.

Referente a esse treinamento mestre-discípulo, o professor titular Dov Zlotnick, do Seminário Teológico Judeu da América, escreve:

*“A exatidão da lei oral, portanto, sua confiabilidade, depende quase que inteiramente do relacionamento entre mestre e discípulo: do cuidado do mestre no ensino da lei e da presteza do discípulo em aprendê-la ... Por isso, instava-se com os discípulos a sentar-se aos pés dos eruditos ... ‘e beber as suas palavras com sede’.”<sup>10</sup> —.*

Emil Schürer, no seu livro *A History of the Jewish People in the Time of Jesus Christ* (História do Povo Judeu no Tempo de Jesus Cristo), lança luz sobre os métodos dos instrutores rabínicos do primeiro século. Ele escreve:

*“Os rabinos mais famosos muitas vezes reuniam em sua volta grande número de jovens desejosos de instrução, com o fim de familiarizá-los cabalmente com a ‘lei oral’ muito ramificada e verbosa. ... A instrução consistia num contínuo e persistente exercício de memória. ... O instrutor apresentava aos seus alunos diversas questões legais para as resolverem, e deixava-os responder ou ele mesmo as respondia. Permitia-se também aos alunos fazer perguntas ao instrutor.”*

No conceito dos rabinos, para os alunos estava em jogo muito mais do que apenas serem aprovados. Advertia-se os que estudavam neste estágio:

*“Quem se esquecer de uma única coisa do que aprendeu — a Escritura o considera como pondo a vida em jogo.”<sup>11</sup> O maior louvor era dado ao estudante que era como “um poço rebocado, que não perde uma só gota de água”<sup>12</sup>.*

Diante da proposta do aluno, o rabino o sujeitaria a diversos testes para saber se aquele jovem tinha condições de tornar-se um discípulo seu. O rabino fazia uma escolha muito cuidadosa, pois o discípulo tinha a incumbência de manter, no futuro, viva a doutrina (gema) daquele rabino, então era necessário escolher o melhor aluno possível, de modo que este pudesse entender e

---

<sup>10</sup> Avot 1:4, the Mishnah

<sup>11</sup> Avot 3:8

<sup>12</sup> Avot 2:8

preservar integralmente os seus ensinamentos (a escola de pensamento e interpretação do rabino estaria preservada).

Alguns dos testes eram, por exemplo, citar quantas ocorrências no Velho Testamento possuía a palavra SENHOR ou até mesmo falar o versículo anterior e posterior de uma palavra escolhida aleatoriamente pelo rabino. Seriam feitas questões, ainda, sobre os profetas, sobre as tradições orais, com o objetivo de saber: Este rapaz pode sentar-se à minha frente? Ele pode fazer o que eu faço? Será que pode divulgar a minha gema? Será que ele tem o que é preciso?

Após os testes, se o rabino entendesse que o jovem era bom, que amava a Deus e que amava a Torah, mas que não era capaz o suficiente, não era o melhor dos melhores dos melhores, o rabino diria ao rapaz: *"Vejo que ama a Deus e conhece a Torah, mas não tem as qualidades para ser meu discípulo."* E diria algo como: *"Volte para sua família e siga a profissão de seus pais"*.

Mas se o rabino concluísse: *"Este rapaz tem as qualidades necessárias. Acho que este rapaz pode fazer o que eu faço."* Então o rabino diria ao jovem: *"Venha e siga-me. Tome sobre você o meu jugo"*. Então, este jovem de 14 ou 15 anos de idade deixaria a família, os amigos, a sinagoga, o vilarejo, e devotaria a sua vida inteira a ser como aquele rabino, aprendendo a agir como o rabino. Isto é o que significava ser um discípulo: viver a vida do rabino, aprendendo a ser como ele em tudo. O discípulo estava sempre andando atrás do seu mestre. A poeira que o rabino pisou acabava grudada na frente da roupa do discípulo. Disso, surgiu um ditado: *"Que você fique coberto pela poeira do seu rabino"*.

Só após comprovar a qualificação exigida/pretendida pelo rabino, vinha o terceiro estágio que era chamado de "Beit Midrash", no qual o discípulo aprenderia a doutrina de seu rabino para enfim se tornar um.

Tentando fazer um paralelo com o tempo atual, ser aceito por um rabino era como passar no vestibular da mais conceituada universidade do mundo.

Pois bem, Saulo se mudou de Tarso para estudar com Gamaliel em Jerusalém, distante 800km da sua cidade natal. O seu objetivo era ser igual ao seu rabino, Gamaliel, imitando-o em tudo, viver a vida dele.

### **A importância de entender esta relação mestre-discípulo**

Um novo rabino chegou à cidade. A sua fama corre pela região e contam-se feitos maravilhosos a seu respeito. Fala-se de milagres e que ele fala com autoridade como nenhum outro antes (Mt 7.29).

Este rabino, como todos os outros da época, tem um grupo de discípulos, de seguidores, que estão fazendo de tudo para acompanhá-lo, pois devotaram suas vidas a seguir o rabino. Essa é uma cena que todos já tinham visto diversas vezes naqueles tempos.

Esse rabino, quando passava ao longo do mar da Galiléia, encontra dois irmãos, Pedro e André, que eram pescadores, e diz: "Venham. Sigam-me".

Se eles são pescadores e foram convidados a se tornarem seus discípulos, então é porque eles não estão seguindo nenhum outro rabino; e se não estão seguindo outro rabino, é porque não passaram nos testes, não são "os melhores dos melhores" ou nem tentaram. Pedro e André imediatamente largaram suas redes e o seguiram.

Você não acha isso estranho? Não acha esquisito? Eles pararam imediatamente o que estavam fazendo, largaram tudo e foram seguir este rabino.

Se você colocar isso no seu verdadeiro contexto original, faz mais sentido. Os rabinos eram os mais honrados, respeitados e reverenciados de todos e em qualquer lugar. Apenas os "melhores dos melhores dos melhores" chegavam a ser rabinos. E esse rabino chega na praia e diz: "Venha me seguir" (Mt 4.18-20).

É como se, atualmente, chegasse em sua casa uma carta da universidade de Oxford dizendo: você ganhou uma bolsa integral, com tudo incluso, para estudar conosco no curso de sua preferência, mas você tem que vir para cá hoje. O que você faria? Provavelmente largaria tudo e ia correndo pra Oxford. Foi o que eles fizeram!

O rabino continua andando e encontra outros dois irmãos, Tiago e João, que estavam pescando com seu pai, Zebedeu (Mt 4.21-22). Se eles pescavam com seu pai, o que eram? Eram aprendizes do ofício. E se o rabino os quer como discípulos, é porque eles não eram discípulos de outro rabino. Ou seja, Tiago e João não eram bons o bastante. Também não tinham passado no teste. Não eram os melhores dos melhores...<sup>13</sup>

André, Pedro, Tiago e João, neste momento, não tinham a menor ideia de que estavam a seguir o Messias. Tratava-se apenas do convite de um rabino para que se tornassem rabinos iguais a ele!

Mas este rabino é diferente! Não são os discípulos que o procuram, Ele é quem busca os discípulos (Jo 15.16)! E ele não chama os melhores, ele chama reprovados, incapazes, pecadores (Mt 9.12; I Co 1.27-28)! Ele convida a todos os fracos, desanimados, incompetentes a se tornarem seus discípulos: *"Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve"* (Mateus 11.28-30).

---

<sup>13</sup> Muito provavelmente, Pedro e João só completaram o "Beit Sefer", pois eram conhecidos como iletrados e indoutos (At 4.13).

Este rabino diz que se acreditassem nele, seus discípulos (estes fracos, incompetentes, pecadores) fariam as mesmas coisas e coisas ainda maiores (Jo 14.12)! Diz também que os seus discípulos deveriam guardar e ensinar a outros tudo que aprenderam, fazendo novos discípulos (Mt 28.19-20).

Não preciso dizer o nome deste rabino, você o conhece. Mas você percebeu como Ele valeu-se da cultura em que estava inserido para explicar/aplicar o Evangelho? Percebeu que a proposta não é de aprendizado de uma doutrina, mas de segui-lo de perto, andando por onde ele andar? Que é abandonar tudo e segui-lo? Que é imitá-lo em tudo, inclusive nas pequenas coisas que aparentemente não dizem respeito à fé (Ef 5.1; I Co 4.16; I Co 11.1; I Ts 1.6; Hb 13.7; Fp 3.17)? Que é obedecer mesmo quando não concordamos ou entendemos as razões do Mestre (Lc 5.5)? Que é negar a própria vida para viver a vida do Mestre (Gl 2.20), fazendo o que ele faz, falando o que ele fala e pensando como ele?

Lembra do ditado: *"Que você fique coberto pela poeira do seu rabino"*?

Essa é a essência do discipulado do Nazareno. Segui-lo implica prestar atenção Nele, olhar atentamente para tudo o que Ele faz, ouvir o que Ele diz, perceber os milagres que Ele realiza, imaginar e dar atenção à maneira como se relaciona com Seu Pai, como fala com Ele, porque a grande ambição de um discípulo é ser igual a seu Mestre. Essa é nossa grande ambição: tornarmo-nos pessoas iguais ao nosso Mestre.

Ele quer que nos tornemos outro tipo de pessoa. Um tipo de pessoa exatamente igual a Ele. Foi por isso que, quando Jesus chamou seus discípulos, os chamou para que estivessem com Ele (Mc 3.13-14a). Somente a proximidade gera intimidade.

É nesta intimidade que somos transformados por Ele (Jo 15.4). É nesta comunhão que vamos pensando igual a Ele. É nesta ligação que vamos agindo e falando como Ele, sem nem percebermos.

Ou seja, o nosso maior esforço não deveria ser para nos transformarmos. Já vimos que Ele escolhe os reprovados... Não temos capacidade para isso. O nosso maior esforço deveria ser por estar perto do Mestre, estar ligados a Ele, estar tão próximos que a poeira dos seus pés nos cubra.

#### **Fontes de consulta**

"Paulo: vida, obra e teologia", material apresentado em cumprimento às exigências da disciplina "Teologia Paulina" do curso de Mestrado em Novo Testamento na Faculdade Teológica Cristã do Brasil em Brasília/DF, no ano de 2008, por Reginaldo Correa de Carvalho

<http://crfernandes.blogspot.com.br/2010/01/referencia-biblicas-aperterte-ctrl-e.html>

<http://www.comentariojovem.com.br/2011/03/03/de-beit-sefer-ate-rabinos-qui-0303/>

<http://pcbrasil10.webnode.com.br/news/ser-discipulo/>

<http://matheussouzablog.blogspot.com.br/2010/04/poeira.html>

<http://personagembiblico.blogspot.com.br/2011/06/gamaliel-instrutor-de-saulo-de-tarso.html>

<http://www.sandovaljuliano.com.br/site/curiosidades/47-biografia-dos-personagens-biblicos/760-criado-aos-pes-de-gamaliel>

<http://emissoesagora.blogspot.com.br/2013/04/discipulo-e-rabino-fe-esta-depositada.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=YmtITi5Tm6g>

<http://qol-hatora.org/pergunta-da-semana/o-que-e-um-rabino/>

<http://www.vivos.com.br/307.htm>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rabino>

<https://salmo37.wordpress.com/2013/06/23/poeira/>

## SAULO, O FARISEU

Como discípulo de Gamaliel, que era fariseu, Saulo tornou-se um destacado rabino fariseu em sua época (Fp 3.5-6).

Tanto que alguns defendem que ele chegou a compor o Sinédrio, a mais alta corte de interpretação legal e de justiça entre os judeus, conforme dão a entender os versículos abaixo:

*“E foi exatamente isso que fiz em Jerusalém. Com autorização dos chefes dos sacerdotes lancei muitos santos na prisão, e quando eles eram condenados à morte eu dava o meu voto contra eles.” Atos 26.10*

*“Persegui os seguidores deste Caminho até a morte, prendendo tanto homens como mulheres e lançando-os na prisão, como o podem testemunhar o sumo sacerdote e todo o Conselho, de quem cheguei a obter cartas para seus irmãos em Damasco e fui até lá, a fim de trazer essas pessoas a Jerusalém como prisioneiras, para serem punidas.” Atos 22.4-5*

A única corte de justiça judaica que poderia condenar alguém à morte, segundo o que se tem notícia, era o Sinédrio. Assim, se Saulo votava pela morte de cristãos, deduz-se que ele, em algum momento, compôs este colegiado.

Para fazer parte deste colegiado, dentre outros requisitos, o judeu deveria ter mais de 30 anos e ser casado. Aqui entra em discussão outra questão: Saulo foi casado?

O que sabemos com certeza é que no momento em que escrevia a carta aos Coríntios, Paulo não era casado, conforme se percebe pela leitura destes versículos:

*“Gostaria que todos os homens fossem como eu; mas cada um tem o seu próprio dom da parte de Deus; um de um modo, outro de outro. Digo, porém, aos solteiros e às viúvas: é bom que permaneçam como eu.” 1 Coríntios 7.7-8*

*“Gostaria de vê-los livres de preocupações. O homem que não é casado preocupa-se com as coisas do Senhor, em como agradar ao Senhor.” 1 Coríntios 7.32*

Difícilmente, mesmo sendo discípulo de Gamaliel, Saulo se tornaria um membro do Sinédrio se fosse solteiro (na cultura judaica era vergonhoso um homem sem descendentes). Então, o mais provável, é que Saulo fosse viúvo ao escrever suas cartas e ao realizar as viagens missionárias.

## Os fariseus

Os fariseus eram um grupo religioso, que surgiu aproximadamente no século II a.C.

A origem dos fariseus é notável, uma vez que representa uma resistência contra o sincretismo, a profanação e a secularização da fé judaica. Os fariseus, bem como os essênios<sup>1</sup> lutaram contra a diluição da fé judaica durante o domínio dos gregos na Palestina.

Infelizmente, o zelo dos fariseus tornou-se fanatismo. Eram profundamente cuidadosos na guarda do sábado, das restrições alimentares e das tradições que lhes foram legadas. Paulo afirma que como fariseu era mais zeloso que seus demais companheiros da mesma idade (Gl 1.14).

A palavra *Fariseu* tem o significado de "separados", "a verdadeira comunidade de Israel", "santos". Tal significado é normalmente interpretado como "aqueles que se separaram" do resto da população comum para se consagrar ao estudo da Torá e das suas tradições. Todavia, esta separação não envolvia estar isolado da sociedade, já que julgavam ser importante o ensino à população das escrituras e das tradições.

Os fariseus eram em sua maioria empresários de classe média e, por conseguinte, tinham contato constante com o homem comum. Apesar de serem uma minoria no Sinédrio (a maioria era de saduceus<sup>2</sup>), eles pareciam controlar o

---

<sup>1</sup> Segue link para quem quiser conhecer mais sobre os essênios e outros grupos religiosos existentes naquela época <http://www.napec.org/religoes/os-grupos-judaicos-na-epoca-de-cristo/>

<sup>2</sup> Durante o tempo de Cristo, aqueles que eram saduceus eram aristocratas. Eles tinham a tendência de ser ricos e de ocupar cargos poderosos, incluindo o cargo de primeiro sacerdote e de sumo sacerdote. Eles também ocupavam a maioria dos 70 lugares do Sinédrio.

Eles trabalhavam muito duro para manter a paz, sempre seguindo as decisões romanas (Israel nesta época estava sob o controle romano) e, na realidade, pareciam estar mais preocupados com a política do que com a religião. Porque estavam sempre tentando acomodar o judaísmo aos gostos de Roma, e porque eles eram ricos e da classe alta, eles não se relacionavam bem com o homem comum, nem o homem comum os enxergava com alta estima - o judeu comum se relacionava melhor com o grupo dos fariseus.

Embora os saduceus ocupassem a maioria dos lugares no Sinédrio, a história indica que a maior parte do tempo eles tinham que ceder às ideias da minoria farisaica, já que estes eram mais populares.

Os saduceus eram mais conservadores na doutrina do que os fariseus, pois, diferentemente destes, os saduceus consideravam apenas a Palavra Escrita como sendo de Deus. Assim, trabalhavam arduamente para preservar a autoridade da Palavra escrita de Deus, especialmente os livros de Moisés (Gênesis até Deuteronômio).

Conquanto, possam ser elogiados por isso, eles definitivamente não foram perfeitos em suas opiniões doutrinárias. Segue-se uma breve lista de suas crenças que contradizem as Escrituras:

1. Eram extremamente autossuficientes, a ponto de negarem o envolvimento de Deus na vida cotidiana;
2. Não criam na ressurreição dos mortos (Mt 22.23; Mc 12.18-27; At 23.8);
3. Não criam em qualquer vida depois da morte, defendendo a crença de que a alma perecia com a morte; eles acreditavam que não havia qualquer penalidade ou recompensa depois da vida terrena;
4. Negavam a existência de um mundo espiritual, ou seja, anjos e demônios (At 23.8).

Porque os saduceus estavam mais preocupados com a política do que com a religião, somente passaram a se preocupar com Jesus quando Ele começou a chamar a atenção indesejada de Roma. Foi a esta altura que fariseus e saduceus se uniram e planejaram que Cristo fosse morto (Jo 11.48-50; Mc 14:53; Mc 15:1).

processo decisório do Sinédrio muito mais do que os saduceus, já que tinham o apoio do povo.

Eles criam na Torá (Velho Testamento) como Palavra inspirada por Deus, mas criam também na tradição oral dada pelos mestres da Lei (rabinos), a ponto de a interpretação correta da Torá ser possível apenas pela mediação do rabino. Ou seja, a tradição oral, no farisaísmo, tinha a mesma autoridade da Escritura. Por causa disto, os fariseus procuravam obedecer rigorosamente a estas tradições juntamente com o Antigo Testamento. Os Evangelhos abundam com exemplos dos fariseus tratando essas tradições como sendo iguais à Palavra de Deus:

*“Então os discípulos de João vieram perguntar-lhe: "Por que nós e os fariseus jejuamos, mas os teus discípulos não?"” Mateus 9.14*

*“Então, Jesus disse à multidão e aos seus discípulos: "Os mestres da lei e os fariseus se assentam na cadeira de Moisés. Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles lhes dizem. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam. Eles atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los. Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens. Eles fazem seus filactérios bem largos e as franjas de suas vestes bem longas;” Mateus 23.1-5*

*“Os fariseus e alguns dos mestres da lei, vindos de Jerusalém, reuniram-se a Jesus e viram alguns dos seus discípulos comerem com as mãos "impuras", isto é, por lavar. (Os fariseus e todos os judeus não comem sem lavar as mãos cerimonialmente, apegando-se, assim, à tradição dos líderes religiosos. Quando chegam da rua, não comem sem antes se lavarem. E observam muitas outras tradições, tais como o lavar de copos, jarros e vasilhas de metal.) Então os fariseus e os mestres da lei perguntaram a Jesus: "Por que os seus discípulos não vivem de acordo com a tradição dos líderes religiosos, em vez de comerem o alimento com as mãos 'impuras'?" Ele respondeu: "Bem profetizou Isaías acerca de vocês, hipócritas; como está escrito: 'Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens'. Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens". E disse-lhes: "Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira para pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecer às suas tradições! Pois Moisés disse: 'Honra teu pai e tua mãe', e 'quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe terá que ser executado'. Mas vocês afirmam que se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: 'Qualquer ajuda que vocês poderiam*

---

Os saduceus deixaram de existir em 70 D.C. Já que este grupo existia por causa de seus laços políticos e sacerdotais, quando Roma destruiu Jerusalém e o Templo em 70 D.C., os saduceus também foram destruídos.

*receber de mim é Corbã', isto é, uma oferta dedicada a Deus, vocês o desobrigam de qualquer dever para com seu pai ou sua mãe. Assim vocês anulam a palavra de Deus, por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram. E fazem muitas coisas como essa".*  
Marcos 7.1-13

Na sua ânsia de agradarem a Deus, os líderes do farisaísmo foram “interpretando” textos bíblicos à sua maneira, exigindo dos fiéis comportamentos muito mais restritos, pesados, do que a Bíblia exigia. Por isso mesmo, o senhor Jesus dizia que seu fardo era leve, suave, em oposição ao ensino farisaico.

Com o passar do tempo, foram sendo criadas “interpretações” dos textos bíblicos, a ponto de, no tempo de Jesus, a tradição ter criado 39 proibições de conduta somente referentes à guarda do sábado. Os fariseus estavam proibidos de: semear; arar; colher; agrupar feixes; debulhar; dispersar; catar; moer; peneirar; preparar massa; assar; tosquiar; lavar a lã; desembaraçar a lã; tingir a lã; fiar; tecer; dar dois nós; tecer dois fios; separar duas linhas; atar; desatar; coser; rasgar; caçar; abater; raspar o couro; curtir o couro; alisar o couro; demarcar o couro; cortar; escrever; apagar; construir; demolir; acender fogo; apagar ou diminuir o fogo; martelar; transportar algo desde um ambiente particular a um público.

Ainda não satisfeitos, os líderes foram ampliando as proibições, chegando ao número absurdo de 612 proibições somente em relação à guarda do sábado. O cumprimento da tradição religiosa era um fardo insuportável para qualquer pessoa. Neste contexto, sob a lei farisaica, os judeus eram proibidos de:

- ✓ Cuspir na grama no sábado porque, ao fazer isso, alguém poderia estar irrigando uma muda de grama;
- ✓ Cuspir no chão poderia fazer barro, o barro era para fazer tijolos;
- ✓ Não podiam tomar banho;
- ✓ Ou andar além do tiro de pedra (20 a 30 metros<sup>3</sup>).

Evidentemente, nem mesmo os líderes religiosos, que criavam estas regras, conseguiam as cumprir integralmente; por isso, Jesus os chamava de hipócritas, pois exigiam um comportamento de seus seguidores que nem eles mesmos conseguiam atender.

No entanto, eles permaneceram fiéis à Palavra de Deus com referência a algumas outras doutrinas importantes. Os fariseus acreditavam, por exemplo:

- a) que Deus controlava todas as coisas mas que decisões tomadas por indivíduos também contribuía para o que acontecia no curso da vida de uma pessoa;
- b) na ressurreição dos mortos (Atos 23:6);
- c) em uma vida depois da morte, com a devida recompensa e punição individual;
- d) na existência de anjos e demônios (Atos 23:8).

---

<sup>3</sup> <http://www.bibliafacil.com.br/pesosemedidas.htm>

Como já visto em aulas anteriores, duas escolas de interpretação religiosa se desenvolveram entre os fariseus e se tornaram famosas: a escola de Hilel e a escola de Shammai. A escola de Hillel era considerada mais "liberal" na sua interpretação da Lei, enquanto a de Shamai era mais "estrita".

Os fariseus eram a seita de maior influência em Israel devido ao ensino religioso e político, devido à sua condição econômica (classe média) e à sua forma de vida inserida na sociedade. Além disto, os fariseus eram os principais mestres nas sinagogas, o que os favoreceu sobremaneira a disseminação de sua filosofia dentro do judaísmo, principalmente após a destruição do Templo.

Talvez você esteja intrigado, se perguntando como homens conhecedores do Velho Testamento, mestres na lei, deixaram-se levar por uma religiosidade legalista, fanática e sufocante, como esta, onde, para se guardar o sábado, era necessário escolher até o lugar certo para cuspir.

Infelizmente, esta é uma tendência humana: desconfiar da graça e confiar mais em algo que possamos fazer para ganhar o favor de Deus.

Os exemplos são inúmeros e em vários ramos religiosos, inclusive o cristianismo, inclusive os evangélicos:

- muçulmanos que se explodem para ganhar a vida eterna;
- cristãos que fazem penitências subindo escadarias de joelhos para ganhar uma graça;
- evangélicos que achavam ser pecado ver televisão, tomar banho de praia no domingo ou ir de bermuda pro templo, ou dão ofertas para ganhar isto ou aquilo de Deus.

A tentação continua exatamente a mesma: confiar mais no que eu posso fazer para/por Deus do que no que Ele faz em mim; ter uma vida de privação/sofrimento para ganhar o favor divino, inclusive criando limites e proibições mais rigorosos do que os bíblicos.

Infelizmente, esquecemos que, desde o Antigo Testamento, Deus vem falando que está interessado em que mantenhamos com Ele um relacionamento de amor que se traduza em obediência à Sua palavra e nada interessado em sacrifícios pesados, frutos da nossa imaginação, que possamos Lhe dedicar (vide Jo 14.21 e 1 Sm 15.22).

#### **Fontes de consulta**

“Paulo: vida, obra e teologia”, material apresentado em cumprimento às exigências da disciplina “Teologia Paulina” do curso de Mestrado em Novo Testamento na Faculdade Teológica Cristã do Brasil em Brasília/DF, no ano de 2008, por Reginaldo Correa de Carvalho

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fariseus>

<http://novotempo.com/estaescrito/jesus-e-o-sabado/>

<http://www.gotquestions.org/Portugues/Saduceus-Fariseus.html>

## A CONVERSÃO DE SAULO

### **A fúria de Saulo**

O rabino Saulo morava em Jerusalém (lugar santo de adoração para o judaísmo – Jo 4.20). Ele estava plenamente convencido que os seguidores da seita do Caminho eram uma ameaça à verdadeira religião, de modo que se empenhou pessoalmente na caça aos seguidores do Nazareno.

Lucas, o escritor do livro dos Atos, já o mencionara três vezes, sempre como feroz adversário de Cristo e sua igreja. Ele nos conta que, no martírio de Estevão, “*as testemunhas deixaram suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo*” (7.58), que “*Saulo consentia na sua morte*” (8.1), e que, em seguida, “*Saulo assolava a igreja*” (8.3), procurando cristãos casa por casa, arrastando homens e mulheres para a prisão. Agora, no cap. 9, Lucas resume a história dizendo que Saulo respirava ameaças de morte contra os discípulos do Senhor. Ele não tinha mudado desde a morte de Estevão; ele ainda estava na mesma condição mental de ódio e hostilidade, a ponto de se dirigir ao sumo sacerdote e pedir-lhe cartas de autorização para, caso encontrasse alguns do Caminho, quer homens quer mulheres, nas sinagogas de Damasco, os conduzisse presos a Jerusalém. (Atos 9.1-2).

Na verdade, é pior do que isso. A perseguição contra os cristãos estava tão forte em Jerusalém que os cristãos estavam fugindo para outras cidades, entre elas Damasco, onde várias sinagogas serviam uma grande colônia judaica. Determinado a perseguir esses fugitivos em cidades estranhas, Saulo elaborou uma trama para liquidá-los e persuadiu o sumo sacerdote a sancioná-la (At 9.1b-2). Então, esse inquisidor automeado deixou Jerusalém armado com a autorização escrita às sinagogas de Damasco.

Alguns dos termos que Lucas usa para descrever Saulo antes da sua conversão parecem ser deliberadamente escolhidos para retratá-lo como “*um animal selvagem e feroz*”. O verbo *lymainomai*, cuja única ocorrência no Novo Testamento se encontra em 8.3, em referência à “destruição” que Saulo causou a Igreja, é empregada no Salmo 80.13, em relação a animais selvagens destruindo uma vinha; o seu sentido específico é “destruição de um corpo por um animal selvagem”. Um pouco mais tarde, os cristãos de Damasco o descreveram como aquele que tinha causado um “extermínio” em Jerusalém (v. 21), onde o verbo empregado é *portheo* (como em Gálatas 1.13,23), que C.S.C. Williams, traduz “*espanca*”. Continuando a mesma imagem, J.A. Alexander sugere que a menção de Saulo “*respirando ameaças e morte*” (v. 1) era uma “*alusão ao arfar e ao bufar dos animais selvagens*”, enquanto que mais tarde, de acordo com Calvino a graça de Deus é vista “*não apenas em um lobo tão cruel sendo transformado numa ovelha, mas também em ele assumir o caráter de um pastor*”.

Esse, portanto, era o homem (mais animal selvagem do que ser humano) que em poucos dias seria um cristão convertido e batizado. Mas ele não

estava propenso a considerar as reivindicações de Cristo. Seu coração estava cheio de ódio e sua mente estava envenenada por preconceitos. Em suas próprias palavras, estava “demasiadamente enfurecido” (At 26.11). Se o tivéssemos encontrado quando saía de Jerusalém e (podendo prever o futuro) lhe disséssemos que antes de chegar a Damasco ele se tornaria cristão, ele teria considerado ridícula a ideia.

### **Saulo e Jesus: a conversão na estrada de Damasco**

*“Em sua viagem, quando se aproximava de Damasco, de repente brilhou ao seu redor uma luz vinda do céu. Ele caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que você me persegue?” Saulo perguntou: “Quem és tu, Senhor? ” Ele respondeu: “Eu sou Jesus, a quem você persegue. Levante-se, entre na cidade; alguém lhe dirá o que você deve fazer”. Os homens que viajavam com Saulo pararam emudecidos; ouviam a voz mas não viam ninguém. Saulo levantou-se do chão e, abrindo os olhos, não conseguia ver nada. E eles o levaram pela mão até Damasco. Por três dias ele esteve cego, não comeu nem bebeu.” Atos 9.3-9*

Todo aquele ódio teria um fim. Saulo, o zeloso fariseu, teria sua vida religiosa repentinamente mudada. Por volta do ano 33 ou 34 d.C, em seu caminho para Damasco, um acontecimento inesperado mudaria toda sua vida.

Saulo e sua escolta (não sabemos quem eram) tinham quase completado sua viagem de cerca de 240 quilômetros, que deve ter levado por volta de uma semana. Quando se aproximaram de Damasco, um lindo oásis cercado pelo deserto, perto do meio-dia, de repente, uma luz do céu brilhou ao seu redor (v. 3), mais clara do que o sol (26.13). Foi uma experiência tão gloriosa que ele ficou cego (v. 8.9) e caiu por terra (v. 4), “prostrado aos pés de seu conquistador”. Então uma voz dirigiu-se a ele (em aramaico, 26.14), de forma pessoal e direta: *Saulo, Saulo* [Lucas mantém o original aramaico, Saoul], *porque me persegues?* E, respondendo à pergunta de Saulo sobre a identidade daquele que falava, a voz continuou: *Eu sou Jesus, a quem tu persegues* (v. 5).

Este momento deve ter sido de “crise” para o jovem Saulo. Como poderia Deus acusá-lo de persegui-lo, quando toda a sua vida fora dedicada à defesa da lei divina? Ele que era da “da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu” (Fp 3.5)! Ele que tinha sido educado “aos pés de Gamaliel”, onde foi instruído “segundo a exatidão da lei...” (At 22.3)! Ele que perseguiu cristãos justamente por causa do zelo que tinha pela sua fé (Fp 3.6)! Logo ele que organizara toda a sua vida para justificar-se diante de Deus pelo rigoroso cumprimento da Lei!? <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Assim, é com muitos ainda hoje em dia. A exemplo de Saulo, pensam que estão fazendo a vontade de Deus. São sinceros e honestos em sua fé, mas, ainda assim, errados. Embora a sinceridade seja uma qualidade admirável, ela não basta para garantir infalibilidade. Muitos são sinceros em suas crenças, mas ainda assim, estão redondamente enganados.

Saulo deve ter entendido, pela forma extraordinária como Jesus se identificou com os seus seguidores, que os perseguir era perseguir a Ele<sup>2</sup>, que Jesus estava vivo e que suas afirmações eram verdadeiras.

Assim obedeceu prontamente a ordem de levantar-se e entrar na cidade (v. 6), onde lhe seriam dadas outras instruções. Enquanto isso, os seus companheiros de viagem, pararam emudecidos, ouvindo a voz, não vendo, contudo, ninguém (v. 7). Eles também não entenderam as palavras do orador invisível (At 22.9). Mesmo assim, guiando-o pela mão, levaram-no para Damasco (v. 8). Ele, que esperava entrar em Damasco na plenitude do seu orgulho e bravura, como um autoconfiante adversário de Cristo, estava sendo guiado por outros, humilhado e cego, capturado pelo Cristo a quem se opunha. Não podia haver dúvidas sobre o que acontecera. O Senhor ressurreto aparecera a Saulo. Não era um sonho ou uma visão subjetiva; era uma aparição objetiva de Jesus Cristo ressurreto exaltado. A luz que viu era a glória de Cristo, e a voz que ouviu era a voz de Cristo. Cristo interrompeu a sua impetuosa carreira de perseguidor e fez com que se voltasse em direção contrária.

A conversão de Saulo é obra da graça divina e o próprio Paulo confessa isto. Ele nunca mencionou sua conversão sem deixar isso bem claro. “*Aprove*” a Deus, escreveu, “*revelar Seu Filho a mim*” (Gl 1.15-16). Deus tomou a iniciativa de acordo com a Sua própria vontade. E Paulo ilustrou essa verdade com pelo menos três imagens dramáticas. Em primeiro lugar, Cristo o conquistou (Fp 3.12), o verbo *katalambano* talvez até seja uma sugestão de que Cristo o “alcançou/capturou” antes que tivesse a oportunidade de capturar algum cristão em Damasco. Em segundo lugar, ele comparou sua iluminação interior com a ordem criadora “*Haja luz*” ou “*Das trevas resplandecerá a luz*” (2 Co 4.6). E em terceiro lugar, ele escreveu que a misericórdia de Deus “*transbordou*” sobre ele (1 Tm 1.12-14), como um rio em época de cheia, inundando seu coração com fé e amor. Assim, a graça de Deus o capturou, iluminou seu coração e o inundou como uma enchente. Essa variedade de imagens lembra outra série de metáforas usada por C.S. Lewis nos últimos capítulos de sua autobiografia. Sentindo que Deus o buscava implacavelmente, ele O compara com o “grande Pescador” fisgando seu peixe, a um gato caçando um rato, a um bando de cães de caça encurralando uma raposa e, finalmente, a um enxadrista divino colocando-o na posição mais desvantajosa até que, enfim, reconhece o “xeque-mate”.

Entretanto, creditar a conversão de Saulo à iniciativa de Deus pode, facilmente, causar mal entendidos, e precisa receber dois esclarecimentos: a graça soberana que conquistou Saulo não foi repentina (no sentido de que não

---

<sup>2</sup> A igreja é o corpo de Cristo (1 Co 12.27; Rm 12.19-21) e quem persegue este corpo está perseguindo ao próprio Jesus, o cabeça deste corpo.

teria havido preparação anterior) nem compulsiva (no sentido de que ele não tinha opção naquele momento).

Em primeiro lugar, a conversão de Saulo não foi, de maneira alguma, uma “conversão repentina”, como se diz muitas vezes. É certo que a intervenção final de Deus foi repentina: “*de repente brilhou ao seu redor uma luz vinda do céu*” (v. 3), e uma voz se dirigiu a ele. Mas essa não foi a primeira vez que Jesus Cristo falou com ele. De acordo com a própria narrativa de Paulo, Jesus lhe disse: “*Resistir ao aguilhão só lhe trará dor!*” (At 26.14). Com esse provérbio (que parece ter sido bastante popular na literatura grega e latina) Jesus comparou Saulo a um touro jovem, forte e obstinado, e ele mesmo a um fazendeiro que usa agulhões para domá-lo. A implicação disso é que Jesus estava perseguindo Saulo, usando esporas e chicotes, e era “duro” (doloroso) resistir. Quais eram esses agulhões, contra os quais Saulo estava lutando? Não sabemos exatamente, mas o Novo Testamento dá uma série de indicações.

Com certeza, um aguilhão eram as suas dúvidas. Ele rejeitara Jesus como um impostor, mais um candidato a Messias que fora rejeitado por seu próprio povo e que tinha morrido sob a maldição de Deus. Mas, no inconsciente, ele não conseguia deixar de pensar no Nazareno. Saulo e Jesus foram contemporâneos, com idades próximas um do outro. Portanto, é possível que ambos tenham visitado Jerusalém e o templo ao mesmo tempo; nesse caso, sendo “não só possível, como bem provável, que o jovem professor da Galileia e o jovem fariseu de Tarso tenham olhado nos olhos um do outro, e que Saulo tenha ouvido os ensinamentos de Jesus”.

Outro aguilhão deve ter sido Estevão. Não era de ouvir falar, pois Saulo estava presente no seu julgamento e execução. Ele havia visto com os seus próprios olhos o rosto resplandecente de Estevão, como o de um anjo (At 6.15), e sua corajosa não-resistência enquanto era apedrejado até a morte (At 7.58-60). Ele havia ouvido, com seus próprios ouvidos, a defesa eloquente de Estevão diante do Sinédrio, talvez a sua sabedoria na sinagoga (At 6.9-10), sua oração pedindo o perdão para os seus executores, e sua afirmação extraordinária de Jesus como Filho do Homem, em pé a destra de Deus (At 7.56). E desse modo “Estevão, e não Gamaliel, foi o verdadeiro mestre de Saulo”. Pois Saulo não podia esquecer o testemunho de Estevão. Havia algo inexplicável naqueles cristãos – algo sobrenatural, algo que falava do poder divino de Jesus. O próprio fanatismo da perseguição de Saulo traía a sua crescente perturbação interior, “pois o fanatismo só é encontrado”, escreve Jung, “em indivíduos que estão compensando dúvidas secretas”.

Mas os agulhões de Jesus eram morais e intelectuais. A má consciência de Saulo provavelmente lhe causou mais confusão interna do que as suas dúvidas, pois apesar de poder afirmar ter sido “impecável” em retidão interior, ele sabia que seus pensamentos, suas motivações e seus desejos não eram puros aos olhos de Deus. O décimo mandamento, contra a cobiça, condenava-o especialmente. Aos outros mandamentos, ele podia obedecer em palavra ou ação, mas a cobiça não era palavra nem ação, mas uma

atitude de coração que não podia controlar. Assim, ele não tinha poder nem paz. Mas ele não admitiria isso. Ele estava brigando violentamente contra os aguilhões de Jesus e isso o machucava. Sua conversão na estrada de Damasco era, portanto, o clímax repentino de um longo processo em que o “Caçador dos céus” tinha estado em seu encalço. O touro estava domado.

Se a graça de Deus não foi repentina, ela também não foi compulsiva. Ou seja, o Cristo que lhe apareceu e falou com ele não o esmagou. Ele o humilhou, fazendo-o cair ao chão, mas Ele não violentou sua personalidade. Ele não o reduziu a um robô nem o forçou a realizar algumas coisas por meio de um tipo de transe hipnótico. Pelo contrário, Jesus lhe fez uma pergunta penetrante: “*Por que me persegues?*”, apelando, assim, à sua razão e consciência, a fim de conscientizá-lo da tolice do mal que estava fazendo. Jesus então lhe ordenou que levantasse e que fosse à cidade, onde receberia instruções. E Saulo não estava dominado pela visão e pela voz a ponto de perder a fala, ficando incapaz de responder. Não, ele respondeu à pergunta de Cristo com duas perguntas: primeira, “*Quem és tu, Senhor?*” (v. 5) e segunda, “*Que devo fazer, Senhor?*” (At 22.10). Sua resposta foi racional, consciente e livre. A palavra *Kyrios* (“Senhor”) pode ter significado não mais do que “senhor”. Mas, uma vez que estava consciente de que estava falando com Jesus, e que Ele tinha ressurgido dentre os mortos, a palavra já deveria ter começado a adquirir o sentido teológico que teria mais tarde nas cartas de Paulo.

Resumindo, a causa da conversão de Saulo foi graça, a graça soberana de Deus. Mas a graça soberana é uma graça gradual e suave. Gradualmente, e sem violência. Jesus picou a mente e a consciência de Saulo com os Seus aguilhões. Então Ele se revelou através da luz e da voz, não para esmagá-lo, mas de um modo que Saulo pudesse responder livremente. A graça divina não atropela a personalidade humana. Pelo contrário, faz com que os seres humanos sejam verdadeiramente humanos. É o pecado que encarcera; a graça liberta. Portanto, a graça de Deus nos liberta da escravidão do nosso orgulho, preconceito e egocentrismo, fazendo-nos capazes de nos arrepender e crer. Não podemos fazer outra coisa, senão engrandecer a graça de Deus que teve misericórdia de um fanático enfurecido como Saulo de Tarso, e de criaturas tão orgulhosas, rebeldes e obstinadas como nós.

C.S. Lewis, cuja consciência de ser perseguidor por Deus já foi mencionada, também expressou seu sentimento de liberdade em sua resposta a Deus. Conscientizei-me de que estava em apuros, segurando ou barrando alguma coisa. Ou, se você quiser, que eu estava vestindo alguma roupa rígida, como um espartilho, ou talvez uma armadura, como se fosse uma lagosta. Eu senti, naquele exato momento, que eu tinha ganhado uma liberdade de escolha. Eu poderia abrir a porta ou mantê-la fechada; poderia tirar aquela armadura ou permanecer com ela. Nenhuma escolha era obrigatória; nenhuma ameaça ou promessa estava ligada a ela; apesar disso, sabia que abrir a porta ou sair da armadura significaria o incalculável. A escolha parecia solene, mas ela também parecia estranhamente não-emocional. Eu não era movido por desejos nem medos. Em certo sentido, não era movido por coisa alguma. Decidi abrir, tirar,

soltar as rédeas. Disse “eu escolho”, mas ao mesmo tempo que não parecia ser, mesmo, possível fazer o contrário. Por outro lado, eu não via nenhum estímulo. Você poderia argumentar que não era um agente livre, mas estou mais inclinado a pensar que foi um dos atos mais livres que realizei.

**Paulo e Ananias: sua recepção na igreja de Damasco (9:10-25).**

*“Em Damasco havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor o chamou numa visão: “Ananias! ” “Eis-me aqui, Senhor”, respondeu ele. O Senhor lhe disse: “Vá à casa de Judas, na rua chamada Direita, e pergunte por um homem de Tarso chamado Saulo. Ele está orando; numa visão viu um homem chamado Ananias chegar e impor-lhe as mãos para que voltasse a ver”. Respondeu Ananias: “Senhor, tenho ouvido muita coisa a respeito desse homem e de todo o mal que ele tem feito aos teus santos em Jerusalém. Ele chegou aqui com autorização dos chefes dos sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome”. Mas o Senhor disse a Ananias: “Vá! Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, e perante o povo de Israel. Mostrarei a ele o quanto deve sofrer pelo meu nome”. Então Ananias foi, entrou na casa, impôs as mãos sobre Saulo e disse: “Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que lhe apareceu no caminho por onde você vinha, enviou-me para que você volte a ver e seja cheio do Espírito Santo”. Imediatamente, algo como escamas caiu dos olhos de Saulo e ele passou a ver novamente. Levantando-se, foi batizado e, depois de comer, recuperou as forças. Saulo passou vários dias com os discípulos em Damasco. Logo começou a pregar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus. Todos os que o ouviam ficavam perplexos e perguntavam: “Não é ele o homem que procurava destruir em Jerusalém aqueles que invocam este nome? E não veio para cá justamente para levá-los presos aos chefes dos sacerdotes?” Todavia, Saulo se fortalecia cada vez mais e confundia os judeus que viviam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo. Decorridos muitos dias, os judeus decidiram de comum acordo matá-lo, mas Saulo ficou sabendo do plano deles. Dia e noite eles vigiavam as portas da cidade a fim de matá-lo. Mas os seus discípulos o levaram de noite e o fizeram descer num cesto, através de uma abertura na muralha.” Atos 9.10-25*

Segundo a história como Lucas a conta, passamos às consequências da conversão de Saulo. É maravilha ver a transformação que começou a aparecer imediatamente em suas atitudes, em seu caráter e, de modo especial, em seu relacionamento com Deus, com a igreja cristã e com o mundo incrédulo.

Em primeiro lugar, Saulo tinha uma nova referência para com Deus. Ananias, instruído a ir e ministrar ao novo convertido, foi informado de que ele estava orando (v. 11). Três dias haviam passado desde o seu encontro com o Senhor ressurreto, durante os quais nada comeu nem bebeu (v. 9). Supõe-se, então, que passou aqueles dias em jejum e oração, ou seja, abstendo-se de alimentos a fim de dedicar-se à oração. Não que ele não tivesse jejuado ou orado

antes. Como o fariseu da parábola de Jesus, ele deve ter subido ao templo para orar e, como ele, pode ter clamado “jejuo duas vezes por semana”. Mas agora, através de Jesus e de Sua cruz, Saulo fora reconciliado com Deus e, conseqüentemente, gozava de um novo acesso direto ao Pai, desde que o Espírito havia testificado com o seu espírito de que ele era filho de Deus. Qual era o conteúdo de suas orações? Podemos supor que ele orou pelo perdão de todos os seus pecados, especialmente o de ser autossuficiente e o de perseguir cruelmente Jesus e seus seguidores; pediu sabedoria para discernir o que Deus queria que ele fizesse agora; e poder para exercer o ministério que recebesse, qualquer que fosse. Sem dúvida alguma, suas orações também incluíam adoração, ao derramar sua alma em louvor, por Deus ter sido misericordioso com ele. A mesma boca, que havia respirado ameaças de morte contra os discípulos do Senhor (v. 1), agora respirava louvores e preces a Deus. “O rugido do leão foi transformado no balido de um cordeiro”.

Ainda hoje, o primeiro fruto da conversão é sempre uma nova consciência da paternidade de Deus. Quando o Espírito nos capacita a clamar “Aba, Pai”, juntamente com a gratidão pela sua misericórdia surge o desejo de conhecê-lo, agradá-lo e servi-lo melhor. Isso é piedade, e nenhuma conversão é genuína se não resultar em uma vida que agrade a Deus.

Em segundo lugar Saulo passou a ter um novo relacionamento com a igreja, a qual foi apresentado por Ananias. Não nos surpreende que William Barclay chame Ananias de “um dos heróis esquecidos da igreja cristã”. À princípio, porém, quando ordenado ir até Saulo, Ananias vacilou. Ele estava muito relutante em encontrar o famoso perseguidor Saulo, e sua hesitação era compreensível. Ir até Saulo seria o mesmo que se entregar à morte. Seria suicídio. Pois Ananias já tinha ouvido falar a respeito dele e dos males que havia feito ao povo de Jesus em Jerusalém (v. 13). Ananias também sabia que Saulo viera a Damasco com autorização dos principais sacerdotes para prender todos os crentes (v. 14). Mas Jesus repetiu Sua ordem, dizendo “Vai!”; e acrescentou que Saulo era um instrumento escolhido para levar o Seu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel (v.15) – um ministério que lhe traria muito sofrimento por amor a esse mesmo nome (v. 16). Sobre este último ponto, John Stott esclarece que “O sofrimento é, pois, a característica dos seguidores de Cristo. Não deveremos nos surpreender se a hostilidade anticristã aumentar, mas, antes, se ela não existir.”

Assim, Ananias foi até a rua Direita (v. 11), que ainda é a principal rua que vai de leste a oeste de Damasco, e entrou na casa de Judas, no quarto em que estava Saulo. Lá ele lhe impôs as mãos (v. 17), talvez para identificar-se com Saulo enquanto orava pela cura de sua vista e pela plenitude do Espírito Santo para dar-lhe poder para exercer seu ministério. E mais, desconfio que essa imposição de mãos foi um gesto de amor por um homem cego, que não podia ver o sorriso do rosto de Ananias, mas podia sentir a pressão de suas mãos. Ao mesmo tempo, Ananias chamou-o de “Saulo, irmão”, ou “Saulo, meu irmão”. Sempre sou tocado por essas palavras. Podem muito bem ter sido as primeiras palavras que Saulo ouviu de lábios cristãos após a sua conversão, e eram

palavras de boas-vindas fraternais. Devem ter sido música para os seus ouvidos. O quê? Será que o arquiinimigo estava sendo recebido como irmão? Será que o terrível fanático estava sendo recebido como membro da família? É isso mesmo. Ananias explicou como o mesmo Jesus que lhe apareceu na estrada, o tinha enviado a ele para que pudesse recuperar sua vista e ficar cheio do Espírito Santo (v. 17). Imediatamente lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e tornou a ver (aqui o doutor Lucas emprega uma terminologia médica). Depois disso, ele foi batizado (v. 18), provavelmente por Ananias, que assim o recebeu de forma visível e pública na comunidade de Jesus. Só depois, Saulo se alimentou, então, após três dias de jejum, sentiu-se fortalecido (v. 19a). Será que Ananias lhe preparou e serviu uma refeição, da mesma forma como batizou? Nesse caso, ele reconheceu que o recém-convertido tinha necessidades físicas, além das espirituais.

A próxima coisa que ficamos sabendo é que Saulo permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos (v. 19b). Ele sabia que agora pertencia àquele grupo que havia tentado destruir anteriormente, e mostrou isso claramente, ao pregar nas sinagogas a Jesus, afirmando que era o Filho de Deus (v. 20). É incrível o fato de ele ter sido aceito. Tanto que o povo o ouviu e ficou atônito, perguntando se ele não era o que exterminava em Jerusalém aos que invocavam o nome de Jesus e que viera a Damasco com o fim de os levar amarrados aos principais sacerdotes (v. 21). Lucas não nos conta como essas perguntas cheias de preocupação foram respondidas, mas talvez Ananias tenha ajudado a tranquilizá-los. Enquanto isso, Saulo mais e mais se fortalecia como testemunha e apologista, a ponto de confundir os judeus em Damasco demonstrando que Jesus era o Cristo (v. 22).

Entretanto, Saulo não ficou entre os cristãos de Damasco. Lucas descreve como ele deixou a cidade decorridos muitos dias (v. 23a). Essa referência ao tempo é intencionalmente vaga, mas sabemos por Gálatas 1.17-18 que “esses últimos dias” somaram três anos e que durante esse período Paulo esteve na Arábia. Ele não precisou viajar muito, pois, naquela época, o extremo noroeste da Arábia ficava perto de Damasco.

Alguns chegam a conjecturar que aqueles três anos na Arábia foram uma compensação pelos três anos que os outros apóstolos haviam passado com Jesus, mas ele não. Em todo o caso, depois desse período, ele voltou para Damasco; porém, não por muito tempo: pois os judeus deliberaram entre si a tirar-lhe a vida (v. 23b) e dia e noite guardavam...as portas, para o matarem (v. 24). De alguma forma o plano deles chegou ao conhecimento de Saulo, e então seus seguidores “uma interessante indicação que sua liderança já era reconhecida e que tinha atraído seguidores”, colocando-o num cesto, desceram-no pela muralha (v. 25), e ele fugiu para Jerusalém.

**Para Lucas a conversão de Saulo é um verdadeiro milagre, que foi destacado em sua narrativa**

Quando Lucas escreveu o livro de Atos dos Apóstolos, já eram passados mais ou menos 20 anos da morte de Paulo. Muitos cristãos que só

conheceram a fama de Paulo, quiseram saber: o que teria acontecido para que o grande perseguidor Saulo se transformasse no mais ardoroso missionário cristão?

O que levaria um fariseu rigoroso na observância da Torá judaica, a ponto de perseguir cristãos, a afirmar depois: “*Ninguém será justificado diante de Deus pela prática da Lei*” (Rm 3.20)? Logo ele que se empenhava em justificar-se pelas obras da Lei!

No tempo de Lucas, já circulava entre algumas comunidades, a Carta aos Gálatas, um escrito do próprio Paulo, em que ele narra sua conversão (Gl 1.11-24). Ao falar de sua conversão, Paulo é muito sóbrio. Aliás, ele nem usa o termo “conversão”. Prefere dizer que recebeu uma visão ou “revelação” de Jesus Cristo (Gl 1.12; 1 Cor 9.1, 15.8-10).

Paulo dá muita importância a essa revelação. Mas não entra em nenhum detalhe sobre como se deu aquele acontecimento no caminho de Damasco – em nenhuma de suas cartas. Paulo está mais interessado em defender seu apostolado entre os pagãos, afirmando que o evangelho que ele anuncia brota daquela revelação. A visão que tem de Jesus Cristo é o que o faz mudar de posição, é o seu chamado.

O livro de Atos dos Apóstolos narra três vezes a conversão de Paulo. Para Lucas, este é um dos maiores de todos os acontecimentos da Igreja dos primeiros tempos.

Quando quer falar do sucesso que o anúncio cristão está alcançando por toda parte, Lucas refere-se às conversões em termos quantitativos: 3 mil convertidos (At 2.41), 5 mil (At 4.4), muitas aldeias (At 8.25), todos os habitantes de uma cidade (At 9.35).

Quando o convertido é alguém ilustre ou especial, Lucas dá um pouco mais de destaque ao episódio: o mago Simão (At 8.9-24), um alto funcionário da rainha da Etiópia (At 8.26-40), Cornélio, comandante romano em Cesaréia (At 10), o procônsul da ilha de Chipre (At 13.6-12).

Quando a conversão é muito especial mesmo, Lucas conta e reconta o episódio – é o caso de Paulo. De grande perseguidor, Paulo se torna o maior dos evangelizadores. Isso merece destaque especial.

Para não dar a impressão de mera repetição, Lucas cria uma moldura distinta para cada um dos três relatos. Assim:

- Em At 9.1-30, o evento é contado por um narrador. Com muita habilidade, Lucas dispõe este primeiro relato antes do trabalho missionário de Pedro, misturando com outros episódios de conversão de pagãos, desaguando na grande controvérsia sobre a circuncisão que motiva o concílio de Jerusalém. À primeira vista, a primeira narrativa da vocação de Paulo parece estar solta no meio dos outros episódios. Mas há de fato uma moldura que dá enquadramento a

tudo: os diversos sinais que apontam para o rumo dos pagãos/gentios. A conversão de Paulo é, talvez, o mais importante desses sinais.

- A segunda narrativa (At 22.1-21) é colocada na boca do próprio Paulo, na forma de um discurso dirigido ao povo. A moldura do relato é o episódio em que Paulo é preso no templo de Jerusalém. Também nesta segunda narrativa, o sentido para o onde o discurso aponta é a missão de Paulo: “*Vai! É para longe, para os pagãos que vou te enviar*” (At 22.21).

- Também a terceira narrativa (At 26) Lucas a escreve na forma de um discurso de Paulo. No episódio que serve de moldura ao relato, Paulo se defende diante do rei Agripa, em Cesaréia, das acusações movidas por judeus. Aqui, Lucas constrói um ligamento entre a esperança judaica expressa na Lei e nos Profetas e a resposta cristã (versos 26, 22-23 e 26, 27-28). Também neste relato, há o aceno para o anúncio “ao povo judeu e às nações pagãs” (At 26.23).

### **Conclusão**

Saulo, um homem profundamente religioso e mestre das Escrituras, buscava no cumprimento da Lei e da tradição, por sua própria força, por suas obras, obter salvação, escapando da maldição da Lei (Gl 3.10). Todo o conhecimento bíblico de Saulo era direcionado para esta busca por merecimento diante de Deus, para sua autojustificação. Ele cria, firmemente, que era possível e vivia exclusivamente para isto.

Entretanto, quando olhamos para sua vida, notamos que a sua religiosidade não gerou um coração amoroso, a sua fé não desembocou em misericórdia, pacificação, abraço.

Isto nos ensina que maior conhecimento bíblico não gera, automática e necessariamente, um melhor cristão, alguém mais parecido com Cristo.

A nossa tradição evangélica, especialmente a reformada, identifica conhecimento bíblico com maturidade cristã. Isto não é sempre verdadeiro. É preciso lembrar que conhecimento bíblico desacompanhado de amor (1 Co 13.1-3) e da sua prática (Tg 1.22-27 e 2.14,17) para nada aproveita; na verdade, conhecimento bíblico sem amor prático gera orgulho (1 Co 8.1-3), fazendo-nos pensar sermos mais santos que os demais (Lc 18.10-14).

Saulo também estava convicto que Jesus era um impostor e seus seguidores deveriam ser exterminados, pois estavam contaminando a verdadeira religião.

Jesus aparece em Sua glória diante de Saulo. Então, Saulo é convencido de seu erro, é convencido que Jesus é o prometido de Israel, é o filho do homem, é o Deus encarnado. Além disto, Saulo entende que sua religiosidade era falha, nula, nunca o salvaria da maldição da Lei e ele passa a confiar somente na salvação pela graça mediante a fé (Fp 3.7-9, Rm 3.20-22, Rm 3.28, Gl 2.16, Gl 3.11).

Por último, a conversão de Saulo é mais um passo do plano divino de levar salvação a todas as pessoas da terra (At 9.15). Os discípulos entendiam naquele momento que Jesus havia vindo apenas para salvação de Israel, apenas para os judeus, até se lembrando de algumas falas de Jesus (Mt 10.5, Mt 15.24)<sup>3</sup>. Logo em seguida, Pedro, outro apóstolo, que estava na cidade de Jope, recebe uma visão de Deus de que a salvação deveria também ser anunciada aos gentios (At 10.28, 34-35). E Paulo foi escolhido por Deus para levar as boas novas aos gentios, a dar testemunho entre os pagãos de que Deus providenciou salvação em Jesus para eles também (Rm 3.29, 11.13, At 28.28)

### **Fontes de consulta**

<https://www.youtube.com/watch?v=wHoVFQVPmSs>

<http://www.franciscanos.org.br/?p=31649>

[http://www.monergismo.com/textos/comentarios/stott\\_paulo.htm](http://www.monergismo.com/textos/comentarios/stott_paulo.htm)

<http://gildasioreis.blogspot.com.br/2010/05/conversao-de-paulo-de-tarso-atos-91-31.html>

<http://desafioscristao.blogspot.com.br/2011/09/jesus-veio-tao-somente-para-os-judeus.html>

---

<sup>3</sup> Mas Jesus disse também a seus discípulos que fizessem "discípulos de todas as nações" (Mt 28.19), porque ele tinha "outras ovelhas, não deste aprisco" (Jo 10.16). Até mesmo os profetas do AT declararam que Jesus seria "luz para os gentios" (Is 49.6).

Tais ordens aparentemente contraditórias referem-se a dois períodos diferentes. É verdade que a missão original de Jesus foi para os judeus. Mas as Escrituras testificam que Ele "veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11). Os judeus o rejeitaram como o seu Messias, e crucificaram-no.

Foi depois da crucificação e ressurreição de Jesus, portanto, que a missão dos discípulos passou a ser ir às nações, cumprindo-se, assim, as profecias quanto aos gentios. Dessa forma, o apóstolo Paulo pôde dizer aos cristãos de Roma que o Evangelho era "primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16). Por causa da sua rejeição a Jesus, a nação de Israel foi cortada (Rm 11.19), mas, quando futuramente se completar a "plenitude dos gentios" (Rm 11.25), então Israel será enxertada de novo (Rm 11.23,26).

É certo que, mesmo tendo sido a missão de Jesus oficialmente para os judeus, ele não negligenciou os gentios. Ele curou a filha da mulher siro-fenícia (Mc 7.24-30) e saiu para ministrar à mulher samaritana (Jo 4). Ele disse a seus discípulos de antemão que a sua obra (a ser feita por intermédio deles) iria alcançar os gentios (Jo 10.16), e a sua grande comissão foi para que fizessem "discípulos de todas as nações" (Mt 28.18-20). Mas, tanto por uma questão de prioridade como de tempo, a mensagem de Cristo veio primeiro para o judeu e depois para o gentio.

## **A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA**

A perseguição em Jerusalém aos seguidores do Caminho estava em níveis insuportáveis. O apedrejamento de Estevão, ocorrido por volta do ano 35 d.C., marcou um período de intensa caça aos cristãos, que, para escaparem, fugiam para regiões vizinhas (At 8.1). Por onde passavam e onde fixaram residência estes irmãos iam anunciando a Palavra (At 8.4-5; 8.40). Vários destes irmãos que fugiram desta perseguição se estabeleceram na Fenícia, Chipre e em Antioquia (At 11.19-20).

Não podemos ignorar esse caráter de perseguição e sofrimento como elementos que produziram e influenciaram o nascimento e formação da igreja cristã. Qualquer estudioso do crescimento da igreja jamais poderia imaginar que esta perseguição espalharia os cristãos da igreja primitiva não somente à Antioquia, mas aos confins da terra.

### **A cidade de Antioquia**

De início, é preciso entender que haviam duas cidades próximas com este mesmo nome: Antioquia da Síria e a Antioquia da Pisídia.

Para o nosso estudo, interessa-nos aqui a primeira, situada próxima à costa do Mediterrâneo no que é hoje o sudeste da Turquia, nas margens do rio Orontes (também era conhecida como Antioquia de Orontes, devido ao nome do rio que corta suas terras).

Era uma das dezesseis cidades fundadas por Seleuco I, por volta de 310 a.C., que a fez sua capital, e cujos nomes foram dados em homenagem a seu pai, Antíoco, governante da região depois da morte de Alexandre, o grande. Trata-se de um fenômeno semelhantes ao encontrado para o nome das várias Alexandrias com que Alexandre foi perpetuando o seu nome.

Em 64 a.C. os romanos apoderaram-se da região, transformando-a na sua província da Síria, continuando Antioquia a ser a capital administrativa. Grande metrópole da antiguidade, na época da vida de Jesus, teria cerca de meio milhão de habitantes. Seria a terceira cidade do império, depois de Roma e de Alexandria.

Esta cidade cosmopolita atraía pessoas de várias origens em busca de oportunidades, o que lhe tornava um verdadeiro mosaico de culturas. Além disto, Antioquia gozava de posição estratégica favorável, localizando-se na divisa entre os dois mundos culturais da época: o grego e semita.

### **A Igreja em Antioquia**

É importante lembrar que no período de 35 a 38dC, aproximadamente, Saulo esteve exercendo seu ministério na Arábia e em Damasco (Gl 1.17,18). Após, entre os anos de 38 e 45dC, Saulo serviu na região da Síria e na sua região

de nascimento, Cilícia (Gl 1.21-22). Ou seja, Saulo não participou da formação da igreja em Antioquia.

Os judeus “puro sangue”, dispersos por causa da perseguição em Jerusalém, ainda restringiam o anúncio de Jesus aos judeus, mas outros seguidores do Caminho, de fala grega, anunciavam a mensagem a outros de sua mesma língua em Antioquia (At. 11-19-20).

Deus abençoou muito o anúncio do Evangelho nesta cidade e houve muitas conversões (At 11.21).

A notícia do crescimento desta igreja correu pela região e chegou até mesmo em Jerusalém, distante cerca de 500 quilômetros. A igreja de Jerusalém, centro do cristianismo na época, então enviou um de seus líderes, Barnabé, para verificar o fenômeno e, eventualmente, ajudar no que fosse possível. Barnabé viu que a graça de Deus operava de forma maravilhosa entre os judeus e gentios naquela cidade e se alegrou muito, animando aqueles irmãos a seguirem com o trabalho que desenvolviam (At. 11.22-24).

Barnabé percebeu o potencial da igreja naquela cidade e entendeu que precisava de mais ajuda. Assim, viajou até Tarso, cidade da região da Cilícia (At 22.3), em busca de Saulo para o convidar a servir junto com ele em Antioquia. Saulo aceitou o desafio e ambos passaram a compor a liderança daquela igreja (At. 11.25-26).

Sendo uma cidade multiétnica, dividida em gregos, sírios, judeus, latinos e africanos, a igreja que lá se estabeleceu também reflete este caráter em sua liderança. Uma multicultural, multicolor, multiétnica equipe formava a liderança pastoral desta igreja. Isto mostra-nos a heterogeneidade como uma das marcas distintas da comunidade da fé: *“Na igreja de Antioquia havia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo”* (At. 13:1).

Barnabé era um levita, de Chipre (At. 4:36). Simeão, chamado Níger (negro), muito provavelmente um prosélito judeu. Lucius era de Cirene, uma cidade africana. Ele era um gentio ou um judeu com nome romano. Manaém (“confortador”) foi criado com Herodes Antipas, o tetrarca da Galileia. Saulo foi um ex-fariseu e um cidadão romano. Foi a partir desta variedade de contextos, culturas e raças que a liderança da igreja de Antioquia foi formada.

Não existe dúvida de que o líder mais proeminente desta igreja foi Barnabé, sendo ele a ponte ideal entre dois mundos, uma pessoa confiada tanto pelos moradores que falavam o aramaico em Jerusalém e as pessoas helenistas de Chipre e Cirene.

Assim, Antioquia foi a primeira igreja onde os seguidores do Caminho começaram a fazer esforços para estender o evangelho a não-judeus (gentios).

Havia um desafio importante nesta proclamação aos gentios, que eventualmente nos passa despercebido. A forma de anúncio da mensagem aos gentios deveria ser diferente daquela pregada aos judeus. Estes tinham um prévio conhecimento das Escrituras, criam em um deus único, esperavam o Messias. Aqueles criam em vários deuses, não tinham conhecimento sobre a Torá, não esperavam o Messias. Por óbvio estas diferenças, implicavam em uma nova forma de anunciar o Evangelho. Não seria produtivo, por exemplo, iniciar uma mensagem aos gentios a partir das profecias messiânicas, pois estes não tinham qualquer conhecimento prévio sobre este assunto...

Segundo o relato de Lucas, *“Esta igreja testemunhou o evangelho [boas novas] do Senhor Jesus”* e *“muitos, crendo, se converteram ao Senhor”* e *“muita gente se uniu ao Senhor”* (Atos 11:20-21, 24). A expressão “Senhor Jesus”, aqui utilizada, tem um propósito. Esta expressão era a mais contextualizada para as pessoas da cidade de Antioquia da Síria, porque esta igreja estava atingindo um tipo de pessoas (gregos) que não possuíam um entendimento teológico, como os judeus. Por isto mesmo, no anúncio do Evangelho, aqueles irmãos não partiam de conceitos teológicos como o Reino de Deus, Messias, Cristo, o Filho do Homem, o Santo, nomes com significado apenas para a audiência judaica.

É importante observar que o termo “Senhor” possuía diferentes significados no mundo de fala grega, como disse Paulo, havia muitos deuses e muitos senhores nesta cultura (1 Co 8:5). Em Antioquia, o título “Senhor” estava em uso corrente pelos pagãos para designar os deuses que eles adoravam tais como Isis e Serápis, e o imperador Romano era aclamado como “Senhor” no ritual do culto ao imperador. Desta forma, a igreja de Antioquia da Síria, sabendo deste contexto descrito acima a respeito da expressão Senhor, toma proveito para introduzir o evangelho, apresentando Jesus como o “Senhor Jesus”.

A ação missionária que não leva em consideração o contexto corre o risco de ser ineficaz e indiferente. Missão e contexto são inseparáveis.

Na atualidade, penso que as igrejas históricas, principalmente, não têm conseguido enfrentar o desafio da contextualização. A forma de anúncio, suas programações, seu linguajar e até seu formato de culto, em grande parte, não comunicam bem a mensagem do Evangelho. As pessoas não conseguem compreender o que é dito e as atividades, apesar seu conteúdo relevante, deixam de ser atraentes por causa do seu formato.

Como exemplo desta dificuldade na contextualização, basta lembrar que durante muito tempo a igreja evangélica brasileira proibiu em seus cultos o uso de música brasileira e de vários instrumentos musicais típicos de nossa cultura. Ainda hoje é difícil encontrar igrejas que façam uso regular da música típica de sua região.

Enfim, há muito que avançar na necessidade de contextualização da mensagem. Reconheço que não é algo simples, fácil, mas é algo necessário, sob risco de as igrejas históricas tornarem-se guetos, sociedades paralelas, isoladas, voltadas exclusivamente para o público interno.

Uma outra marca da igreja na cidade de Antioquia é que ela era uma igreja de amor prático. Ela proclamava o Evangelho com palavras, mas também com a vida.

A vida cotidiana, o testemunho dos crentes da igreja era algo tão vivo e impactante, a ponto de os moradores da cidade os chamarem de “cristãos”. A desinência *ão* (de Cristo+ão=cristão) significa “*seguidor de, adepto de*”, como no caso de “herodianos” (Mc 3.6) que quer dizer “seguidores de Herodes”. É esta a primeira vez na história que os seguidores de Jesus foram assim chamados (At 11:26)<sup>1</sup>.

Não havia na mente daqueles irmãos divisão entre conhecimento e prática. O Evangelho era vida, era a vida.

Um exemplo disto ocorreu quando Ágabo previu, pelo Espírito Santo, que viria uma severa fome por todo o mundo, isso no período do reinado de Cláudio (At. 11:28). Como resultado, “*os discípulos, cada um segundo as suas possibilidades, decidiram providenciar ajuda para os irmãos que viviam na Judéia. E o fizeram, enviando suas ofertas aos presbíteros pelas mãos de Barnabé e Saulo*” (At. 11:29-30).

Muito provavelmente esta igreja conhecia o significado de necessidade. Ela sofreu com a falta de recursos financeiros quando ela estava sendo plantada. Porém agora, já que a igreja mãe estava em necessidade, é a igreja que foi perseguida que se levanta para ajudar.

---

<sup>1</sup> Os escritores bíblicos, anteriormente, usavam expressões tais como “crentes no Senhor”, “irmãos” e “discípulos” (At 5:14; 6:3; 15:10), “escolhidos” e “fiéis” (Cl 3:12; 1Ti 4:12), “escravos de Deus” e “escravos de Cristo Jesus” (Rm 6:22; Fl 1:1), “santos”, “congregação de Deus” e os “que invocam o Senhor”. (At 9:13; 20:28; 1Co 1:2; 2Ti 2:22) Estes termos com sentido doutrinal eram usados primariamente como designações congregacionais internas. Para os de fora, o cristianismo era chamado de “O Caminho” (At 9:2; 19:9, 23; 22:4), e os opositores chamavam-no de “seita dos nazarenos” ou simplesmente de “esta seita”. — At 24:5; 28:22.

Missão e sacrifício parecem ser um binômio que não pode ser separado na vida da igreja. Nem todo sacrifício que a igreja faz resulta em missão, mas toda ação missionária implica em sacrifício, quer seja ele financeiro, pessoal, coletivo, emocional, etc. Sem a perspectiva do sacrifício a igreja corre o risco de perder a fé, de ver o além; o além de si mesma e o além das possibilidades. O compromisso da igreja com a missão de Jesus está em proporção direta com sua prática.

Com tais características, a igreja de Antioquia tornou-se um importante polo do cristianismo naquela época e foi a primeira, que se tem notícia, a enviar missionários pelo mundo afora.

Assim, Antioquia da Síria tornou-se base para envio de missionários, e não Jerusalém. Ao concluírem as viagens missionárias, estes retornavam para Antioquia relatando o que tinha acontecido: *“De Atália navegaram de volta a Antioquia, onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a missão que agora haviam completado. Chegando ali, reuniram a igreja e relataram tudo o que Deus tinha feito por meio deles e como abriam a porta da fé aos gentios”* (At. 14:26-27).

Penso que para entendermos ainda mais profundamente o contexto da primeira viagem missionária, devemos conhecer um pouco mais sobre Barnabé.

### **Quem era Barnabé**

O nome de Barnabé aparece em quatro livros da Bíblia, inclusive mais de 20 vezes no livro de *Atos dos Apóstolos*. Este homem teve uma influência positiva entre os cristãos primitivos e serve como um excelente exemplo para qualquer pessoa que deseja servir a Deus e aos outros.

Havia milhares de judeus em Jerusalém que foram convertidos no dia de Pentecostes e nos dias seguintes. Eles não vieram preparados para uma longa estada na cidade, mas muitos deles ficaram a ouvir a pregação dos apóstolos e muitos deles precisaram de ajuda não só espiritual, mas também financeira.

O livro dos Atos dos Apóstolos relata que algumas pessoas que tinham bens, os venderam e deram o dinheiro aos apóstolos para que pudessem alimentar a multidão e ajudar as pessoas carentes. Um dos que vendeu um terreno era José, um judeu da tribo de Levi, natural da ilha de Chipre (At. 4.36). Este ato foi um exemplo de amor prático demonstrada por vários irmãos naquele tempo. Deram liberalmente para ajudar uns aos outros. Diferente do egoísmo e interesse próprio que domina a vida de muitas pessoas, José e outros discípulos no início da igreja mostraram o amor sacrificial que Jesus ensinou.

Com o passar do tempo, José passou a ser chamado pelos apóstolos de Barnabé, que significa “filho da consolação”, “filho da exortação” ou “encorajador”. Este apelido revela que Barnabé era daqueles que estava sempre disposto a animar, encorajar e consolar os demais com suas palavras e suas atitudes.

Um daqueles que foi alvo do seu encorajamento e consolo foi Saulo. Após fugir de Damasco e ir para Jerusalém, Saulo não foi bem recebido, pois os discípulos estavam com medo, duvidando da sua conversão. Foi Barnabé quem o acolheu e o apresentou aos demais, testemunhando da transformação ocorrida na vida do agora irmão Saulo (at. 9.26-27).

Outro exemplo desta característica aconteceu depois de uma decepção que Saulo e Barnabé sofreram na primeira viagem missionária. João Marcos acompanhou estes pregadores na primeira parte da viagem, mas desistiu quando chegaram a um trecho especialmente difícil. Paulo perdeu a confiança em João Marcos, mas Barnabé lhe deu uma segunda chance (Atos 15:37-39). Sem dúvida, esta paciência de Barnabé contribuiu para o amadurecimento na fé de João Marcos, que mais tarde escreveu um dos relatos da vida de Jesus (*o Evangelho segundo Marcos*) e até se tornou útil para o próprio Paulo (2 Timóteo 4:11). Barnabé era verdadeiramente “filho do incentivo”, sempre olhando para o melhor nas pessoas. Penso que podemos aprender com este exemplo, de dar mais uma chance, de auxiliar outros no desenvolvimento da fé, ajudando-os a desenvolverem suas potencialidades.

Barnabé também se dedicou à divulgação do evangelho. Quando a igreja em Jerusalém ouviu da conversão de muitas pessoas em Antioquia da Síria, mandou Barnabé para auxiliá-los. O testemunho de Lucas a seu respeito é o melhor possível: “homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé” (At. 11.24). Em Antioquia ele tornou-se um dos pastores e mestres, sendo sua a iniciativa de convidar Saulo para ajudá-los no pastoreio daquela comunidade.

A última menção que o autor de Atos faz de Barnabé foi exatamente no episódio da separação deste com o apóstolo Paulo, na disputa por causa de Marcos. Ele não é mencionado novamente por Lucas; no entanto, sabe-se que ele continuou a trabalhar como missionário (1Co 9:6).

Informações extra bíblicas nos dão conta de que quando Barnabé foi à Síria e Salamina pregar o Evangelho, certos judeus, tendo se irritado com o seu extraordinário sucesso, caíram sobre ele quando estava ensinado na sinagoga, arrastam-no para fora, e apedrejaram-no até a morte. João Marcos teria enterrado seu corpo em uma caverna.

### **A viagem missionária (Atos 13 e 14)**

Cinco homens são citados como profetas e mestres que estavam em Antioquia: Barnabé, Simeão, Lúcio, Manaém<sup>2</sup> e Saulo. Estando estes homens cultuando e em jejum, o Espírito Santo disse: "*Separem-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado*" (At 13.2).

Prontamente, a ordem foi obedecida. Depois de jejuarem, de orarem e de imporem as mãos sobre eles, os irmãos puseram os dois a caminho (At 13.3). Junto com eles foi um auxiliar, João Marcos (At. 13.5)

Barnabé e Saulo saíram de Antioquia, sendo guiados pelo Espírito Santo, e desceram para Selêucia (porto mais importante da Antioquia). Dali, velejaram cerca de 100km rumo a oeste, para a ilha de Chipre<sup>3</sup>.

### **Primeira parada: ilha de Chipre**

Chipre significa cobre, assim chamada porque nos tempos antigos a ilha era conhecida como fonte desse metal. A ilha tem cerca de 220km de comprimento. Foi governada pelos romanos desde 58a.C., e um dos governadores foi o famoso orador e escritor Cícero. Suas principais cidades eram Salamina e Pafos, em cada um dos lados da ilha (Atos 4.36). Alguns dos santos que foram dispersos depois da perseguição em Jerusalém pregaram na ilha de Chipre (At. 11.19).

Como se percebe, a ilha de Chipre era um local onde já havia sido pregado o Evangelho e era um lugar já conhecido, pelo menos por Barnabé, posto que era natural daquela ilha. Talvez eles tenham escolhido aquele lugar exatamente por isto: iniciar o trabalho missionário em um lugar onde poderiam ter alguma ajuda local. Mais um indicativo da busca desta ajuda local acredito ser o local onde começaram a pregar: as sinagogas (At 13.5).

A ilha era povoada por gente de diversas origens: fenícios, gregos, assírios, persas, egípcios e romanos, ou seja: tinha muitos costumes diferentes. Ainda, o lugar era próspero, cheio de vida social, de pessoas que chegavam para adorar Afrodite (o lugar era o lar da deusa) e de comércio – os romanos extraíam toneladas de recursos naturais da ilha.

---

<sup>22</sup> Manaém foi educado com Herodes Antipas como companheiro infantil. Herodes nasceu em 20a.C., assim, Manaém tinha aproximadamente 65 anos de idade nesse momento. É incomum encontrar homens desta posição social na igreja primitiva (I Co 1:26-29). Lembre-se que era Herodes Antipas quem governava a Galileia e a Pereia durante o ministério público de Jesus. Foi Antipas quem decapitou João Batista e perante quem Jesus compareceu durante seu julgamento.

<sup>3</sup> "Embora houvesse alguns navios no Mediterrâneo com horários regulares ou rotas pré-definidas, navios com horário de partida e chegada fixa não eram comuns. Geralmente, mercadores orientais pulavam de porto em porto com qualquer carga que promettesse o melhor lucro. Provavelmente, o navio em que estavam Barnabé e Saulo era do tipo mais comum, o barco que 'pulava' entre os portos."

Em Salamina, Barnabé e Saulo pregaram nas sinagogas judaicas. Depois, o texto de Atos 13.6 fala que eles viajaram por toda a ilha até chegar a Pafos. A passagem bíblica é melhor traduzida como “vão através de toda a ilha”. Provavelmente isso significa um tour relativamente completo das comunidades judaicas na Ilha de Chipre, o que envolvia pregar nas sinagogas. Quanto tempo essa missão levou está aberto a conjecturas. Alguns acreditam que foram necessários, no mínimo, dois meses. Outros estimam que a jornada tenha durado quatro meses.

Aparentemente, nada de importante aconteceu neste período, pois Lucas passa rapidamente a nos relatar sobre o ocorrido na próxima cidade.

Talvez Deus tenha preparado esta surpresa para eles nos primeiros meses: absolutamente nada! Talvez eles tenham saído de Antioquia prevendo multidões se convertendo, milagres, etc. Talvez estivessem confiando em si mesmos. Talvez... Pode ser que Deus tenha usado este nada para que eles esperassem somente em Deus, que baixassem as expectativas, que não confiassem em si mesmo, mas no Espírito que sopra onde e quando quer.

Chegaram a Pafos, onde encontraram um feiticeiro judeu que era um falso profeta. Seu nome era Barjesus (filho de um homem chamado Jesus).

Naquele contexto, um feiticeiro (um mago) não era necessariamente um homem mau. Os sábios que visitaram Jesus eram magos. Tais homens eram uma combinação de cientista/mágico, químico/alquimista, astrônomo/astrólogo. Havia os que buscavam conhecimento e se tornavam homens muito sábios; outros procuravam poder e comando, através da manipulação dos governantes e dos ricos, a quem eles se esforçavam para influenciar por meio de seu conhecimento.

Esse feiticeiro havia conseguido se ligar a Sérgio Paulo, o procônsul<sup>4</sup> da ilha. Sérgio Paulo era um homem inteligente e capaz. Quando ouviu sobre Barnabé e Saulo, mandou buscá-los, pois desejava ouvir a palavra de Deus. Mas Elimas (uma tradição livre da ideia de feiticeiro, ou um que se dizia perito) se opôs a Barnabé e Saulo, procurando desviar o governador da fé.

Depois de tudo isso, Saulo, que também é chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, olhou firme para Elimas e disse: *"Filho do diabo e inimigo de tudo o que é justo! Você está cheio de toda espécie de engano e maldade. Quando é que vai parar de perverter os retos caminhos do Senhor? Saiba agora que a mão*

---

<sup>4</sup> Governador de uma província romana

*do Senhor está contra você, e você ficará cego e incapaz de ver a luz do sol durante algum tempo" (Atos 13.10-11a).*

Imediatamente, uma névoa e uma escuridão caíram sobre Elimas e ele saiu tentando encontrar alguém para guia-lo pela mão. Quando Sérgio Paulo viu o que tinha acontecido, creu, porque ficou espantado com o ensinamento do Senhor.

Esta é a primeira vez que Lucas usa o nome Paulo, em vez de Saulo, em sua narrativa. Até este ponto, Lucas chama a dupla de "Barnabé e Saulo", indicando que Barnabé era a personagem mais importante. Daí em diante, no Novo Testamento, Saulo é chamado exclusivamente de Paulo, e seu nome é geralmente listado primeiro quando está junto com o nome de um parceiro.

Paulo e seus companheiros velejaram 240km para o norte, de Chipre para a província da Panfília, na costa sul da Ásia Menor. Neste ponto da viagem, João Marcos os deixou e retornou para Jerusalém.

Não temos nenhuma informação bíblica sobre o motivo da volta de João Marcos, mas, qualquer que tenha sido o motivo, Paulo não gostou nem um pouco, a ponto de quando, em outra viagem, Barnabé sugeriu levá-lo, Paulo recusou fortemente (At 15.38). O motivo pode ter sido, como alguns sugerem, o cansaço com a obra ou o medo da viagem árdua e perigosa de subir as montanhas da Pisídia, o que Paulo e Barnabé estavam para fazer.

Paulo e Barnabé, então, viajaram para Antioquia da Pisídia, cerca de 190km ao norte de Perge. Eles entraram na sinagoga no dia de sábado e se sentaram, Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga os convidaram, dizendo: "*Irmãos, se têm alguma palavra de exortação para o povo, falem, por favor*" (At. 13.15).

Lucas registra detalhes da pregação de Paulo. Podemos dividir o sermão em três partes: 1ª) Paulo introduz seu sermão fazendo uma apresentação da história do Velho Testamento (At 13.16-25). 2ª) A segunda parte é a apresentação da pessoa e obra de Jesus –sua morte e ressurreição (At 13.26-37). 3ª) O terceiro ponto a ser enfatizado por Paulo é um apelo para que seus ouvintes tomassem uma decisão. Eles deveriam escolher entre a morte e a vida. (At 13.38-41).

Depois de anunciar o Senhor da salvação, eles foram convidados para um *bis* no próximo sábado e exortaram irmãos que começavam na fé.

Ao chegar o próximo sábado, havia se espalhado a notícia sobre o que tinha acontecido e quase toda a cidade juntou-se para ouvir a palavra de Deus.

Mas quando os judeus viram as multidões, encheram-se de ciúmes e começaram a contradizer as coisas ditas por Paulo e blasfemavam.

Paulo e Barnabé falaram ousadamente aos judeus incrédulos, dizendo: *"Era necessário anunciar primeiro a vocês a palavra de Deus; uma vez que a rejeitam e não se julgam dignos da vida eterna, agora nos voltamos para os gentios. Pois assim o Senhor nos ordenou: 'Eu fiz de você luz para os gentios, para que você leve a salvação até aos confins da terra' ". (Atos 13.46-47). Paulo estava citando parte de Isaías 49:6.*

Quando os gentios ouviram esta afirmação, alegraram-se, e tantos quantos estavam dispostos a aceitar a vida eterna creram. Em consequência, a palavra do Senhor foi espalhada por toda a região.

Os judeus, trabalhando por meio de mulheres devotas que eram importantes na cidade e os principais homens da cidade, instigaram a perseguição contra Paulo e Barnabé. Eles os expulsaram de suas fronteiras. Quando saíram, Paulo e Barnabé sacudiram o pó de seus pés contra eles e mudaram -se para Icônio, 130 km a sudeste. Aqueles que tinham sido convertidos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo.

### **Segunda parada: Icônio**

Como de costume, Paulo e Barnabé entraram na sinagoga dos judeus quando chegaram a Icônio. Ali falaram de tal modo que um grande número, tanto de judeus como de gregos, creu. Mais uma vez, contudo, os judeus incrédulos agitaram a cidade contra Paulo e Barnabé.

Apesar disto, segundo o relato de Lucas, Paulo e Barnabé ficaram nesta cidade bastante tempo e Deus confirmava suas palavras por meio de sinais e milagres.

Finalmente, formou-se uma conspiração de gentios e judeus, inclusive seus líderes, com o objetivo de ferir e apedrejar Paulo e Barnabé. Quando souberam desta tocaia, eles fugiram para a província vizinha da Licaônia, para as cidades de Listra e Derbe.

### **Terceira parada: Listra e Derbe**

Agora eles foram para Licaônia, o que nos leva a mais alguma informação sobre as circunstâncias desta localidade naquela época.

Às vezes, as divisões ou repartições das terras naqueles dias geram bastante confusão. Quando os romanos organizaram seus territórios conquistados em distritos administrativos, nem sempre respeitaram velhos limites culturais e étnicos. A Licaônia, por exemplo, era uma velha região étnica, onde o

povo ainda tinha o hábito de falar sua velha língua. Mas os romanos tinham dividido a Licaônia em duas partes. Uma pertencia a Roma e continha Listra e Derbe. Roma a tinha feito parte do distrito da Galácia e chamava-a Licaônia Galática. A outra parte não era romana, era governada pelo rei Antíoco e era, portanto, chamada Licaônia Antioquiana. Paulo e Barnabé não foram além da parte romana da Licaônia.

Esta informação explica porque a região é chamada Licaônia quando a história conta sua ida lá, porém mais tarde, quando Paulo escreveu uma carta aos cristãos da região, o livro foi chamado Gálatas. Os dois nomes se aplicavam a mesma região.

Pois bem, Listra ficava cerca de 30 km a sudoeste de Icônio. Quando lá chegaram, Paulo e Barnabé encontraram um aleijado que nunca tinha andado. O homem ouviu Paulo falando e este, olhando firmemente para o homem, vendo que ele tinha fé para ficar bom, disse em voz alta: *“Levante-se sobre seus pés”* O homem se levantou do chão de uma vez e caminhou<sup>5</sup>.

Quando as multidões viram o que tinha sido feito, ficaram tão espantados que falavam na língua da Licaônia, gritando: *“Os deuses desceram até nós na forma de homens!”* Eles chamaram Barnabé de Júpiter (Zeus em grego) e Paulo de Mercúrio (Hermes em grego), porque Paulo era o principal orador (Hermes era chamado “o mensageiro dos deuses”).

Os sacerdotes de Júpiter, cujo templo era na entrada da cidade, organizaram uma procissão para realizar um sacrifício como oferta aos “deuses Hermes e Zeus”. Logo que Paulo e Barnabé perceberam que isto estava sendo preparado, rasgaram suas roupas e correram para dentro da multidão, gritando: *“Homens, por que vocês estão fazendo isso? Nós também somos humanos como vocês. Estamos trazendo boas novas para vocês, dizendo-lhes que se afastem dessas coisas vãs e se voltem para o Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há. No passado ele permitiu que todas as nações seguissem os seus próprios caminhos. Contudo, não ficou sem testemunho: mostrou sua bondade, dando-lhes chuva do céu e colheitas no tempo certo,*

---

<sup>5</sup> A fé não era necessária para a realização de um milagre. O cego de João 9 nem mesmo sabia quem Jesus era até que ele o curasse. Há várias pessoas ressuscitadas no primeiro século e os milagres eram realizados sobre objetos inanimados, tais como tornar a água em suco de uva, acalmar a tempestade no mar e amaldiçoar a figueira. Algumas vezes a pessoa curada claramente tinha fé para ser curada, tal como a mulher com o fluxo de sangue. Mas a fé por parte do curado não era uma condição necessária para sua cura, e nenhuma vez a falta de fé por parte de quem desejava ser curado serviu de desculpa para o fracasso de uma tentativa de fazer um milagre. A única vez que os apóstolos falharam em fazer um milagre, Jesus atribuiu seu fracasso à própria falta de fé deles, não a uma falta por parte de quem precisava da cura (Mateus 17:19 -21; veja também Mateus 14:29 -31).

*concedendo-lhes sustento com fartura e enchendo de alegria os seus corações"* (At 14.15-17).

Assim, com muita dificuldade, eles conseguiram impedir que a multidão lhes oferecesse sacrifícios.

Então, chegaram judeus incrédulos que tinham seguido Paulo desde Antioquia da Pisídia e de Icônio. Eles insuflaram a multidão contra Paulo e Barnabé, de modo que Paulo foi apedrejado e arrastado para fora da cidade, dado como morto.

Após a multidão abandonar Paulo, os discípulos puseram-se em volta dele e, surpreendentemente, Paulo se levantou e retornou com eles à cidade. No dia seguinte, foi com Barnabé para Derbe, uns 50 km a sudeste.

A recuperação de Paulo foi um milagre. Pela leitura do texto, é evidente que ele não estava completamente morto quando foi arrastado para fora da cidade, porque a Bíblia diz que eles o arrastaram para fora da cidade supondo que estivesse morto. Mas, enquanto os irmãos observavam, este homem, quase morto, levantou-se e entrou na cidade e foi para outra cidade logo no dia seguinte. Um apedrejamento tão severo quanto esse levaria dias ou semanas para que a pessoa se recuperasse o suficiente para estar firme para uma viagem.

Lucas não relata muito sobre o que aconteceu em Derbe, limitando-se a dizer que *"eles pregaram as boas novas naquela cidade e fizeram muitos discípulos"* (At. 14.21).

### **O retorno**

Quando acabaram de pregar o evangelho em Derbe, Paulo e Barnabé retornaram por Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia, fortalecendo os discípulos e encorajando-os a permanecerem firmes na fé. Eles disseram: *"Temos que passar por muitas provações para entrar no reino de Deus"* (At 14.22).

Uma das coisas mais importantes que Paulo e Barnabé fizeram nesta viagem de retorno foi indicar presbíteros em cada igreja.

Para que estas igrejas fossem totalmente equipadas, necessitavam de presbíteros. Precisavam de homens qualificados. Que homens pudessem ser qualificados tão rapidamente é facilmente explicado pelo fato de muitos destes convertidos serem judeus (o conhecimento bíblico e o estilo de vida judaico auxiliaria muito quanto ao cumprimento das qualificações de presbíteros registradas em 1 Timóteo 3 e Tito 1. Além disto, é possível que, pela ação miraculosa do Espírito Santo, este processo de desenvolvimento dos discípulos tenha sido acelerado grandemente.

É importante observar que os presbíteros foram indicados em cada igreja, não em cada distrito. Cada igreja tinha seus próprios presbíteros. Esta passagem é muito importante para estabelecer que cada igreja deve ser independente e autônoma.

Paulo e Barnabé, então, desceram das montanhas da Pisídia para a província da Panfília. Quando acabaram de pregar em Perge, foram a Atália e dali velejaram de volta a Antioquia da Síria.

Ao chegarem, reuniram a igreja e disseram todas as coisas que Deus tinha feito através deles e como Ele tinha aberto a porta da fé aos gentios. Por muito tempo eles permaneceram ali em Antioquia.

Este momento de testemunho e relatório não é menos importante. A igreja enviada faz parte da missão e deve ter o privilégio de participar dos frutos do trabalho missionário, se alegrando e sofrendo com aqueles que foram. Estes testemunhos fazem com que todos se sintam participando e animam a igreja para que trabalhe ainda mais intensamente na obra de Deus.

### **E o que aconteceu com João Marcos?**

João Marcos era sobrinho (dependendo da versão é traduzido como primo) de Barnabé (Cl 4.10) e filho de Maria (At 12.12), em cuja casa a igreja primitiva se reunia em Jerusalém. A casa de Maria, mãe de Marcos, é apresentada como um lugar onde se podia orar e ter comunhão com outros irmãos na fé (At 12.6-17)! Talvez Maria fosse uma mulher relativamente rica, pois tinha pelo menos uma empregada, Rode (At. 12.13).

João era seu nome hebraico e Marcos seu nome romano. Provavelmente ficou conhecido como Marcos após sua conversão ao cristianismo. Seu desejo era espalhar o evangelho entre os gentios.

É interessante estudar a vida desse homem que aparentemente fracassou na obra do Senhor, mas com a graça de Deus conseguiu superar suas falhas.

Cronologicamente, o primeiro relato sobre João Marcos, antes mesmo desta viagem com Paulo e Barnabé, também não é muito promissor. A maioria dos estudiosos do Novo Testamento acredita que Marcos é o jovem que “fugiu desnudo” em Marcos 14.52. É provável que Marcos estivesse dormindo quando soube do que acontecia com Jesus no jardim. Sem teve tempo de se vestir adequadamente, saiu enrolado no lençol, mas quando o tentaram prender saiu correndo nu, deixando o lençol para trás.

Já no livro de Atos, Barnabé havia levado Marcos, de Jerusalém, onde era sua casa, para Antioquia. Certamente, Barnabé queria que seu sobrinho estivesse a seu lado, aprendendo na prática, no dia-a-dia como servir a Deus. Como sinto falta de pessoas, atualmente, que façam isso: ensinem outros, diariamente, a viver a vida cristã...

Com isto em mente, Barnabé leva Marcos como auxiliar na viagem missionária que realizou com Paulo, mas, como sabemos, Marcos retornou logo ainda no início para Jerusalém, para casa de sua mãe.

Graças a Deus, Barnabé não desistiu de Marcos e lhe deu uma segunda chance. Paulo e Barnabé estavam prontos a iniciar sua segunda viagem missionária, e Barnabé quis levar consigo o jovem que tinha fracassado na primeira viagem. Mas Paulo não tinha a mesma convicção. O resultado foi que Paulo e Barnabé se separaram por causa de João Marcos. Barnabé, o “*filho da consolação*”, levou Marcos na viagem missionária a Chipre (v.39), dando-lhe a segunda chance. Não ouvimos mais nada negativo sobre a atuação de João Marcos. Parece que Barnabé fez um bom trabalho ao investir no discipulado deste jovem.

A recusa de Paulo de levar Marcos na segunda viagem missionária poderia ter causado um distanciamento permanente entre os dois, mas felizmente isto não aconteceu. Durante os últimos anos da vida de Paulo, Marcos, aquele que foi rejeitado pelo apóstolo, lhe fez companhia, permanecendo ao seu lado nas horas mais difíceis:

a) na carta aos Colossenses, Paulo escreveu que Marcos estava com ele em Roma e possivelmente visitaria a igreja em Colossos (Cl 4.10). Paulo disse que Marcos e Jesus, conhecido por Justo, “*são os únicos da circuncisão que cooperam pessoalmente comigo pelo reino de Deus*” (Cl 4.11). Eles tinham animado Paulo na prisão;

b) Quando Paulo escreveu para Filemom, colocou Marcos na lista dos seus cooperadores (Fm 24).

c) Paulo, escrevendo para Timóteo sua última carta antes de morrer, pediu que trouxesse Marcos, “*pois me é útil para o ministério*” (2Tm 4.11).

Que mudança! De auxiliar fujão, Marcos passou a ser uma bênção na obra do Senhor. Dessa forma, entendemos que Marcos valorizou a segunda chance recebida e que o seu serviço foi importante no começo da igreja.

Efetivamente, João Marcos contribuiu muito para o crescimento da igreja no primeiro século, embora não tenha se destacado na liderança como Paulo, Pedro ou Tiago. Ele impactou a igreja e, mais tarde, o mundo inteiro com seu evangelho – o primeiro dos quatro que foram escritos. Quem podia imaginar

que aquele rapaz seria o autor do primeiro relato da vida, morte e ressurreição de Cristo?

### **Cronologia da viagem**

Não há meios de se saber exatamente quando a primeira viagem missionária começou, mas ajustando-a ao relato da morte de Herodes Agripa, ano 44 d.C., parece se encaixar também com todas as outras datas. A conferência de Jerusalém, que ocorreu entre a primeira e a segunda viagens, aconteceu quatorze anos depois que Paulo retornou de Damasco a Jerusalém, três anos depois da sua conversão (Gl 1:18 - 2:1). Se datamos o começo da igreja no ano 29 ou 30 d.C., e a conversão de Paulo em 31 ou 32 d.C., então acrescentamos três anos entre sua conversão e seu retorno a Jerusalém, mais os quatorze anos antes que ele retornasse à reunião descrita no capítulo 15, e assim chegamos ao ano 48 ou 49 d.C. para a conferência em Jerusalém. Portanto, é provável que esta primeira viagem ocorreu entre 44 e 49 d.C.

Quanto tempo durou a primeira viagem? Ninguém sabe ao certo. Alguns dizem um pouco mais que dois anos; outros dizem três ou quatro anos. Considere estes fatores: Depois da morte de Herodes, no ano 44 d.C., não sabemos quanto tempo os discípulos estiveram em Antioquia, antes que o Senhor os chamasse a sair em sua missão especial. Eles ficaram lá por algum tempo. Então, passaram por “toda a ilha” de Chipre (13:6), o que indica uma evangelização bem completa da ilha. Não há meio de se saber quanto tempo levaram para passar por Perge, nem quanto tempo durou sua estada em Antioquia da Pisídia, mas estiveram lá um tempo suficiente para a palavra de Deus se espalhar através de toda a região (At 13:49). Eles permaneceram em Icônio por “muito tempo” (At 14:3). Não há nenhuma nota a respeito de quanto tempo estiveram em Listra e Derbe, nem quanto tempo levaram exortando os irmãos, quando passaram outra vez por todas as cidades. Então, no retorno, permaneceram em Antioquia “não pouco tempo” (At 14:28). É bastante provável, portanto, que dois anos são uma boa estimativa para a duração desta primeira viagem. As datas indicadas neste período, contudo, variarão de um estudioso para outro.

Lembre-se que, através de toda a história bíblica, somente alguns pontos são indicados. As histórias contadas são apenas exemplos da obra que estava sendo feita por toda a parte. Muitos outros eventos estavam acontecendo simultaneamente neste mesmo período. Houve mais coisas que aconteceram até mesmo nesta primeira viagem. Estas que são contadas, são para que possamos saber o tipo de trabalho que estava sendo feito. A obra de Paulo foi significativa por causa dos escritos que ele deixou, mas ele não era o único apóstolo que estava trabalhando.

### **Fontes de consulta**

<http://pastoradaocarvalho.blogspot.com.br/2009/05/o-que-aconteceu-em-antioquia-da-siria.html>

<http://www.ebdareibranca.com/2011/1/trimestre/licao11ajuda01.htm>

[http://www.proclamandoomundo.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=25:a-missao-urbana-da-igreja-de-antioquia-da-siria&catid=12:estudos&Itemid=17](http://www.proclamandoomundo.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=25:a-missao-urbana-da-igreja-de-antioquia-da-siria&catid=12:estudos&Itemid=17)

<http://www.sandovaljuliano.com.br/site/curiosidades/47-biografia-dos-personagens-biblicos/440-o-que-sabemos-sobre-barnabe>

<http://www.estudosdabiblia.net/jbd052.htm>

<http://caminhandocomamor.blogspot.com.br/2011/03/os-atos-dos-apostolos-historia-de.html>

<http://bibliotecabiblica.blogspot.com.br/2009/07/significado-da-palavra-cristao.html>

<http://www.estudosdabiblia.net/idecontar5.pdf>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Proc%C3%B4nsul>

<https://jesusehilario.wordpress.com/tag/primeira-viagem-missionaria-de-paulo/>

<http://gildasioreis.blogspot.com.br/2010/06/primeira-viagem-missionaria-de-paulo.html>

<http://ultimato.com.br/sites/estudos-biblicos/assunto/igreja/marcos-o-rapaz-que-deu-a-volta-por-cima/>

## **A QUESTÃO DOS GENTIOS E OS JUDAIZANTES** **(Atos 15.1-35)**

### **Introdução: o contexto histórico-cultural**

A conversão de muitos gentios e judeus em Jerusalém (At 2.5-11 e 41; At. 4.4) e a sua posterior dispersão provocada pela perseguição religiosa (At. 8.1,4), espalhou o Evangelho por diversas cidades e regiões vizinhas e até mais distantes.

À medida que iam caminhando, os discípulos cumpriam a missão recebida de fazer novos discípulos.

Entretanto, a pregação ainda era propositalmente realizada quase que exclusivamente nas sinagogas e tinha como público-alvo os judeus. Indiretamente, os gentios estavam sendo alcançados pela mensagem de boas novas, mas, ainda se tinha a ideia de que os judeus eram o povo escolhido de Deus. Até algumas falas do Senhor Jesus pareciam refletir este entendimento (Mt 10.5, Mt 15.24)<sup>1</sup>.

O judeu ouvia desde cedo, na família e na sinagoga, que Deus tinha uma aliança exclusiva com seu povo (Israel):

*“Então o Senhor disse a Abraão: 'Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados' ” (Gênesis 12.1-3)*

---

<sup>1</sup> Mas Jesus disse também a seus discípulos que fizessem "discípulos de todas as nações" (Mt 28.19), porque ele tinha "outras ovelhas, não deste aprisco" (Jo 10.16). Até mesmo os profetas do AT declararam que Jesus seria "luz para os gentios" (Is 49.6). Tais ordens aparentemente contraditórias referem-se a dois períodos diferentes. É verdade que a missão original de Jesus foi para os judeus. Mas as Escrituras testificam que Ele "veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11). Os judeus o rejeitaram como o seu Messias, e crucificaram-no. Foi depois da crucificação e ressurreição de Jesus, portanto, que a missão dos discípulos passou a ser ir às nações, cumprindo-se, assim, as profecias quanto aos gentios. Dessa forma, o apóstolo Paulo pôde dizer aos cristãos de Roma que o Evangelho era "primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16). Por causa da sua rejeição a Jesus, a nação de Israel foi cortada (Rm 11.19), mas, quando futuramente se completar a "plenitude dos gentios" (Rm 11.25), então Israel será enxertada de novo (Rm 11.23,26). É certo que, mesmo tendo sido a missão de Jesus oficialmente para os judeus, ele não negligenciou os gentios. Ele curou a filha da mulher siro-fenícia (Mc 7.24-30) e saiu para ministrar à mulher samaritana (Jo 4). Ele disse a seus discípulos de antemão que a sua obra (a ser feita por intermédio deles) iria alcançar os gentios (Jo 10.16), e a sua grande comissão foi para que fizessem "discípulos de todas as nações" (Mt 28.18-20). Mas, tanto por uma questão de prioridade como de tempo, a mensagem de Cristo veio primeiro para o judeu e depois para o gentio.

*"Em herança possuireis a sua terra, e eu vo-la darei para a possuídes, terra que mana leite e mel: Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos separei dos povos. Ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e separei-vos dos povos, para serdes meus" (Levítico 20.24,26).*

*"Pois vocês são um povo santo para o Senhor, o seu Deus. O Senhor, o seu Deus, os escolheu dentre todos os povos da face da terra para ser o seu povo, o seu tesouro pessoal. O Senhor não se afeiçãoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque o Senhor os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados (...)" (Deuteronômio 7.6-8)*

Por esta razão, não havia para os judeus a ideia de evangelização de outros povos no Velho Testamento, pois Deus estaria apenas interessado em salvar Israel.

Apesar de não haver esta preocupação com o proselitismo, ocorria ocasionalmente de um gentio "converter-se" ao judaísmo. Nesta hipótese, ele deveria tornar-se judeu, isto é, ser circuncidado e amoldar-se à cultura, leis e cerimoniais judaicos:

*"Quando também peregrinar convosco algum estrangeiro, ou que estiver no meio de vós nas vossas gerações, e ele apresentar uma oferta queimada de cheiro suave ao Senhor, como vós fizerdes, assim fará ele. Um mesmo estatuto haja para vós, ó congregação, e para o estrangeiro que entre vós peregrina, por estatuto perpétuo nas vossas gerações; como vós, assim será o peregrino perante o Senhor. Uma mesma lei e um mesmo direito haverá para vós e para o estrangeiro que peregrina convosco." (Números 15.14-16)*

*"O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações, tanto o escravo nascido em casa como o comprado a qualquer estrangeiro, que não for da tua estirpe. Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro; a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua." (Gênesis 17.12-13)*

*"Porém todo escravo comprado por dinheiro, depois de o teres circuncidado, comerá dela. O estrangeiro e o assalariado não comerão dela. O cordeiro há de ser comido numa só casa; da sua carne não levareis fora da casa, nem lhe quebrareis osso nenhum. Toda a congregação de Israel o fará. Porém, se algum estrangeiro se hospedar contigo e quiser celebrar a Páscoa do SENHOR, seja-lhe circuncidado todo macho; e, então, se chegará, e a observará, e será como o natural da terra; mas nenhum incircunciso comerá dela. A mesma lei haja para o natural e para o forasteiro que peregrinar entre vós." (Êxodo 12.44-49)*

Estamos falando de milênios de tradição. Então, era muito difícil para um judeu imaginar uma vida religiosa em que estas cerimônias e práticas não existissem. Ainda, é preciso lembrar que, para o judeu, a chegada do Messias não inaugurava uma nova religião, mas o cumprimento das profecias bíblicas e o prosseguimento do judaísmo na história. Então, à medida que os gentios iam se convertendo, naturalmente lhes era exigido o cumprimento dos rituais judaicos, inclusive a circuncisão.

Aliado a isto, havia um preconceito histórico dos judeus contra os “pagãos”. Isto é claramente percebido no registro de Atos 6.1, onde se vê que as viúvas gregas eram preteridas em relação às viúvas judias.

Naquele momento, o que parecia é que Deus havia aberto a porta da salvação a todos (Mt 28.19), mas a religiosidade cotidiana ainda passava pelo modelo judaico.

Então, Deus fez uma primeira intervenção, chamando Saulo como seu apóstolo diretamente para os gentios (At 9.15, 13.47, 22.21, 26.17).

Em seguida, Deus interveio novamente dando uma visão ao apóstolo Pedro, que estava na cidade de Jope, fazendo-o ver que Deus trata a todos igualmente e que Ele estava interessado no anúncio do Evangelho aos gentios (At 10). Nesta mesma oportunidade, Deus batizou com o Espírito Santo uma família gentia, sem que estes passassem pela circuncisão ou tivessem qualquer contato com as cerimônias judaicas de purificação.

A conversão de uma família gentia foi um verdadeiro escândalo para a igreja de Jerusalém e Pedro foi duramente criticado (At 11.2-3) e questionado sobre seu contato com incircuncisos. Pedro, então, lhes contou a visão que teve e como Deus havia dado aos gentios o mesmo dom que tinha dado aos judeus, de forma que todos concordaram que “também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para a vida” (At 11.18).

O número de gentios na comunidade crescia cada vez mais pela pregação direta aos “pagãos” (At 11.20) e estes passaram a ocupar inclusive funções de liderança, como ocorria na igreja em Antioquia (At 13.1).

Com a primeira viagem missionária realizada por Paulo e Barnabé ficou claro para a igreja de Antioquia que Deus estava salvando a todos sem distinção e que a salvação não dependia de qualquer observância aos rituais judaicos, mas era unicamente pela graça de Deus mediante a fé.

### **A questão com os judaizantes**

Ocorre que alguns judeus convertidos ao Caminho ainda não tinham assimilado esta 'conversa' de salvação fora do ritualismo judaico. Eles ainda estavam presos ao modelo veterotestamentário e, para eles, a circuncisão era uma condição para a salvação (At. 15.1), bem como a obediência aos rituais e cerimônias judaicos (At. 15.5).

Então, estes irmãos, desceram da Judeia até Antioquia, sem a concordância da sua liderança religiosa (At. 15.24) – fato que não era conhecido inicialmente -, para confrontar o ensino de Paulo e Barnabé lá em Antioquia.

Como dito, estes judeus eram membros da igreja de Jerusalém (situada na província da Judeia). Isto conferia grande peso a sua mensagem porque Jerusalém era, naquele período, o centro do cristianismo, de onde a mensagem do Evangelho havia sido espalhada. Por um longo tempo depois que outros discípulos foram dispersados, os apóstolos permaneceram em Jerusalém. Alguns ainda estavam lá (Atos 15.4,6,22). Por isso, a igreja em Jerusalém era respeitada como uma fonte de informação valiosa para os cristãos primitivos. O próprio Paulo reconhece a presença e o ensino dos apóstolos Tiago, Pedro e João em Jerusalém como um referencial para a igreja daquele tempo (Gl 2.9).

A igreja de Jerusalém por ser formada majoritariamente de judeus tinha uma forte carga desta herança cultural e religiosa. Paulo ao escrever aos Gálatas relata a sua expectativa que tinha de os crentes tentarem “forçar” a circuncisão de Tito, um crente grego, que o acompanhou numa viagem a Jerusalém (Gl 2.3-5). Relata, ainda, como o apóstolo Pedro, que era líder em Jerusalém, ao fazer uma visita a igreja em Antioquia, inicialmente comia com os gentios, mas depois com a chegada de outros irmãos da igreja de Jerusalém passou a evitar comer com os gentios, temendo os que eram da circuncisão (Gl 2.11-21).

A confusão estava estabelecida. Note que este conflito não veio de fora, mas de dentro da própria igreja. Estes judeus haviam aceitado o evangelho de Cristo. O problema é que eles pensavam que as bênçãos de Deus só podiam ser dadas a judeus e que eles eram o único povo escolhido por Deus. Portanto, concluíram que os gentios precisavam primeiro se tornar parte da aliança com Deus (através do sinal da circuncisão) para ter o direito de ser salvos.

Este, claramente, era um assunto muito importante. Poderia ter dificultado intensamente o progresso do evangelho. Foi a fonte de muitos conflitos nos anos que se seguiram. Posteriormente, inclusive, o apóstolo Paulo tratará desta questão novamente ao escrever a igreja da Galácia<sup>2</sup>.

O fato é que toda a informação disponível para resolver a questão estava no Velho Testamento, nas palavras de Jesus preservadas pelos apóstolos e testemunhas e no ensino apostólico.

Só depois de muito bate-boca e discussão em Antioquia, é que resolveram ser a melhor saída irem juntos até a igreja em Jerusalém para, juntamente com os anciãos (presbíteros) e apóstolos, tratar a questão. Da igreja de Antioquia foram os pastores Barnabé e Paulo, além de outros irmãos. A escolha por Jerusalém tem dois motivos óbvios: a) os judaizantes partiram daquela região e, aparentemente, apoiados por aquela igreja; b) em Jerusalém estavam os principais líderes do Caminho. Outra razão para esta escolha, talvez, especulando um pouco, seja o fato de que a igreja em Jerusalém era a mais “judaica” de todas àquela época. Então, ter um pronunciamento favorável da

---

<sup>2</sup> É importante registrar que alguns defendem ter sido a carta de Gálatas escrita antes deste concílio

igreja mais influente e mais “judaica” seria praticamente resolver a questão de uma vez por todas.

Ao chegarem em Jerusalém, foram bem recebidos e contaram tudo que estava acontecendo em Antioquia e o que Deus estava fazendo por intermédio deles no meio dos gentios.

Então, alguns fariseus que frequentavam a igreja de Jerusalém e compunham sua liderança (por certo, caso contrário não estariam participando desta reunião) insistiram ser necessária a circuncisão e a obediência à Lei de Moisés para a salvação”. Estamos tão habituados a ouvir os fariseus fazerem objeção contra o ensinamento de Jesus que seria fácil pensar que isto era mais uma oposição de judeus descrentes. Mas estes eram homens que haviam sido fariseus e que haviam aceito a palavra do evangelho. O problema era que eles não conseguiam conceber a ideia de os gentios serem aceitos por Deus sem a necessidade de amoldar-se ao judaísmo. Eles viveram suas vidas sendo muito cuidadosos em se manter separados de todos os costumes dos gentios e, ao mesmo tempo guardar a sua tradição, sendo assim, para eles, uma lição difícil de aceitar.

É difícil concluir com segurança se este posicionamento de ir até Antioquia confrontar o ensino de Paulo era algo motivado apenas pelo desejo de combater algo que entendiam ser errado. De um lado, em nenhum momento é falado que estes irmãos judaizantes tiveram este posicionamento por maldade ou para trazer divisão. Por outro lado, eles partem de Jerusalém, sem o conhecimento/concordância de sua liderança (entre as quais alguns apóstolos), a quem poderiam inclusive ter consultado para sanar previamente esta questão, e em Antioquia apresentam-se como vindos de Jerusalém, dando a entender que tinham o aval daquela igreja-mãe.

Mais uma vez houve muito debate, muita controvérsia, até que Pedro, conhecido como apóstolo aos circuncisos (Gl 2.7) tomou a palavra e contou sua experiência na casa de Cornélio, concluindo que a salvação de judeus e gentios é exclusivamente pela graça de Deus (At. 15.7-11).

O recebimento do Espírito era um sinal claro (o principal) de que alguém fora salvo. Não havia dúvidas que alguém que recebera o Espírito fora convertido por Deus. Receber o Espírito, era receber poder para ser testemunha de Jesus e levar seu Evangelho (At 1.8). Então Paulo pergunta aos judaizantes: vocês acham que Deus se enganou ao derramar do Seu Espírito sobre os gentios? Ou: vocês estão querendo provar (tentar) a Deus (At 15.10a)? Se Deus mesmo purificou o coração dos gentios pela fé, vocês acham que a circuncisão e os ritos judaicos vão purificar mais ou melhor (At 15.9)?

Portanto, o argumento básico de Pedro era que, na salvação de Cornélio, Deus deu um exemplo que mostrava que todos os gentios seriam salvos, sem lhes ser exigido que fossem circuncidados ou que guardassem a lei de Moisés. Pedro talvez tivesse em mente também o ensino recebido do próprio

Jesus em que a única cerimônia recomendada era o batismo (Mt 28.19). Admitir a circuncisão seria adicionar um rito que não tinha sido determinado pelo Mestre...

Depois do discurso de Pedro, todos permaneceram em silêncio e ouviram Barnabé e Paulo contando novamente os sinais e maravilhas que Deus tinha feito entre os gentios, através deles (At 15.12). Não nos é contada nenhuma conclusão que Barnabé e Paulo teriam expressado quando contaram os milagres que Deus tinha feito através deles. Mas é certo que eles estavam sustentando uma posição: Deus abençoava o trabalho que eles estavam fazendo com sinais e maravilhas. Ele não os teria abençoado se não aprovasse suas ações. E Paulo e Barnabé não haviam exigido que os gentios convertidos fossem circuncidados ou que guardassem a lei de Moisés. Portanto, era uma conclusão necessária que Deus tinha aprovado que os gentios fossem salvos sem circuncisão e sem guardar a lei de Moisés.

Notemos que a discussão, apesar de acirrada, é mantida com liberdade e respeito às posições. Os dois lados possuem liberdade para expor seus pontos de vista e são ouvidos com atenção e respeito. Nenhuma posição é tomada de antemão como heresia ou besteira. Todo mundo tem interesse e atenção em ouvir o outro lado. As pessoas e suas opiniões são respeitadas. Esta é uma característica importante: ouvir de verdade as pessoas, considerando seus argumentos.

Finalmente, Tiago (irmão de Jesus – Gl. 1.19), provavelmente o pastor da igreja de Jerusalém, falou: Irmãos, ouçam-me. Simão (refere-se a Pedro) lembrou-nos de como Deus veio primeiro em auxílio dos gentios para tirar deles um povo para seu nome. E as palavras dos profetas estão de acordo com isso, como está escrito: *“Depois destas coisas voltarei e reerguerei a tenda de Davi que está caída, e levantarei suas ruínas para que o restante dos homens possam buscar ao Senhor e todos os gentios que se chamam pelo meu nome, diz o Senhor, que revela as coisas dos tempos anteriores”* (Amós 9:11-12). Por isso, de minha parte, meu julgamento é que não perturbemos aqueles dentre os gentios que estão se convertendo ao Senhor. Em vez disso, deveremos escrever a eles, dizendo-lhes que recomendamos sua abstenção da contaminação dos ídolos, da fornicação, dos animais que são estrangulados e do sangue. Pois Moisés tem sido pregado em cada cidade por muitos e muitos anos, e é lido nas sinagogas a cada sábado.

Com esta fala, Tiago concordou com a posição de Pedro, Paulo e Barnabé, propondo uma solução conciliadora, a fim de preservar a unidade da Igreja: enviar uma carta às igrejas em Antioquia, Síria e Cilícia esclarecendo que a circuncisão não é necessária para a salvação, tampouco o cumprimento dos rituais judaicos pelos judeus, recomendando alguns comportamentos para preservar a unidade da igreja (At 15.13-21).

Depois que Tiago falou, os apóstolos, os anciãos, e, na verdade, toda a igreja, decidiram escolher homens para ir com Paulo e Barnabé a Antioquia para levar esta conclusão aos irmãos. Notemos que a decisão foi de consenso, conciliar, unânime. Após a discussão, após ponderar a opinião contrária, após

ouvir a liderança eclesiástica, chegaram a uma decisão que agradava a todos, em que todas as partes cediam um pouco para o bem da igreja, sem prejuízo da verdade. Os judaizantes lá presentes não ficaram reclamando após a decisão, por outro lado, os gentios ao receberem a carta se alegraram, como veremos, não achando um peso excessivo a recomendação feita.

Eles escolheram, assim, Judas Barsabás e Silas, homens influentes entre os irmãos, e escreveram uma carta para levarem aos irmãos gentios:

*“Os irmãos apóstolos e presbíteros, aos cristãos gentios que estão em Antioquia, na Síria e na Cilícia: Saudações. Soubemos que alguns saíram de nosso meio, sem nossa autorização, e os perturbaram, transtornando a mente de vocês com o que disseram. Assim, concordamos todos em escolher alguns homens e enviá-los a vocês com nossos amados irmãos Paulo e Barnabé, homens que têm arriscado a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, estamos enviando Judas e Silas para confirmarem verbalmente o que estamos escrevendo. Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias: Que se abstenham de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual. Vocês farão bem em evitar essas coisas. Que tudo lhes vá bem.”*

Ao chegarem em Antioquia, reuniram toda a comunidade e leram a carta para os irmãos daquela igreja, que muito se alegraram. Judas e Silas ficaram servindo entre aqueles irmãos. Após algum tempo, Judas retornou para Jerusalém, mas Silas resolveu continuar servindo em Antioquia (At. 15.30-35).

Percebam que a carta é destinada apenas aos gentios. Isto é, o concílio não recomenda aos judeus que abandonem suas tradições, ou mesmo a circuncisão. O que ela afirma é que tais rituais não são necessários para a salvação. Tanto é assim que o próprio Paulo, pouco tempo depois, pessoalmente, circuncida a Timóteo, que era de origem judia. Esta prática preservava a identidade judaica como povo/nação, além de evitar escândalo para os crentes/judeus mais radicais (At 16.1-3).

### **Uma carta para preservação da unidade**

Ao contrário do que pode parecer, a carta não está dizendo que as “coisas necessárias” do verso 29 (que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da fornicação) são necessárias para a salvação. O foco é a manutenção da unidade da igreja, a comunhão. Estas recomendações (observe que são apenas recomendações) são necessárias para preservação da unidade do Corpo.

Tanto é assim que o próprio Paulo que participou desta decisão, anos mais tarde ao escrever aos coríntios, vai falar que comer carne sacrificada não é problema algum, exceto para a consciência dos mais fracos (I Co 8.4-13). Ora, se a recomendação de abstenção de comer coisas sacrificadas a ídolos fosse

necessária para salvação, Paulo claramente estaria falando heresia ao escrever aos coríntios... O mesmo vale para a carne sufocada ou com sangue.

O que está em jogo na recomendação contida na carta não são condições para ser salvo, mas sugestões práticas para manter a unidade da igreja.

Os crentes judeus poderiam manter sua tradição, sua cultura, seus rituais, sua dieta, mas não tinham o direito de exigir o mesmo dos gentios, pois Deus não lhes impunha isto como condição para salvação, nem fazia parte da sua cultura.

De outro lado, aos gentios, mesmo sabendo que lhes era lícito, era recomendado evitar aquelas práticas, como forma de manter a paz e a unidade da igreja, diante da consciência mais frágil dos judeus.

Esta é uma decisão sábia, onde ambos os lados cedem: os gentios abrem mão de parte da sua liberdade para que a igreja viva em plena comunhão e os judeus aprendem a conviver com costumes e práticas diferentes das que estão acostumados.

É uma aplicação prática do amor cristão: preferir dar honra aos outros mais do que a mim mesmo (Rm 12.10) e não procurar os próprios interesses (I Co 13.5).

É possível aplicarmos este mesmo princípio para nossas igrejas e vidas atualmente.

Como indivíduos, em nossas relações interpessoais, devemos compreender as limitações alheias e, eventualmente, abrir mão da nossa liberdade em prol da unidade. Ou, aprender a conviver com costumes e práticas diferentes das que apreciamos, em favor da unidade. Quando aprendermos a nos relacionarmos assim teremos uma igreja una, mas não uniforme – unidade na diversidade, na certeza de que Deus atua de variadas formas por Sua graça (I Pe 4.10). A uniformidade é conseguida pela lei, mas a unidade pelo amor.

Como comunidade, devemos ter em mente que cada igreja tem uma história, está inserida em um contexto cultural, é formada por pessoas diferentes, que pensam a partir de referenciais diferentes. Isto não é ruim, é bom, é saudável. Não devemos esperar (nem desejar) que, por sermos de uma mesma denominação, um culto no Nordeste tenha o mesmo formato que na região Sul, ou que indígenas celebrem culto do mesmo modo que europeus. Os contextos culturais são distintos, o cenário é diferente, os referenciais são diversos.

Em nossa comunidade, devemos nos perguntar:

- o nosso culto, em sua dimensão horizontal, atinge todas as pessoas, independentemente de faixa etária, maturidade espiritual e/ou nível de conhecimento intelectual? Há partes no culto, por exemplo, voltadas para as

crianças? Para os adolescentes? Ou o culto possui um formato que atende apenas os adultos?

- estou disposto a abrir mão da minha liberdade (ou do meu gosto pessoal) para que o culto seja agradável a Deus e a todos os membros?

- estou disposto a me acostumar com uma liturgia com um formato um pouco diferente, se isto melhorar a minha comunhão com os outros e a deles com Deus?

### **A tensão entre o ideal e o possível**

A decisão tomada pelo concílio de Jerusalém trabalha bem este ponto. Ela deixa claro que a salvação é pela graça, mediante a fé, exclusivamente. No entanto, naquele momento, não era possível, nem sábio, bater o martelo e simplesmente decidir que os judeus tinham que aceitar (e, inclusive, adotar) as práticas repugnantes (para os judeus) de comer carne com sangue ou sacrificada a ídolos.

Nem sempre a decisão ideal é a possível. A Bíblia sempre trabalha com esta tensão. João ao escrever uma de suas cartas diz que o melhor é não pecar (ideal), mas se alguém pecar temos um advogado junto ao Pai (I Jo 2.1).

Outro exemplo: ao expor os requisitos para ser presbítero/diácono, Paulo, escrevendo a Timóteo e a Tito, diz que o bispo e os diáconos devem ser marido de uma só esposa (I Tm 3.2 e 12; Tt 1.6). O que este texto revela? Que na igreja, naquela época, havia homens crentes que tinham mais de uma esposa. Como isto era possível? Por que não eram disciplinados? Geralmente isto acontecia quando o homem (ou a família) se convertia após a situação consolidada, isto é, quando ele se converteu, já era casado com mais de uma mulher, com filhos. Como resolver isto? Mandar embora a primeira esposa? A segunda? O marido escolhe com quem fica? A solução era que não tinha solução. Mandar embora uma das mulheres implicaria em desfazer a família, desamparar filhos. A tentativa de conserto acabaria sendo mais prejudicial. Fica como está e a próxima geração é ensinada sobre o ideal bíblico. Assim, estes irmãos não deveriam ser escolhidos para o presbiterato ou diaconato, pois a liderança deveria ser exemplo/espelho para a comunidade.

Aplicando este princípio aos nossos dias, talvez exijamos de algumas pessoas um “comportamento” ideal, quando isto nem sempre é possível ou quando tal emenda será ainda mais prejudicial.

Por exemplo:

- deveríamos exigir de alguém que é fumante compulsivo e se converteu hoje que, no dia seguinte, ele não mais faça uso do cigarro?

- deveríamos exigir que uma mulher estuprada que engravidou tenha o filho porque a lei de Deus é contra o aborto?

- deveríamos exigir que um casal homossexual com filhos dependentes, em que apenas um deles (do casal) se converte, se separe imediatamente? Qual a diferença deste caso para o homem com mais de uma esposa do NT?

**Fontes de consulta**

<http://www.ouvindopodcast.com.br/podcast/episodio/btcast-091-o-concilio-de-jerusalem/44176>

<http://www.estudosdabiblia.net/idecontar6.pdf>

## **A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA**

### **A confusão entre Paulo e Barnabé**

Encerrada a primeira viagem, aproximadamente no ano 49d.C, segundo a cronologia adotada neste estudo, Paulo e Barnabé voltaram para Antioquia, e eclodiu a questão dos judaizantes, resolvida pelo Concílio de Jerusalém.

*“Algum tempo depois, provavelmente no ano 50/51 d.C, Paulo disse a Barnabé: “Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades onde pregamos a palavra do Senhor, para ver como estão indo”. Barnabé queria levar João, também chamado Marcos. Mas Paulo não achava prudente levá-lo, pois ele, abandonando-os na Panfília, não permanecera com eles no trabalho. Tiveram um desentendimento tão sério que se separaram. Barnabé, levando consigo Marcos, navegou para Chipre, mas Paulo escolheu Silas e partiu, encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. Passou, então, pela Síria e pela Cilícia, fortalecendo as igrejas<sup>1</sup>”.*

Apesar da forte discussão, eram homens de Deus e conseguiram chegar a uma solução razoável: cada um ia pra um lado com sua própria equipe missionária.

Muito provavelmente a rígida formação pessoal e intelectual de Paulo, recebida na tradição dos rabinos judeus, não lhe permitiam naquele momento suportar um discípulo inconstante e “insubordinado” como Marcos. Era demais para Paulo! Mas o amoroso Barnabé, com seu coração pastoral e misericordioso, deu uma nova chance a João Marcos.

Paulo escolheu Silas como seu novo companheiro de viagem e partiram com as bênçãos da igreja de Antioquia. Viajaram por terra através da Síria e Cilícia, fortalecendo as igrejas.

Silas, ou Silvano, aparece pela primeira vez como um mestre na igreja em Jerusalém; e provavelmente ele era tanto um grego quanto um cidadão romano, como o próprio Paulo (At 16.37). Ele foi apontado como responsável por acompanhar Paulo e Barnabé em seu retorno a Antioquia com os decretos do concílio (At. 15.27).

Neste início da viagem, é provável que Paulo tenha passado por Tarso. Tarso era a cidade natal de Paulo, e ele passou algum tempo ali antes de ser chamado para pastorear em Antioquia (At 9.30 e 11.25). Ainda que não haja nenhuma referência a uma igreja em Tarso da Cilícia, crentes gentios desta região são mencionados na carta de Jerusalém (At. 15.23), e agora Paulo e Silas fortalecem as “igrejas” da Síria e da Cilícia.

Depois de atravessar a Cilícia, partiram para Derbe e Listra – regiões visitadas na primeira viagem missionária.

---

<sup>1</sup> At 15.36-41

### **Timóteo se integra à equipe missionária de Paulo (At 16.1-5)**

Quando chegaram em Listra (onde Paulo foi apedrejado na primeira viagem), encontraram um jovem chamado Timóteo. Ele era filho de uma judia, que havia se tornado cristã, e de um grego. Tinha boa reputação, não somente entre os crentes de Listra, mas também em Icônio, distante 30km a nordeste.

Paulo, então, chamou Timóteo para participar da equipe missionária. Aqui vale lembrar uma lição de aulas anteriores: receber o convite de um rabino era uma honra, um privilégio. Timóteo deixou sua casa e passou a seguir o, agora, seu mestre Paulo. Timóteo, por ter pai grego, não era circuncidado. Paulo o circuncidou, segundo o texto bíblico, “porque todos sabiam que seu pai (de Timóteo) era grego”.

Por que Paulo circuncidou Timóteo? Afinal ele havia sido contra a circuncisão de Tito (Gl 2.1,3). Por que essa diferença? A resposta é que Tito era um grego, educado fora da tradição judaica, logo a lei da circuncisão jamais se aplicou a ele. Timóteo tinha mãe judia, e certamente foi ensinado como judeu (2 Tm 3.15). Ele foi educado nesta tradição, mas todos sabiam que ele não era circuncidado. Como o Concílio de Jerusalém tinha ocorrido há pouco tempo, certamente a presença de um judeu incircunciso no grupo seria motivo de discórdia e espanto quando fossem pregar para judeus. É importante ainda lembrar que Paulo, e o Concílio de Jerusalém, não se posicionaram contra o fato de os judeus viverem segundo seus costumes e tradições; a questão era impor tais costumes e tradições aos gentios e fazer delas condições para salvação.

Apesar de ser bem jovem, Timóteo tornou-se o auxiliar mais confiável de Paulo. Pelos próximos 16 ou 17 anos, ele será um companheiro e cooperador do ministério de Paulo. Quando o idoso apóstolo enfrentava a morte, sua última carta foi a Timóteo, insistindo com ele para que viesse rapidamente, antes do inverno (2 Tm 4.9,21).

Conforme passavam pelas cidades, davam conhecimento da decisão tomada no Concílio de Jerusalém. Assim, as igrejas eram fortalecidas no seu compromisso com o Senhor e cresciam em número a cada dia.

### **A equipe vai para Trôade, após passar pela Frígia e Galácia (At 16.6-10)**

Tendo sido proibidos pelo Espírito Santo de ir para a Ásia, Paulo e seus companheiros viajaram pela Frígia e Galácia, e continuaram até a fronteira da Mísia.

A Frígia e a Galácia não eram meras cidades, mas províncias, ou grandes distritos do país. Aprendemos da história, segundo Neander, que somente na Frígia, no sexto século, havia sessenta e duas cidades. E parece que Paulo e os que estavam com ele tinham percorrido todas as que existiam naquela época.

Dali, pretendiam ir para o norte e entrar na Bitínia, mas o Espírito não permitiu. Então, passaram pelo norte da Mísia e chegaram à cidade de Trôade.

Durante a noite em Trôade, Paulo teve uma visão de um homem da Macedônia pedindo-lhe insistentemente: “Passe pela Macedônia e ajude-nos”.

Quando Paulo relatou esta visão aos outros, começaram todos a fazer planos para ir à Macedônia. Agora estava claro onde Deus queria que fossem.

Lucas junta-se à equipe em Trôade. A partir daqui, como escritor, Lucas começa a escrever “nós fomos”, ao invés de “eles foram” (At 16.10-17).

Tudo indica que havia um grupo de cristãos em Trôade. Ainda que não haja menção específica a uma congregação, ali Lucas se integra ao grupo missionário. Ainda, quando Paulo teve oportunidade de passar novamente pela cidade numa viagem posterior, ele adorou com os santos dali (At. 20.5-11). Estas são evidências de que naquela cidade já havia um grupo de crentes.

### **Lídia e sua família são convertidas (At 16.11-15)**

Saindo de Trôade, pelo Mar Egeu, chegaram numa ilha chamada Samotrácia (mais ou menos a meio caminho de Neápolis) em um dia, e então logo no dia seguinte chegaram ao porto de Neápolis. Dali viajaram para Filipos.

Depois de poucos dias em Filipos, saíram da cidade para um local junto a um rio, onde se dizia que havia um lugar de oração. Quando chegaram, encontraram algumas mulheres reunidas e se sentaram com elas e as ensinavam.

Provavelmente não havia sinagoga em Filipos. Para organizar uma sinagoga eram necessários 10 homens judeus. Na narrativa de Lucas, em Filipos, nenhum judeu é mencionado. Talvez, por isso, estas mulheres se reuniam neste “lugar de oração”, pois segundo a narrativa eram tementes a Deus. É provável que todas elas fossem prosélitas.

Uma destas mulheres, chamada Lídia, que era negociante de tinta e panos roxos, de Tiatira, ouviu a pregação e o Senhor a converteu. Quando ela e sua família foram batizadas, ela disse: “Se vocês julgarem que sou fiel ao Senhor, venham à minha casa e fiquem lá”, e, assim, os persuadiu a ficar.

Tiatira era uma grande cidade comercial. O seu principal item comercial eram justamente a tinta roxa e os panos tingidos com ela. Esse corante era muito caro porque apenas uma gota podia ser obtida de cada marisco. Somente pessoas ricas podiam pagar as roupas tingidas com a púrpura (Lc 16.19). Os romanos enfeitavam suas túnicas brancas com esta cor e a usavam para colorir tapeçarias. Por trabalhar com púrpura, Lídia provavelmente era rica. Deus providenciou, em uma cidade estranha, para Paulo, Silas, Timóteo e Lucas lugar onde podiam ficar enquanto ensinavam a Palavra.

### **Paulo e Silas são presos (At 16.16.24)**

A equipe missionária, enquanto viajava para o lugar de oração, uma moça que tinha um espírito de adivinhação os encontrou. Ela ganhava bastante dinheiro para seus patrões “adivinhandando o futuro”. Por muitos dias, ela seguiu o grupo, gritando: “Estes homens são servos do Altíssimo Deus; eles nos dizem o caminho da salvação”.

Paulo, não aguentando mais esta situação, expulsou o espírito demoníaco daquela moça.

Quando os patrões da moça viram que sua esperança de ganhar dinheiro fácil tinha acabado, agarraram Paulo e Silas e os arrastaram para a praça da cidade, diante dos governantes e juizes. Ali eles acusaram: “Estes homens, que são judeus, estão agitando demais a nossa cidade. Eles estão proclamando costumes que não são lícitos para nós recebermos ou praticarmos, pois somos romanos”.

Uma multidão havia se juntado neste momento e um tumulto começou contra Paulo e Silas. E, sem qualquer maior investigação, os juizes ordenaram que fossem açoitados. Depois, foram presos e os juizes mandaram que o carcereiro os mantivesse bem seguros. Por isso, levou-os para a parte mais interna da prisão, o calabouço, e prendeu se pés em troncos.

### **A conversão do carcereiro (At 16.25-34)**

Apesar da surra, cerca de meia-noite, Paulo e Silas estavam orando e cantando louvores, e os prisioneiros estavam ouvindo. De repente, houve uma espécie de terremoto e todas as portas e os grilhões de todos os presos se abriram.

Quando o carcereiro acordou, viu as portas da prisão abertas e imaginou que todos tivessem fugido. Ele ia se matar, mas Paulo gritou: “Não se mate, porque estamos todos aqui”.

Pedindo que trouxessem luzes, o carcereiro entrou correndo e, tremendo de medo, caiu diante de Paulo e Silas. Ele os trouxe para fora do calabouço e perguntou: “Senhores, que tenho que fazer para ser salvo?”

Onde o carcereiro teria ouvido sobre a necessidade de salvação? O texto não diz, mas há algumas possibilidades. Ele pode ter ouvido algo sobre a pregação que tinha sido feita ali por muitos dias (At 16.18). Ele pode tê-los ouvido cantar antes que fosse dormir e aprendeu algo a este respeito. O fato é que o carcereiro tinha este prévio conhecimento.

Então, Paulo e Silas responderam: “Creia no Senhor Jesus e você e sua casa serão salvos” e pregaram para ele e todos da sua casa. O carcereiro tomou-os na mesma hora da noite e lavou seus ferimentos; então, ele e sua família foram batizados. Depois, foram todos para casa do carcereiro, comeram e ficaram todos alegres pela salvação desta família.

### **Paulo e Silas são libertados da prisão (At 16.35-40)**

Paulo e Silas haviam sido açoitados e presos após expulsarem espírito demoníaco de uma moça que fazia premonições. Deus transformou o mal em bem e, naquela noite, o carcereiro e sua família creram e foram batizados.

No dia seguinte, ao amanhecer, os juizes mandaram funcionários à prisão com a ordem: “Deixem ir estes homens.”

O texto bíblico não informa o motivo desta aparente mudança de planos por parte dos juizes. Talvez eles tenham pensado que a punição fora suficiente; ou os juizes podem ter percebido que haviam exagerado e decidiram deixar o assunto esfriar.

Estes funcionários que foram enviados para libertar Paulo e Silas eram litores. Cada um deles carregava um feixe de bastões, dos quais sobressaía uma maça ou martelo. Estes eram os símbolos da autoridade romana.

O carcereiro trouxe a notícia a Paulo: “Os juízes mandaram que os deixassem ir. Saiam agora e vão em paz.”. Mas Paulo disse: “Somos cidadãos romanos e eles nos bateram publicamente, sem julgamento e nos jogaram na prisão. Agora eles pensam que podem apenas nos mandar embora em particular. De forma alguma! Que eles mesmos venham e nos tirem.”.

Quando os funcionários relataram isto aos juízes, eles ficaram amedrontados ao saberem que Paulo e Silas eram cidadãos romanos. Por isso, vieram e os escoltaram para fora da prisão, pedindo-lhes que saíssem da cidade.

Paulo e Silas, de fato, saíram da prisão, mas voltaram à casa de Lídia. Ali, encontraram-se com os irmãos e, após encorajá-los, saíram da cidade.

Os juízes haviam cometido um grave erro. Uma das vantagens da cidadania romana era que ela protegia a pessoa das mais maldosas e cruéis formas de punição usadas pelos romanos, tais como espancamentos e crucificação. Mesmo quando um cidadão romano era julgado e considerado culpado de um crime, ele podia ser exilado ou decapitado, mas não podia ser espancado ou crucificado. Paulo não estava inclinado a deixar os funcionários romanos escaparem assim tão facilmente. Seu senso de justiça e tratamento correto o proibiam. Seus atos eram também de interesse dos crentes que viviam em Filipos. A igreja de Filipos era composta quase totalmente de gentios, e muitos deles eram provavelmente romanos. Os juízes, após este episódio, certamente seriam mais cuidadosos ao receberem qualquer acusação contra membros daquele grupo religiosos.

Observe que Lucas usa a expressão “partiram” da cidade (At 16.40). Lucas ficou para trás, e o encontraremos ainda em Filipos alguns anos mais tarde. Isto significa que ele ficou com o grupo a partir de Trôade (At 16.10) até o tempo que estiveram em Filipos.

A congregação em Filipos (dos filipenses) foi uma boa congregação pelo restante do Novo Testamento; sem dúvida um testemunho da influência de Lucas ali.

### **Paulo prega em Tessalônica (At 17.1-9)**

O pequeno grupo de evangelistas seguiu seu caminho até Anfípolis, 53 km a sudoeste de Filipos e, de lá, até Apolônia, 45 km a sudoeste de Anfípolis. Eles continuaram até que chegaram a Tessalônica.

Em Tessalônica, Paulo encontrou uma sinagoga e, como de costume fazia, foi lá por três sábados e debateu com eles baseado nas escrituras. Ele afirmava e oferecia prova de que era necessário ao plano de Deus para nossa salvação que o Messias (Cristo) sofresse e ressuscitasse dentre os mortos. Ele afirmava: “Este Jesus que eu prego a vocês é o Cristo”.

Alguns judeus foram persuadidos, e muitos dos gregos tementes a Deus e mulheres proeminentes. Mas os judeus incrédulos, movidos pelo ciúme, juntaram

homens perversos e desocupados e formaram uma multidão. Eles provocaram um tumulto e assaltaram a casa de um homem chamado Jasom, tentando encontrar Paulo e Silas. Quando não conseguiram os encontrar, arrastaram Jasom e alguns outros irmãos perante os governadores da cidade e disseram: “Estes sujeitos que têm virado o mundo de cabeça para baixo chegaram aqui também, e Jasom permitiu que ficassem em sua casa. Todos eles se comportam contrariamente aos decretos de César, porque dizem que há um outro rei, um homem chamado Jesus.”

Estas acusações foram muito perturbadoras para a multidão e para os governantes. Contudo, os governantes, neste caso (ao contrário dos de Filipos) agiram com postura. Eles permitiram que Jasom e os outros pagassem fiança e saíssem.

### **Paulo e Silas vão a Beréia (At 17.10-16)**

Os irmãos de Tessalônica, temendo por Paulo e Silas, os mandaram embora durante a noite. Eles viajaram 80 km rumo sudoeste, para Beréia, onde prontamente entraram numa sinagoga dos judeus. Eles acharam estes judeus mais nobres do que aqueles de Tessalônica, porque estavam ouvindo, sem preconceitos, o que Paulo e Silas tinham a dizer e, a seguir, examinavam as escrituras para ver se as coisas que tinham ouvido eram verdadeiras. Muitos dos judeus creram, bem como muitos dos gregos proeminentes e mulheres (tementes a Deus).

Contudo, os judeus incrédulos de Tessalônica ouviram que Paulo estava pregando a palavra de Deus em Beréia e foram lá para agitar e perturbar a multidão. Por isso, os irmãos mandaram imediatamente que Paulo seguisse seu caminho rumo ao mar, enquanto Silas e Timóteo permaneceram em Beréia. Os companheiros de Paulo acompanharam-no até Atenas, onde ele pediu que lhe enviassem Silas e Timóteo o mais rápido possível. Sua escolta voltou para Beréia e Paulo foi deixado sozinho em Atenas.

Não há menção em Atos da reunião de todos eles em Atenas, mas há evidência nas epístolas de que eles se juntaram a Paulo em Atenas por pouco tempo.

Inicialmente, vemos que Paulo enviou Timóteo de volta a Tessalônica para estar com os irmãos de lá (1 Ts 3.1-2). De outro lado, nenhum fato específico é contado sobre onde Silas estava quando Timóteo voltou a Tessalônica. Porém, é dito que ele e Timóteo se juntaram a Paulo em Corinto quando “desceram da Macedônia” (At 18.5).

Agora, com três igrejas recentemente estabelecidas na Macedônia: Filipos, Tessalônica e Beréia, e com Lucas em Filipos e Timóteo em Tessalônica, a conclusão lógica é supor que Silas foi para Beréia. Se isso é certo, em cada uma das novas congregações estabelecidas até aqui, nesta segunda viagem, estava um dos companheiros de Paulo. Quando Timóteo completou seu trabalho em Tessalônica, veio através da Beréia, onde Silas provavelmente se juntou a ele, e juntos foram para Corinto, ao encontro de Paulo. Sua chegada a Corinto é descrita em Atos 18.5 e em 1 Tessalonicenses 3.6.

### **Paulo em Atenas (At 17.15-34)**

Atenas era o centro de um modo de vida baseado na sabedoria humana. Era a sede da cultura e filosofia grega; mas era também o ponto central da superstição e idolatria.

Sua primeira intenção era esperar pela chegada de Silas e Timóteo. Ele tinha enviado uma mensagem para Bereia para que eles fossem ter com ele o mais rápido possível. Mas quando ele se viu rodeado de templos, altares, estátuas, e adoração idólatra, ele não pôde mais ficar em silêncio. Como de costume, começou com os judeus, mas também disputou diariamente com os filósofos no mercado: cristianismo e paganismo então se confrontam abertamente entre si; e, vale observar, o apóstolo do cristianismo estava sozinho em Atenas, enquanto o lugar fervilhava de apóstolos do paganismo; e tão numerosos eram os objetos de adoração, que o escritor romano, Petrônio, dizia: *"É mais fácil encontrar um deus que um homem em Atenas"*.

Alguns, com desprezo, ridicularizavam o que ouviam, e outros ouviam e desejavam ouvir mais. *"E alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele; e uns diziam: Que quer dizer este tagarela? E outros: Parece que é pregador de deuses estranhos; porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição."* (At 17.18). Estas palavras tinham causado grande impressão. Que novidade! Um homem que ressuscitou para nunca mais morrer! Não uma teoria, mas um fato: a ressurreição! O ministro de Cristo revelava aos atenienses a temerosa condição em que se encontravam sob a visão do verdadeiro Deus. No entanto, eles desejavam uma exposição mais plena sobre esses misteriosos assuntos e levaram Paulo ao Areópago.

Desse lugar, o Areópago, é dito que era o mais conveniente e apropriado para um discurso. A mais solene corte da justiça havia sentado desde tempos imemoriais na colina do Areópago. Os juízes se sentavam ao ar livre sobre assentos escavados na rocha. Nesse local, muitas questões solenes tinham sido discutidas, e muitos casos solenes decididos: começando com o lendário julgamento de Marte, o que deu ao lugar o nome de "colina de Marte".

Foi nesse cenário que Paulo dirigiu-se à multidão. Para onde quer que voltasse os olhos, os sinais da idolatria em suas milhares de formas se levantavam diante dele. Ele poderia ter sido traído, diante das circunstâncias, a falar com exagerada ousadia; mas ele dominou seus sentimentos e absteve-se de uma linguagem agressiva.

Ele não começou atacando seus falsos deuses ou denunciando a religião deles como uma ilusão satânica. O zelo sem conhecimento teria feito assim e teria ficado satisfeito com sua própria fidelidade. Mas no discurso que temos diante de nós temos um exemplo da melhor maneira de se aproximar das mentes e corações de pessoas ignorantes e preconceituosas de qualquer idade. Que o Senhor possa dar sabedoria a todos Seus servos para seguir este exemplo!

Suas palavras de abertura são, ao mesmo tempo, vencedoras e reprobatórias: *"Homens atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos."* (At 17.22). Ele, então, começa reconhecendo que eles tinham sentimentos religiosos,

mas que estavam na direção errada; e então fala de si como sendo um que estava disposto a conduzi-los ao conhecimento do verdadeiro Deus: *"Esse, pois, que vós honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio."* (At 17.23). Ele sabiamente seleciona, para seu texto, a inscrição: *"AO DEUS DESCONHECIDO"*. Isto lhe dá a oportunidade de começar do mais baixo degrau da escada da verdade. Ele fala da unicidade de Deus, o Criador, e da relação do homem com Ele. Mas ele logo deixa o argumento contra a idolatria e procede pregando o evangelho. E ainda assim ele tem o cuidado de não introduzir o nome de Jesus em seu discurso público. Ele tinha feito isso totalmente em suas ministrações mais particulares: mas, estando cercado pelos discípulos e admiradores de nomes como Sócrates, Platão, Zeno e Epícuro, ele sagradamente guarda o santo nome de Jesus do risco de uma comparação com tais. Ele bem sabia que o nome do humilde Jesus de Nazaré era *"loucura (bobagem) para os gregos"* (1 Co 1.23). No entanto, é fácil observar que, próximo ao fim de seu discurso, a atenção de toda a audiência está concentrada no homem Cristo Jesus, embora Seu nome não seja mencionado em todo o discurso. Então ele procede: *"Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam; porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos."* (At 17.30-31). Aqui a paciência de sua audiência acabou - seu discurso foi interrompido. Mas a última impressão deixada em suas mentes era de eterno peso e importância. O apóstolo inspirado se dirigiu às consciências, e não à curiosidade intelectual dos filósofos. A menção da ressurreição dos mortos e do julgamento do mundo, com tal poder e autoridade, não podia deixar de perturbar aqueles orgulhosos homens. O princípio essencial, ou o maior objetivo, do filósofo epicureu, era satisfazer a si mesmo; o do estóico era uma orgulhosa indiferença ao bem e ao mal, ao prazer e a dor.

Paulo agora se afasta do meio deles. Ele não parece ter sido expulso por qualquer tumulto ou perseguição. Após este discurso, alguns poucos pecadores contritos o buscaram: *"entre os quais foi Dionísio, areopagita, uma mulher por nome Dâmaris, e com eles outros."* (At 17.34). O Evangelho é profundamente humilhante para homens orgulhosos como os atenienses!

O resultado do trabalho de Paulo em Atenas parece ter sido fraco. Não há nada dito sobre multidões de convertidos. O Novo Testamento nunca fala de uma igreja em Atenas e não há registro de outra visita de Paulo a Atenas.

### **A equipe em Corinto (At 18.1-17)**

Ainda sozinho, Paulo viajou 65km a oeste de Atenas, para Corinto, a capital da Acaia. A cidade de Corinto era bem conhecida por sua indústria e comércio e por sua busca de vícios imorais. Um "coríntio" era uma gíria da época para designar um homem sem moral. "Corintizar" era uma expressão grega que significava passar tempo com prostitutas. Enfim, a cidade era identificada com tais atividades ímpias.

Ali encontrou um judeu chamado Áquila, com sua esposa Priscila. Nesta época, em particular, deveria haver um número maior de judeus em Corinto do que o normal, *"pois Cláudio tinha mandado que todos os judeus saíssem de Roma."* (At 18.2). O Senhor Deus usou, assim, o banimento de Áquila e Priscila para fornecer um lugar para seu solitário servo ficar. Eles eram da sua terra (Israel), do seu mesmo

ramo de negócio, e do mesmo coração e espírito. *"E, como era do mesmo ofício, ficou com eles, e trabalhava; pois tinham por ofício fazer tendas."* (At 18.3).

Quão gratos e maravilhosos são os caminhos do Senhor! Em uma cidade de riqueza e comércio cercada de gregos nativos, colonos romanos e judeus vindos de todos os cantos, Paulo trabalha silenciosamente em seu próprio comércio de modo a não ser um incômodo para nenhum deles. Aqui temos, de certo modo, um exemplo da mais profunda e elevada espiritualidade combinada com o trabalho diligente nas coisas comuns desta vida. Que exemplo! E que lição! Sua labuta diária não gerava impedimento à sua comunhão com Deus. Nunca ninguém conheceu tão bem, ou sentiu tão profundamente, o valor do evangelho que ele carregava consigo: as questões da vida e da morte estavam ligadas a isso, e mesmo assim ele podia se entregar ao trabalho comum. Mas isto ele fez, assim como a pregação, para o Senhor e para Seus santos. Ele frequentemente se refere a isto em suas epístolas, e fala disso como um de seus privilégios: *"E em tudo me guardei de vos ser pesado, e ainda me guardarei. Como a verdade de Cristo está em mim, esta glória não me será impedida nas regiões da Acaia."* (2 Co 11.9-10).

A decisão do apóstolo de não ser pesado aos santos, como aqui tão fortemente expressa, se aplica principalmente, se não exclusivamente, à igreja de Corinto. Um importante princípio estava envolvido, mas foi um princípio de particular aplicação ao caso, e não geral. Ele reconhece as dádivas das outras igrejas da maneira mais grata possível (Fp 4) e, ao escrever aos coríntios mais tarde, ele diz: *"Outras igrejas despojei eu para vos servir, recebendo delas salário; e quando estava presente convosco, e tinha necessidade, a ninguém fui pesado. Porque os irmãos que vieram da macedônia supriram a minha necessidade"* (2 Co 11.8-9). O apóstolo, sem dúvida, tinha a melhor das razões para recusar, dessa maneira, a comunhão com a igreja em Corinto. Sabemos que havia "falsos apóstolos" e muitos inimigos lá, e que muitas perturbações graves e sérias tinham sido permitidas entre eles, as quais ele fortemente repreendeu e procurou corrigir. Sob tais circunstâncias, para que seus motivos não fossem mal interpretados, o apóstolo preferiu trabalhar com suas próprias mãos do que receber apoio da igreja em Corinto. E, *"Por quê?"*, ele pergunta, *"Porque não vos amo? Deus o sabe. Mas o que eu faço o farei, para cortar ocasião aos que buscam ocasião, a fim de que, naquilo em que se gloriam, sejam achados assim como nós"* (2 Co 11.11-12).

Mas quando chega o sábado de descanso, a oficina é fechada e Paulo vai à sinagoga. Este era seu hábito. *"E todos os sábados disputava na sinagoga, e convencia a judeus e gregos"* (At 18.4). Mas enquanto Paulo estava ocupado, tanto nos dias de semana quanto nos sábados, Silas e Timóteo chegaram da Macedônia. É evidente que eles trouxeram consigo alguma ajuda que iria ajudar a suprir as necessidades do apóstolo naquele tempo e assim aliviá-lo de tal trabalho constante.

A chegada de Silas e Timóteo parece ter encorajado e fortalecido o apóstolo. Seu zelo e energia no evangelho são evidentemente fortalecidos. Ele *"foi impulsionado no espírito, testificando aos judeus que Jesus era o Cristo."* (At 18.5), mas eles se opuseram à sua doutrina e blasfemaram. Isto levou Paulo a tomar seu curso com grande ousadia e decisão. Ele sacode a roupa, como sinal de estar limpo do sangue deles, e declara que dali em diante passará a tratar com os gentios.

Ele saiu da sinagoga e mudou suas operações para a casa de um homem chamado Tito Justo, um temente a Deus que se tornou cristão. Sua casa ficava ao lado da sinagoga. Cristo, um dos dirigentes da sinagoga, também acreditou no Senhor, com toda sua casa. E muitos dos coríntios, ao ouvirem o Evangelho, creram e foram batizados.

Tito Justo era um prosélito da porta, significando que não era circuncidado e não aceitava as muitas restrições cerimoniais da lei, mas era um crente em Deus. Deve ter sido um golpe severo para os judeus perder um dos seus mais proeminentes prosélitos (há fontes seculares a indicar a importância da família Justo) e também um dos dirigentes da sinagoga de uma só vez.

Em tudo isto, Paulo foi conduzido por Deus e agiu de acordo com Sua mente. Enquanto era possível, ele pregava na sinagoga; mas quando ele não mais podia estar lá, foi compelido a usar o lugar mais conveniente que ele podia encontrar. Em Éfeso, ele pregou na escola de um tal de Tirano; em Roma, ele *"ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara, e recebia todos quantos vinham vê-lo;"* (At 28.30); e aqui, em Corinto, Justo abriu sua casa ao rejeitado apóstolo.

Nessa particular crise na história do apóstolo ele foi favorecido com outra revelação especial do próprio Senhor. *"E disse o Senhor em visão a Paulo: Não temas, mas fala, e não te cales; porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade. E ficou ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus."* (At 18.9-11). Porém, novamente, seus implacáveis inimigos se enfurecem. O grande sucesso do evangelho entre os pagãos excitou a raiva dos judeus contra Paulo, que procuraram usar a vinda de Gálio, um novo governador, para realizar suas más intenções.

Gálio era sábio, justo e tolerante como governador, embora desdenhoso em seu tratamento com as coisas sagradas. Mas o Senhor, que estava com Paulo, como prometido, usou a incrédula indiferença de Gálio para derrotar os maliciosos desígnios dos judeus e para virar suas falsas acusações contra eles mesmos. Como estavam frustrados em seus propósitos malignos, o apóstolo tinha maior liberdade e menos aborrecimento ao levar em frente a obra do evangelho. Seus benditos frutos logo se manifestaram por toda a província da Acaia (1 Ts 1.8-9).

É ali, na imoral Corinto, que Deus tinha *"muito povo"* (At 18.10) e Paulo *"ficou um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus."* (At 18.11). Foi também em Corinto que ele escreveu suas duas primeiras cartas apostólicas - as duas aos Tessalonicenses.

### **A rápida passagem de Paulo por Éfeso e a volta para Antioquia (At. 18.18-22)**

O momento chegou em que Paulo achou por bem deixar Corinto e visitar Jerusalém. Ele tinha um grande desejo de estar na próxima festa. Mas antes de partir, recebeu uma solene despedida da jovem igreja, prometendo (o Senhor permitindo) retornar.

Acompanhado de Áquila e Priscila, ele deixa Corinto em paz e viajam para a Síria. Paulo, estando sob um voto, raspa sua cabeça em Ceneira.

Que voto seria esse? Há muita discussão teológica a este respeito. O único tipo de voto especificado na lei mosaica, que envolvia a raspagem do cabelo, era o voto de nazireu (Nm 6.9-20). De acordo com a lei, o voto nazireu foi feito para mostrar uma especial dedicação a Deus por um certo propósito ou um período de tempo. Tais votos geralmente duravam somente poucas semanas ou meses. O voto de Paulo não parece se adaptar a esta cerimônia. Há um outro voto envolvendo a cabeça raspada, mencionado por Josefo. O voto não era ordenado na lei mosaica e era voluntário.

Qualquer que seja o voto, ilustra um princípio consistente com o ensino de Paulo. Ele apoiava plenamente que os judeus agissem como judeus (1 Co 9.20), portanto não era errado, tanto para Paulo como para Áquila, fazerem um voto. Foi somente quando os mandamentos da Velha Aliança foram considerados como condição para a salvação dos judeus que ele não concordou.

A equipe missionária chega a Éfeso. Paulo vai à sinagoga e debate com os judeus. Eles parecem inclinados a ouvi-lo, mas ele tem um forte desejo de subir a Jerusalém e celebrar a festa que se aproxima. Assim ele *"se despediu deles, dizendo: É-me de todo preciso celebrar a solenidade que vem em Jerusalém; mas querendo Deus, outra vez voltarei a vós. E partiu de Éfeso."* (At 18.21).

Saindo de Éfeso, Paulo, passando pela Cesaréia, subiu para Jerusalém e, saudando a igreja, desceu a Antioquia (At 18.22). O ciclo estava completo. Estava de volta à igreja enviada e sua segunda viagem terminada.

#### **Fontes de consulta**

<http://www.estudosdabiblia.net/idecontar7.pdf>

<http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015/03/a-visita-de-paulo-atenas.html>

<http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015/06/a-rapida-visita-de-paulo-efeso.html>

<http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015/01/a-segunda-viagem-missionaria-de-paulo.html>

<http://ebdnovavidavi.blogspot.com.br/2011/03/segunda-viagem-missionaria-de-paulo.html>

## Anexo: Mapa da viagem



## **A TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA**

Tendo passado "algum tempo" em Antioquia, provavelmente no ano 54dC, Paulo parte para outra viagem missionária. Nada é dito sobre seus companheiros nesta ocasião. Ele percorreu novamente a rota inicial da segunda viagem através das províncias da Galácia e da Frígia. Ele foi às igrejas, uma após outra, que tinha sido estabelecidas anteriormente (Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Psídia), confirmando a todos os discípulos" (At 18.23) e também dando instruções para a coleta em favor dos santos pobres em Jerusalém (1 Co 16.1-2).

### **Apolo prega em Éfeso e na Acaia (At 18.24-28)**

Enquanto Paulo seguia seu caminho pela Galácia e Frígia, um judeu chamado Apolo, natural da cidade de Alexandria do Egito, veio a Éfeso. Ele era, segundo o relato de Atos, poderoso nas escrituras (At 18.24).

Ensinado sobre o Senhor, compartilhava sua fé, discutindo e ensinando fielmente as coisas que tinha aprendido. Mas havia um problema: Apolo sabia sobre Jesus somente as coisas que estavam ligadas ao ensino de João Batista.

Aparentemente, Apolo foi instruído por um dos discípulos de João Batista, um que sabia que João havia mostrado aos seus próprios discípulos o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29). Mas Apolo não aprendera sobre a morte sacrificial de Jesus, sua ressurreição, sua ascensão e seu domínio sobre todas as coisas.

Apolo, como bom judeu, começou a discutir ousadamente na sinagoga de Éfeso. Priscila e Áquila, após ouvirem a fala de Apolo, o chamaram à parte e ensinaram-lhe os fatos adicionais sobre Jesus.

Depois de algum tempo, Apolo decidiu ir para a Acaia. Nesta oportunidade, os irmãos de Éfeso o encorajaram e escreveram uma carta de apresentação aos discípulos da Acaia (At 18.27). Quando lá chegou, ajudou muito aqueles que tinham crido, porque ele refutava poderosamente os argumentos dos judeus diante de todos, mostrando pelas escrituras que Jesus era o Messias.

### **Paulo chega a Éfeso (At 19.1-20)**

Nesta época, Éfeso era a maior cidade da Ásia Menor e a capital da província. A cidade era conhecida principalmente por ser "guardiã do templo" da deusa Diana (At 19.35). Este templo estava entre as sete maravilhas do mundo. Tinha 130m de comprimento por 66m de largura, 127 colunas que suportavam a cobertura, cada uma com 18m de altura, e era feito com o mais puro mármore.

Sabemos que já existia uma igreja em Éfeso, quando Paulo retornou aqui no começo da terceira viagem. A igreja era o resultado da breve estada anterior de Paulo (At 18.18-21) e do trabalho de Priscila e Áquila, companheiros de Paulo na segunda viagem.

Por esta altura, Apolo já tinha partido para Corinto (capital da Acaia), mas ainda havia em Éfeso outros discípulos que só conheciam o batismo (os ensinamentos) de João Batista.

O batismo de João Batista requeria o arrependimento, mas não a separação da sinagoga judaica. O Evangelho ensina que o cristianismo é fundamentado na morte e ressurreição de Jesus. O batismo cristão é um símbolo significativo e expressivo dessas verdades. *"Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos."* (Cl 2.12) Como esses homens eram inteiramente ignorantes sobre as verdades fundamentais do cristianismo, supomos que eles nunca tinham se misturado com cristãos.

O apóstolo Paulo, então, explicou para eles sobre a eficácia da morte e ressurreição de Cristo e sobre a descida do Espírito Santo. Eles creram na verdade e receberam o batismo cristão. Então Paulo, por sua capacitação apostólica, impôs suas mãos sobre eles, e eles foram selados com o Espírito Santo, *"e falavam línguas, e profetizavam"* (At 19.6), à semelhança do evento ocorrido no dia de Pentecostes (At. 2.1-21).

Imediatamente após a menção desse importante acontecimento, nossa atenção é direcionada às obras do apóstolo na sinagoga. Durante três meses ele pregou a Cristo ousadamente lá, disputando e persuadindo seus ouvintes *"acerca do reino de Deus."* (At 19.8). Os corações de alguns *"se endureceram"*, enquanto outros se arrependeram e creram; mas enquanto muitos dos judeus tomaram o lugar dos adversários, e *"falaram mal do Caminho perante a multidão"* (At 19.9), Paulo age da forma mais definitiva possível. Ele *"separou os discípulos"* da sinagoga judaica e deles formou uma nova assembleia, se reunindo com eles *"diariamente na escola de um certo Tirano"* (At. 19.9). Este é um ato profundamente interessante e instrutivo por parte do apóstolo, mas ele age conscientemente no poder e na verdade de Deus. A igreja em Éfeso é agora perfeitamente distinta, tanto em relação aos judeus quanto em relação aos gentios. Aqui vemos ao que o apóstolo, em outro lugar, se refere em sua exortação: *"Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus."* (1 Co. 10.32). Onde esta importante distinção não é vista haverá grande confusão de pensamento tanto quanto à Palavra quanto aos caminhos de Deus.

O apóstolo agora aparece como o instrumento do poder de Deus de forma notável e marcante. Ele comunica o Espírito Santo aos discípulos, separa os discípulos de Jesus e formalmente funda a igreja em Éfeso. Seu testemunho ao Senhor Jesus é ouvido em toda a Ásia, tanto pelos judeus quanto pelos gregos; milagres extraordinários são operados por suas mãos e enfermidades fugiam de muitos apenas ao tocar a borda de suas roupas – lenços e aventais de Paulo eram levados a doentes que eram curados e os demônios expelidos. O poder do inimigo desaparece diante do poder que está em Paulo; as consciências dos pagãos são alcançadas, e o domínio do inimigo sobre eles se vai. O medo caiu sobre muitos que *"seguiam artes mágicas"*, e eles mesmos queimaram seus livros de magia que, no total, custariam hoje em dia cerca de R\$1.300.000,00. *"Assim a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia."* (At. 19.20). Assim o poder do Senhor foi

demonstrado na pessoa e na missão de Paulo, e seu apostolado estabelecido de forma inquestionável.

Outra consequência do ministério de Paulo naquela cidade foi a confissão pública de pecados: "Muitos dos que creram vinham, e confessavam e declaravam abertamente suas más obras." (At 19.18).

A confissão pública de pecados é um evento geralmente associado a avivamentos provocados por Deus. A manifestação da graça de Deus é tão grande no meio da congregação que os crentes se sentem no dever de confessar publicamente e abandonar seus erros. Ao nos separarmos da igreja católica romana, querendo fugir da confissão (ao padre), como forma de absolvição de pecados, a confissão de pecados entre crentes foi praticamente abandonada. Acho que este é um erro nosso! Tiago, ao escrever sua carta, instrui os crentes a confessarem seus pecados e orarem uns pelos outros para serem curados (Tg 5.16). Algumas vezes, somente a confissão comunitária e oração comunitária vai nos curar de certas práticas pecaminosas...

O apóstolo havia agora passado cerca de três anos de incessante trabalho em Éfeso. E ele mesmo diz, ao se dirigir aos anciãos em Mileto: *"Portanto, vigiai, lembrando-vos de que durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar com lágrimas a cada um de vós."* (At 20.31). É também suposto que, durante este período, ele tenha feito uma rápida visita e tenha escrito a primeira epístola aos Coríntios.

#### **Acontece um tumulto em Éfeso (At 19.21-41)**

Um grande e abençoado trabalho tinha sido cumprido pelo Espírito de Deus, por meio de seu servo escolhido, Paulo. O Evangelho tinha sido pregado na capital da Ásia e tinha sido espalhado por toda a província. O apóstolo agora sentia que seu trabalho tinha terminado ali, e planejava ir até Roma, a capital do Ocidente e metrópole do mundo. A Grécia e a Macedônia já tinham recebido o evangelho, mas ainda faltava Roma. *"E, cumpridas estas coisas, Paulo propôs, em espírito, ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e pela Acaia, dizendo: Depois que houver estado ali, importa-me ver também Roma."* (At 19.21). De acordo com 1 Co 16.8, ele pretendia ficar em Éfeso até o Pentecostes.

Sabemos pelas duas cartas aos Coríntios e pela carta aos Romanos que o objetivo de Paulo com a viagem para Jerusalém era levar ofertas das congregações predominantemente gentias, que Paulo tinha estabelecido, para os crentes pobres de Jerusalém (Rm 15.25-26; 1 Co 16.1-3).

Paulo, então, enviou dois dos seus companheiros, Timóteo e Erasto, na frente dele à Macedônia, enquanto ele mesmo permanecia na Ásia um pouco mais. Estes irmãos, além de verificarem o bem-estar das igrejas da Macedônia, provavelmente contaram às igrejas a respeito da oferta planejada. Paulo esperava, ainda, que Timóteo fizesse seu caminho para o sul até Corinto, depois de algum tempo na Macedônia (1 Co 16.10). Alguém também foi enviado às congregações gálatas para falar-lhes sobre esta oferta, ainda que nenhum nome tenha sido indicado (1 Co 16.1).

Mas enquanto Paulo fazia os arranjos para a próxima viagem, o inimigo planejava um novo ataque. Seus recursos ainda não tinham sido esgotados.

Demétrio, um ourives que fazia miniaturas de prata do templo de Ártemis, convocou uma reunião com todos os seus colegas de profissão.

Demétrio e seus colegas de profissão levantaram o clamor de que não somente a profissão deles corria perigo, como também que o templo da grande deusa Diana corria o risco de ser desprezado. Quando a multidão ouviu essas coisas, se encheu de raiva e gritaram, dizendo: "*Grande é a Diana dos efésios.*" (At 19.28). Um grande tumulto começou. Todos os que estavam nas ruas correram juntos para o teatro, levando Gaio e Aristarco, macedônios que acompanhavam Paulo na viagem. Certamente estes homens estavam em grande perigo!

Aqui, fazemos um breve comentário: note que Paulo vai sempre agregando novas pessoas nas equipes missionárias, fornecendo-lhes treinamento e dando-lhe incumbências. Agora, além de Timóteo, Priscila e Áquila, surgem Erasto, Aristarco e Gaio. Antes, já haviam viajado com ele Silas, Barnabé, João Marcos, Lucas.

Paulo achou que precisava entrar no teatro para falar ao povo, mas os discípulos não o permitiram e autoridades da província lhe mandaram recado recomendando que não fosse.

Prevalecia o pandemônio: enquanto um da multidão gritava uma coisa, outros berravam outra. Muitos na multidão nem mesmo sabiam o motivo de tamanha reunião. Os judeus tentaram fazer com que a multidão ouvisse Alexandre, um porta-voz deles. Ele levantou sua mão pedindo atenção, mas quando o povo percebeu que se tratava de um judeu, todos gritaram juntos durante quase duas horas: "Grande é a a Diana dos efésios!".

Depois de um bom tempo, o escrivão da cidade veio para falar com o povo. Quanto conseguiu ser ouvido, disse:

*"Efésios, quem não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Ártemis e da sua imagem que caiu do céu? Portanto, visto que estes fatos são inegáveis, acalmem-se e não façam nada precipitadamente. Vocês trouxeram estes homens aqui, embora eles não tenham roubado templos nem blasfemado contra a nossa deusa. Se Demétrio e seus companheiros de profissão têm alguma queixa contra alguém, os tribunais estão abertos, e há procônsules. Eles que apresentem suas queixas ali. Se há mais alguma coisa que vocês desejam apresentar, isso será decidido em assembléia, conforme a lei. Da maneira como está, corremos o perigo de sermos acusados de perturbar a ordem pública por causa dos acontecimentos de hoje. Nesse caso, não seríamos capazes de justificar este tumulto, visto que não há razão para tal". (At 19.35-40).*

Tendo dito estas coisas, ele despediu a multidão. Felizmente, o escrivão da cidade era um homem de grande tato e admirável política. Ele acalmou e dissolveu a aglomeração. Mas, para a fé, era Deus usando a eloquência persuasiva de um oficial pagão para proteger seus servos.

### **Paulo passa pela Macedônia e Grécia (At 20.1-3)**

Em Éfeso, após o tumulto ter cessado e os manifestantes dispersos, Paulo se despediu dos discípulos, os abraçou e partiu para a Macedônia. Dois dos irmãos

efésios, Tíquico e Trófimo, parecem tê-lo acompanhado, mantendo-se fiéis a ele em meio a todas as suas aflições. Eles são mencionados com frequência, e inclusive aparecem no último capítulo de sua última epístola (2 Tm 4.12,20).

O historiador sagrado é extremamente breve em seu registro sobre este momento. Toda a informação que ele dá é comprimida nas seguintes palavras: *"Saiu para a Macedônia. E, havendo andado por aquelas terras, exortando-os com muitas palavras, veio à Grécia. E, passando ali três meses..."* (At 20.1-3). Supõe-se que essas poucas palavras abrangem um período de nove ou dez meses - do começo do verão de 57 d.C. até a primavera de 58 d.C. Mas esta falta de informação é, felizmente, suprida nas cartas do apóstolo. Aquelas que foram escritas durante essa jornada nos suprem com vários detalhes históricos e, o que é melhor, elas nos dão, da sua própria caneta, uma imagem viva dos profundos e dolorosos exercícios da mente e do coração pelas quais ele estava passando.

Parece que Paulo tinha combinado de se encontrar com Tito em Trôade, que lhe traria notícias direto de Corinto sobre o estado das coisas por lá. Mas semana após semana se passou, e Tito não aparecia. Sabemos alguma coisa sobre as obras dessa grande mente e coração nesse tempo pelo que ele mesmo diz: *"Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, e abrindo-se-me uma porta no Senhor, não tive descanso no meu espírito, porque não achei ali meu irmão Tito; mas, despedindo-me deles, parti para a Macedônia."* (2 Co 2.12-13). Sua ansiedade pessoal, no entanto, não o impediu de ir em frente com a grandiosa obra do evangelho. Isto é evidente nos versículos de 14 a 17 deste capítulo da segunda carta aos coríntios.

Finalmente, o há muito esperado, Tito chega à Macedônia, provavelmente em Filipos. E agora a mente de Paulo é aliviada e seu coração confortado. Tito lhe traz melhores notícias de Corinto do que ele esperava ouvir. A reação é manifesta: Paulo se enche de louvor a Deus: *"Temos grande confiança e orgulho em vocês"*, diz ele: *"Vocês encorajaram-nos e consolaram-nos muito; apesar das provas, vocês têm-nos dado muita alegria. Quando chegamos à Macedônia nem pudemos descansar. As dificuldades apareceram por todos os lados; à nossa volta lutas de toda a espécie, e no íntimo, inquietação. Mas Deus, que consola os abatidos, nos revigorou com a chegada de Tito"* (2 Co 7.4-6).

Logo após isso, Paulo escreve sua segunda carta aos coríntios, que descobrimos ser dirigida não apenas a eles, mas a todas as igrejas em toda a Acaia (2Co 1.1). Tito é novamente o servo voluntário do apóstolo, não apenas como portador da segunda carta à igreja em Corinto, mas também tendo um papel especial nas coletas que eles faziam para os pobres. Paulo não apenas dá a Tito estritas instruções sobre as coletas, como também escreve dois capítulos sobre o assunto (capítulos 8 e 9).

O espaço que o apóstolo dedica aos assuntos relacionados às coletas para os pobres é notável e merece nossa cuidadosa consideração. Pode ser que alguns de nós tenhamos ignorado este fato até agora. Observe, por exemplo, o que ele diz de uma igreja em particular. Temos boas razões para acreditar que os filipenses, desde o começo, se importavam com o apóstolo - eles o pressionaram a aceitar suas contribuições para ajudá-lo, desde sua primeira visita a Tessalônica até seu

aprisionamento em Roma, além de sua generosidade para com os outros (2 Co 8.1-4). Alguns podem imaginar, a partir disso, que eles eram uma igreja rica. Pelo contrário. Paulo nos diz: *"No meio da mais severa tribulação, a grande alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em rica generosidade. Pois dou testemunho de que eles deram tudo quanto podiam, e até além do que podiam"* (2 Co 8.2-3). Eles doavam com alegria e generosidade o que tinham de sua própria pobreza.

Após Paulo ter enviado a Tito e os que estavam com ele com a Epístola, ele esteve na Grécia, provavelmente em Corinto, fazendo a obra de um evangelista. Note que Paulo envia primeiramente a sua carta, preparando o caminho, e depois de algum tempo vai pessoalmente para lá onde fica por 3 meses. É provável que ele tenha alcançado Corinto no inverno, de acordo com sua expressa intenção: *"E bem pode ser que fique convosco, e passe também o inverno"* (1 Co 16.6). Neste período em Corinto, Paulo escreveu a carta aos Romanos.

### **Paulo deixa Corinto (At. 20.3-12)**

A obra do apóstolo tinha terminado em Corinto e ele se prepara para ir embora. Sua mente se inclinava a ir a Roma, mas havia uma missão de caridade em seu coração que ele devia realizar primeiro. Somos favorecidos com suas próprias palavras sobre esses diferentes pontos: *"Mas agora, não havendo nestas regiões nenhum lugar em que precise trabalhar, e visto que há muitos anos anseio vê-los, planejo fazê-lo quando for à Espanha. Espero visitá-los de passagem e dar-lhes a oportunidade de me ajudar em minha viagem para lá, depois de ter desfrutado um pouco da companhia de vocês. Agora, porém, estou de partida para Jerusalém, a serviço dos santos. Pois a Macedônia e a Acaia tiveram a alegria de contribuir para os pobres dentre os santos de Jerusalém"* (Rm 15.23-26).

Lucas cita em At. 20.4 os nomes de *"Sópatro, filho de Pirro, de Beréia; Aristarco e Secundo, de Tessalônica; Gaio, de Derbe; Timóteo, além de Tíquico e Trófimo, da província da Ásia"*. Supõe-se que estes irmãos tinham em mãos as coletas que tinham sido feitas nos diferentes lugares mencionados.

Alguns destes irmãos mencionados desempenharam papel importante naquele contexto:

- Aristarco é citado em Atos 19 como um dos homens agarrados pela multidão em Éfeso, junto com Gaio, ambos identificados ali como companheiros de viagem de Paulo, naturais da Macedônia (19.29). Como o Gaio citado aqui em Atos 20 é de Derbe, não há como saber se é a mesma pessoa. Outro complicador é que Gaio era um nome comum naquele tempo. Aristarco é mais tarde referido como companheiro de prisão de Paulo (Cl 4.10);

- Timóteo, como sabemos, pode ser descrito nesta época como braço direito de Paulo;

- Tíquico está intimamente relacionado à igreja de Éfeso e foi o portador de, pelo menos, duas cartas de Paulo: Efésios (Ef. 6.21-22, 2 Tm 4.12) e Colossenses (Cl 4.7-9);

- Trófimo era um efésio. Ele é citado em At. 21.28-29 e, mais tarde, quando Paulo escreve sua última carta, diz a Timóteo que deixou Trófimo doente, em Mileto (2 Tm 4.20);

- Lucas também torna a se reunir ao grupo em Filipos, onde aparentemente havia ficado desde o tempo da segunda viagem missionária (Atos 16). Note que a

partir de Atos 20.5 ele volta a usar a primeira pessoa do plural (nós), indicando que ele estava presente nesta parte da viagem missionária.

Pois bem, em vez de velejar direto para a Síria, Paulo rodeia a Macedônia, por causa dos judeus que estavam à espreita. Seus companheiros o esperavam em Trôade. Lá ele passou o dia do Senhor (domingo) e uma semana inteira, a fim de ver os irmãos.

Devemos observar brevemente o que aconteceu nesse estágio. Duas coisas, de imensa importância para os cristãos estão ligadas a isso - o dia do Senhor e a Ceia do Senhor. O historiador, que estava com Paulo nesse tempo, entra com incomum minúcia sobre os detalhes daquele dia.

O foco da narrativa abandona o apóstolo e se volta para uma reunião de culto. É relatado o principal objetivo e o momento da reunião: *"E no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão"* (At 20.7). Mesmo o discurso de Paulo, precioso como era, é mencionado como algo secundário. A lembrança do amor do Senhor ao morrer por nós, e tudo aquilo que Ele nos deu ao ressuscitar, era, e continua sendo, o principal. A celebração da Ceia do Senhor nessa ocasião foi à noite. No início, o partir do pão também era observado em alguns lugares antes do amanhecer, e em outros, após o pôr do sol. Mas aqui os discípulos não eram obrigados a se reunir em segredo. *"E havia muitas luzes no cenáculo onde estavam juntos."* (At 20.8). E Paulo continuou sua fala até a meia-noite, pois deveria partir no dia seguinte. Foi uma ocasião extraordinária, e Paulo aproveitou a oportunidade de conversar com eles a noite toda. Ainda não havia chegado o tempo, como disse alguém, em que os discursos do coração seriam cronometrados, quando a duração da pregação pelas almas perdidas seria contada no relógio... Êutico, um rapaz, pegou no sono e *"caiu do terceiro andar... e foi levantado morto."* (At 20.9). Mas o rapaz foi levantado de um estado de morte pelo poder e bondade de Deus através de Paulo, e todos ficaram grandemente reconfortados.

#### **Paulo em Mileto (At. 20.13 até 21.14)**

O estágio mais importante dessa jornada é Mileto, embora os diferentes lugares em que eles passam sejam cuidadosamente notados pelo historiador sagrado. Paulo, estando cheio do Espírito, dá direções para a viagem. Ele decide não ir a Éfeso, embora fosse um lugar central, pois ele tinha o propósito no coração de ir a Jerusalém no dia de Pentecostes. Mas, como o navio viria a ser detido algum tempo em Mileto, ele envia uma carta aos anciãos da igreja em Éfeso para poderem se encontrar. Dizem que a distância entre os dois lugares é de cerca de 48 quilômetros, de modo que levaria dois ou três dias para ir e voltar. Mesmo assim, tiveram tempo suficiente para se reunirem antes do navio sair. O discurso de despedida de Paulo aos anciãos de Éfeso é característico e representativo, exigindo nosso mais cuidadoso estudo. Ele os exorta com incomum seriedade e ternura; ele sentia que estava se dirigindo a eles pela última vez; ele os lembra de seus trabalhos entre eles *"servindo ao Senhor com toda a humildade, e com muitas lágrimas"* (At. 20.19). Ele os adverte contra os falsos mestres e heresias - os lobos cruéis que entrariam no meio deles, e os homens amantes de si mesmos que se ergueriam, falando coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. *"Tendo dito isso, ajoelhou-se com todos eles e orou. Todos choraram muito e, abraçando-o, o beijavam. O que mais os entristeceu foi a*

*declaração de que nunca mais veriam a sua face. Então o acompanharam até o navio”. (At. 20.36-38)*

Paulo ainda afirma *“que, em todas as cidades, o Espírito Santo me avisa que prisões e sofrimentos me esperam”* (At 20.23). Esta é a primeira menção a que haverá tribulações em Jerusalém. Apenas poucas semanas antes, quando escreveu aos Romanos, Paulo estava planejando fazer a viagem a Jerusalém para entregar a oferta dos gentios cristãos, e então planejava visitar Roma. Pediu, inclusive, que os romanos orassem para que o donativo fosse bem recebido e que ele fosse livrado dos incrédulos da Judéia, mas nesse ponto ele pensava que logo estaria a caminho de outro lugar, depois de chegar a Jerusalém (Rm 15.23-32). Mas antes de falar com estes presbíteros, o Espírito o tinha avisado de que haveria dificuldades à frente.

O apóstolo de alguma forma sabe que sua jornada terrena está acabando, mas ao mesmo tempo está se iniciando uma nova fase na vida da igreja do primeiro século – as igrejas começam a andar por suas próprias pernas, sem supervisão apostólica direta. Vejamos o que diz um autor sobre esta transição:

*“A igreja estava consolidada sobre uma extensa área do território, e em vários lugares tinha tomado a forma de uma instituição comum. Presbíteros eram estabelecidos e reconhecidos. O apóstolo podia chamá-los para ter com ele. Sua autoridade era também reconhecida por parte deles. Ele fala de seu ministério como algo passado... Isto para que pudesse deixar aqueles que ele havia reunido em uma nova posição e, em certo sentido, entregues a si mesmos. É um discurso que marca a cessação de uma fase da igreja - a dos trabalhos apostólicos - e a entrada de uma outra: a responsabilidade da igreja de manter-se firme agora que esses trabalhos tinham cessado; o serviço dos anciãos, a quem 'o Espírito Santo constituiu supervisores (bispos)' (At 20.28); e, ao mesmo tempo, os perigos e dificuldades que se seguiriam após o fim dos trabalhos apostólicos, complicando o trabalho dos anciãos, a quem a responsabilidade recairia especialmente.*

*A primeira observação que decorre é que a sucessão apostólica é inteiramente negada. Devido à ausência do apóstolo, várias dificuldades surgiriam, e não haveria ninguém em seu lugar para lidar ou prevenir estas dificuldades. Sucessor, portanto, ele não tinha. Em segundo lugar, parece que o fato de que esta energia, que freava o espírito do mal, uma vez que estivesse longe, faria erguer as cabeças dos lobos devoradores vindos de fora, e dos mestres de coisas perversas vindos de dentro, que atacariam a simplicidade e a felicidade da igreja. Esta seria assediada pelos esforços de satanás, uma vez que não possuía mais a energia apostólica para resistir-lhes. Em terceiro lugar, o que de primordial deveria ser feito para o impedimento do mal era alimentar o rebanho, e vigiar, quer sobre si mesmos ou sobre o rebanho, para aquele propósito. Ele então os encomenda - nem a Timóteo nem a algum bispo, mas de um modo que deixa de lado qualquer tipo de recurso oficial - a Deus e à palavra de Sua*

*graça. Nesse ponto ele deixa a igreja. Os trabalhos em liberdade do apóstolo dos gentios estavam terminados(...)"<sup>1</sup>*

Paulo e sua companhia partiram de Mileto, enquanto os entristecidos presbíteros de Éfeso se preparavam para sua viagem de volta. Em um curso reto eles velejaram a Cós, Rodes, e daí até Pátara e Tiro. A partir do que aconteceu lá - tão similar ao que houve em Mileto - é evidente que Paulo logo conquistou o coração dos discípulos. Embora ele tenha ficado apenas uma semana em Tiro, não conhecendo os cristãos dali, ele tinha ganhado suas afeições. *"E seguimos nosso caminho, acompanhando-nos todos"*, diz Lucas, *"com suas mulheres e filhos até fora da cidade; e, postos de joelhos na praia, oramos."* (At 21.5).

Parece também que um espírito de profecia foi derramado sobre esses afetuosos cristãos de Tiro, pois eles advertiram o apóstolo para que não fosse a Jerusalém (At 21.4). Após esperar ali por sete dias, foram a Ptolemaida, onde ficaram por um dia.

No dia seguinte, chegaram ao grande porto marítimo de Cesaréia e ficaram hospedados na casa de Filipe, o evangelista, que foi um dos sete homens escolhidos para ajudar os apóstolos (At 6.5). Antes deste encontro, Filipe é citado em Atos 8. Neste capítulo é dito que ele estava em Azoto e caminhou pregando pelas cidades até chegar a Cesaréia (At 8.40). Aparentemente, ele viveu desde então em Cesaréia por um período de mais de 25 anos e teve 4 filhas, que eram profetisas.

Depois de estarem ali vários dias, um profeta de nome Ágabo, vindo de Jerusalém, previu o aprisionamento de Paulo, e rogou-lhe que não fosse a Jerusalém (At 21.10-11). Todos os discípulos disseram o mesmo, e suplicavam-lhe com lágrimas para que não fosse. Mas embora o coração terno e sensível de Paulo deva ter se movido pelas lágrimas e súplicas de seus amigos e de seus próprios filhos na fé, ele decidiu não alterar sua resolução e não deixar de lado seu propósito. Ele se sentiu compelido em espírito a ir, e pronto a deixar todas as consequências à vontade do Senhor.

#### **A quinta visita de Paulo a Jerusalém, por volta de 58 d.C. (At 21.15-25)**

O apóstolo e seus companheiros foram recebidos com agrado ao chegarem em Jerusalém. *"E, logo que chegamos a Jerusalém"*, observa Lucas, *"os irmãos nos receberam de muito boa vontade."* (At 21.17). No dia seguinte, Paulo e seus companheiros visitaram Tiago, em cuja casa os anciãos (presbíteros) estavam presentes.

Paulo, como orador principal, relatou particularmente as coisas que Deus fizera entre os gentios por seu ministério. Mas embora estivessem muito interessados, e louvassem ao Senhor pelas boas notícias, eles evidentemente se sentiram desconfortáveis. Eles imediatamente chamaram a atenção de Paulo para o fato de que um grande número de judeus, que criam em Jesus como o Messias, eram observadores zelosos da lei de Moisés e eram fortemente preconceituosos contra Paulo (At. 21.20-22).

---

<sup>1</sup>The Present Testimony [O Atual Testemunho], v. 8, p. 405-407.

Como satisfazer os preconceitos desses judeus cristãos era agora a importante questão entre Paulo e os anciãos. Eles sabiam que multidões de judeus, convertidos e não convertidos, se ajuntariam quando ouvissem da chegada de Paulo. Por muito tempo eles acreditavam nas mais sérias e pesadas acusações contra ele - *"e já acerca de ti foram informados de que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés, dizendo que não devem circuncidar seus filhos, nem andar segundo o costume da lei."* (At 21.21). O que deveria agora ser feito? Os anciãos propuseram que Paulo deveria se mostrar publicamente como alguém que era obediente à lei, participando de um voto público (At 21.23-24).

Era uma questão bem complicada, uma verdadeira encruzilhada. Se ele se recusasse a ceder à vontade deles, a suspeita dos judeus seria confirmada? Se ele agisse de acordo com o desejo deles, ele estaria concordando com o preconceito e orgulho dos judaizantes? Lembrando que ele estava no centro de um judaísmo fanático e desejava honestamente conquistar a igreja de Jerusalém para um cristianismo mais puro e mais nobre.

Na próxima lição, estudaremos como Paulo se posicionou diante desta proposta e o que mais aconteceu a partir deste evento em Jerusalém.

#### **Fontes de consulta**

<http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015/07/a-partida-de-paulo-de-efeso-para.html>

<http://www.estudosdabiblia.net/idecontar8.pdf>

<http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015/08/paulo-deixa-corinto.html>

<http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015/08/paulo-em-mileto.html>

<http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015/08/a-quinta-visita-de-paulo-jerusalem-por.html>

<http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015/07/a-terceira-viagem-missionaria-de-paulo.html>

<http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015/07/o-tumulto-em-efeso.html>

<http://ebdnovavidavi.blogspot.com.br/2011/03/terceira-viagem-missionaria-de-paulo.html>

## Anexos: mapa da viagem



## **PAULO VAI A ROMA (At 21.17 a At 28)**

Como visto na aula anterior, ao chegar em Jerusalém, Paulo foi bem recebido pela liderança da igreja cristã, mas corria um boato na cidade de que ele estava pregando entre os gentios contra as tradições judaicas.

Devemos lembrar que, naquele momento, como hoje, Jerusalém era a cidade mais importante na cultura judaica e lá se concentravam o maior número de judeus radicais, escolas rabínicas, além do Sinédrio.

Paulo, então, foi posto numa saia justa: foi-lhe sugerido participar de uma tradição judaica (purificação em um voto público) como forma de por fim ao boato.

Ele concordou com a proposta. Neste momento, em seu coração, talvez estivessem palavras como estas:

*“Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens”  
(Rm 12.18)*

*“Porque, embora seja livre de todos, fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível de pessoas. Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da lei, tornei-me como se estivesse sujeito à lei, (embora eu mesmo não esteja debaixo da lei), a fim de ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, mas sim sob a lei de Cristo), a fim de ganhar os que não têm a lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser coparticipante dele.” (1Co 9.19-23)*

Cedendo ao proposto por Tiago e pela liderança da igreja de Jerusalém, Paulo foi para o templo com *“os quatro homens que fizeram voto”* (At 21.23). Em seguida, lemos: *“Então Paulo, tomando consigo aqueles homens, entrou no dia seguinte no templo, já santificado com eles, anunciando serem já cumpridos os dias da purificação; e ficou ali até se oferecer por cada um deles a oferta.”* (At 21.26).

Na conclusão do voto do nazireado a lei requeria que certas ofertas fossem apresentadas no templo. Estas ofertas envolviam um preço considerável, como podemos ver em Nm 6.10, 14; e era considerado um ato de grande mérito e piedade para um irmão rico prover estas ofertas para um irmão pobre, e assim permitir que ele completasse seu voto. Paulo não era rico, mas ele tinha um grande e terno coração, e ele generosamente comprometeu-se a pagar os custos para os quatro pobres nazireus. Tal prontidão da parte de Paulo em agradar alguns e ajudar outros deveria ter pacificado e conciliado os judeus e, provavelmente, teria se tão somente estivessem presentes os que estavam associados a Tiago. Mas isto teve um efeito oposto nos inveterados zelotes: eles ficaram apenas mais furiosos contra ele. A

celebração da festa atraía multidões à cidade santa, de modo que o templo estava repleto de adoradores de todos os lugares.

Dentre esses judeus estrangeiros estavam alguns da Ásia, provavelmente alguns dos velhos antagonistas de Paulo em Éfeso, que ansiavam por uma oportunidade de se vingarem dele, que tinha anteriormente os derrotado. Perto do fim dos sete dias em que os sacrifícios deveriam ser ofertados, estes judeus asiáticos viram Paulo no templo, e imediatamente partiram para cima dele, "*clamando: homens israelitas, acudi; este é o homem que por todas as partes ensina a todos contra o povo e contra a lei, e contra este lugar; e, demais disto, introduziu também no templo os gregos, e profanou este santo lugar... E alvoroçou-se toda a cidade, e houve grande concurso de povo; e, pegando Paulo, o arrastaram para fora do templo, e logo as portas se fecharam.*" (At 21.28,30). A multidão estava à beira da loucura, e se não fosse pelo zelo deles em não derramar sangue no lugar santo, Paulo teria sido feito em pedaços no mesmo instante. O objetivo deles agora era levá-lo para fora do recinto sagrado. Mas antes que os planos assassinos deles fossem executados, a ajuda do Senhor chegou, e eles foram inesperadamente interrompidos.

As sentinelas nos portões, sem dúvida, comunicaram imediatamente a guarnição romana, situada defronte do templo, de que havia um tumulto próximo à corte. O tribuno, Cláudio Lísias, imediatamente correu ele mesmo ao local, levando com ele soldados e centuriões. Quando os judeus viram o tribuno e os soldados romanos se aproximando, eles pararam de espancar Paulo. O governador, percebendo que era ele a causa de toda a agitação, prontamente o mandou prender com duas correntes, ou por correntes entre dois soldados.

Tendo feito isto, Lísias prosseguiu a fazer um inquérito quanto à causa do distúrbio, mas, como nenhuma informação certa podia ser obtida da agitada multidão, ele ordenou que Paulo fosse levado à fortaleza. A desapontada massa agora vai atrás de sua vítima com enorme ímpeto. Eles pressionaram tão violentamente os soldados que Paulo foi levado em seus braços até para cima das escadas da fortaleza.

Apesar do alvoroço, Paulo conseguia pensar e controlar seus sentimentos. Assim que alcançaram a entrada da fortaleza, Paulo dirigiu-se da maneira mais cortês ao tribuno e disse: "*É-me permitido dizer-te alguma coisa?*", e ele respondeu: "*Sabes o grego? Não és tu porventura aquele egípcio que antes destes dias fez uma sedição e levou ao deserto quatro mil salteadores?*". Mas Paulo lhe disse: "*Na verdade que sou um homem judeu, cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre na Cilícia; rogo-te, porém, que me permitas falar ao povo.*" (At 21.37-39). Por incrível que pareça, esse pedido lhe foi concedido. Paulo já tinha ganhado o respeito do governador romano. Mas a mão do Senhor estava nisso, Ele estava vigiando sobre seu servo. Paulo havia jogado a si mesmo nas mãos de seus inimigos ao procurar agradar os crentes judeus. Mas Deus estava com ele, e sabia como livrá-lo e usá-lo para a glória de Seu próprio grandioso nome. (At 21.26-40)

Mesmo surrado pelos judeus, Paulo não os odiava. Ele vê ali uma oportunidade de se defender e expor o Evangelho. Com sabedoria, ele se dirige aos judeus em aramaico (o simples fato de ele falar em aramaico já ganhou a atenção da maioria – era um judeu de verdade como eles – e fez-se grande silêncio para ouvir as palavras de Paulo At 22.2) Ele, então, apresentou-se como um judeu, um rabino,

zeloso da lei. Mas também lhes falou do encontro com o Messias no caminho de Damasco e como isso mudou completamente sua vida (At 22.1-21). Até, então, os judeus o ouviram com interesse, mas quando lhes contou como fora chamado para pregar aos gentios o cenário, imediatamente, mudou: uma explosão de indignação se levantou da multidão, silenciando o apóstolo. Eles não podiam suportar a ideia da graça de Deus se derramar sobre os gentios. Aquele odioso nome os levava à fúria. O orgulho nacional deles se rebelava contra a ideia de que pagãos incircuncisos pudessem ser feitos iguais aos filhos de Abraão. Discutir a possibilidade da chegada do Messias, tudo bem, mas que Ele estivesse interessado em gentios era demais! Uma cena de mais selvagem confusão se seguiu. Eles arrancaram suas roupas, jogaram terra para o ar, *"e levantaram a voz, dizendo: Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva."* (At 22.22).

O tribuno deve ter ficado muito surpreso com aquele rompante de indignação por parte dos judeus. Ele provavelmente não entendia o discurso de Paulo – feito em aramaico - e, diante da extremada reação da multidão, certamente aquele prisioneiro deveria ser culpado de algum crime terrível. Então, ordenou que o prendessem e açoitassem para fazê-lo confessar sua culpa. Mas esse procedimento foi imediatamente cancelado quando Paulo informou ser um cidadão romano.

Os soldados que estavam engajados em prendê-lo retiraram-se alarmados, e alertaram o governador quanto ao que ele estava fazendo. Lísias perguntou de pronto: *"Dize-me, és tu romano? E ele disse: Sim. E respondeu o tribuno: Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão. Paulo disse: Mas eu o sou de nascimento."* (At 22.27-28). Lísias se encontrava agora em uma situação difícil, pois tinha violado uma lei romana. Expor um cidadão a tal indignidade era considerado traição contra a majestade do povo romano. Mas a única maneira de salvar a vida de Paulo era mantê-lo sob custódia, e ele felizmente pensou em um outro modo mais brando de determinar a natureza da ofensa de seu prisioneiro.

No dia seguinte ele *"mandou vir o principais dos sacerdotes, e todo o seu conselho; e, trazendo Paulo, o apresentou diante deles."* (At 22.30). Paulo se dirigiu ao Sinédrio com respeito: *"Homens irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência."* (At 23.1). Este inabalável senso de retidão enfureceu tanto Ananias, o sumo sacerdote, que ele ordenou àqueles que estavam próximos a golpeá-lo na boca. Esta arbitrária violação da lei por parte do chefe do conselho despertou tanto os sentimentos do apóstolo, que ele destemidamente exclamou: *"Deus te ferirá, parede branqueada; tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei, e contra a lei me mandas ferir?"* (At 23.3). É evidente que o sumo sacerdote não estava vestido de modo a ser reconhecido como tal. Portanto Paulo se desculpa por sua ignorância do fato, e cita a formal proibição da lei: *"Não dirás mal do príncipe do teu povo"* (At 23.5).

O apóstolo logo percebeu, como nos é dito, que o conselho estava dividido em duas partes - alguns eram fariseus e outros eram saduceus - e portanto clamou: *"Homens irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu; no tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado."* (At 23.6). Esta declaração, seja intencionalmente ou não, teve o efeito de dividir a assembleia, colocando um partido contra o outro. E tão ferozes suas dissensões se tornaram que alguns dos fariseus acabaram ficando do lado de Paulo, dizendo: *"Nenhum mal achamos neste homem,*

*e, se algum espírito ou anjo lhe falou, não lutemos contra Deus.*" (At 23.9). A sala de julgamento imediatamente se tornou cenário da mais violenta briga e a presença de Cláudio Lísias se fez absolutamente necessária. Paulo foi mais uma vez levado recluso à fortaleza.

Assim se passou essa agitada manhã na história de Paulo. À noite, quando sozinho, como estaria o seu coração? Talvez estivesse lembrando das palavras de advertência dada pelos irmãos sobre os perigos que lhe esperavam em Jerusalém... Naquela noite de muita tensão, Jesus lhe apareceu para confortar e animar o coração *"e disse: Paulo, tem ânimo; porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma."* (At 23.11). Foi um conforto divinamente cronometrado. Em seguida, uma conspiração tramada por mais de quarenta homens para assassinar Paulo é descoberta, e todos os planos malignos frustrados. Cláudio Lísias imediatamente convoca seus centuriões e soldados, dando-lhes ordens estritas de conduzir Paulo em segurança para Cesaréia. Os detalhes sobre este assunto são relatados por Lucas com singular riqueza de detalhes (At 23.12-25).

Os acusadores de Paulo não tardaram em partir também para Cesaréia. *"E, cinco dias depois, o sumo sacerdote Ananias desceu com os anciãos, e um certo Tértulo, orador, os quais compareceram perante o presidente contra Paulo."* (At 24.1). Em um breve discurso, cheio de bajulação e insinuação, Tértulo acusa Paulo de sedição [motim], heresia e profanação do templo.

Félix então fez um sinal permitindo que Paulo respondesse por si. E agora, podemos dizer, o apóstolo dos gentios está mais uma vez no lugar certo. Mesmo humilhado pelas circunstâncias, ele é ainda o mensageiro de Deus para os gentios. Os judeus ficaram em silêncio, e Paulo, com sua maneira direta como de costume, rebateu as acusações e testemunhou que era seguidor do Caminho.

Félix tinha um bom conhecimento do Caminho (At 24.22) - muitos anos antes, o cristianismo tinha penetrado no exército romano em Cesaréia por meio de um centurião (At 10) - e a fala de Paulo sobre o Caminho lhe chamou atenção. Ele, então, interrompe a audiência com a desculpa de que estaria esperando a chegada de Lísias. Enquanto isso, no entanto, ele dá ordens para que Paulo fosse tratado com gentileza e consideração, e que seus amigos deveriam ter livre acesso a ele.

Mais que isso, não muitos dias depois, Félix entrou na sala de audiências com sua esposa Drusila, e mandou chamar Paulo. Eles estavam curiosos para ouvi-lo falar *"acerca da fé em Cristo"* (At 24.24). Deus estava lhe dando mais uma oportunidade de testemunhar sua fé. Ele pregou a Cristo e não alisou. Mesmo estando diante de uma das maiores autoridades romanas, falou de modo claro e ousado aos seus ouvintes sobre a necessidade de justiça e domínio próprio e sobre o juízo vindouro (At 24.25). E Félix ficou com medo. A verdade do Evangelho estava lhe constringendo e Félix mandou Paulo parar de falar. Não é de se estranhar. Se devemos acreditar nos historiadores de seus dias, como Josefo e Tácito, nunca um casal tão sem princípios e dissoluto havia se sentado diante de um pregador. Embora com a consciência atingida, Félix resistiu! Posteriormente, ele até chamou Paulo para conversar mais algumas vezes, mas seu interesse era outro: que Paulo lhe pagasse algum suborno para garantir sua liberdade. O governador romano nem imaginava que sua mercenária justiça seria registrada para sempre na Bíblia, e levada adiante para

todas as gerações que se sucederam. Ele manteve Paulo preso por pelo menos dois anos apenas para não ter problemas com os judeus: *"Mas, passados dois anos, Félix teve por sucessor a Pórcio Festo; e, querendo Félix comprazer aos judeus, deixou a Paulo preso."* (At 24.27)

### **Paulo comparece diante de Festo e Agripa (At. 25 e 26)**

Paulo passou pelo menos dois anos preso na Ceraséia por ordem de Félix, que foi sucedido por Festo.

Imediatamente após a chegada de Festo à província, ele visitou Jerusalém. Lá, os líderes judeus aproveitaram a oportunidade para exigir o retorno de Paulo. Seus argumentos, sem dúvida, era de que ele deveria novamente ser julgado perante o Sinédrio, mas a verdadeira intenção deles era matá-lo no caminho. Festo recusou o pedido. No entanto, ele os convidou a ir com ele para a Cesareia e acusá-lo lá. O julgamento ocorreu e assemelhou-se ao que ocorreu diante de Félix. É bem evidente que Festo viu claramente que a verdadeira ofensa de Paulo estava ligada às opiniões religiosas dos judeus, e que ele não tinha cometido ofensa alguma contra a lei. Mas ao mesmo tempo, desejando agradar os judeus, perguntou a Paulo se ele não iria a Jerusalém para ser ali julgado. Isto era apenas um pouco melhor do que uma proposta de sacrificá-lo ao ódio judaico. Paulo, estando bem consciente disso, apelou de vez ao Imperador - *"Eu apelo para César"* (At 25.11).

Festo ficou surpreso com o pedido de seu prisioneiro. Mas era seu privilégio como cidadão romano ter sua causa transferida ao supremo tribunal do Imperador de Roma. *"Então Festo, tendo falado com o conselho, respondeu: Apelaste para César? para César irás."* (At 25.12).

Sob uma perspectiva meramente humana, este era o único recurso de Paulo sob tais circunstâncias. Mas a mão e propósito do Senhor estavam nisto. Paulo deveria dar testemunho de Cristo também em Roma.

Aconteceu nessa época que Agripa, rei dos judeus, e sua irmã Berenice, foram fazer uma visita de cortesia a Festo. E como Festo não sabia como levar o caso de Paulo ao Imperador, ele aproveitou a oportunidade de consultar Agripa, que estava mais bem informado que ele sobre os pontos em questão. O príncipe judeu, que devia saber algo sobre o cristianismo, e que sem dúvidas havia ouvido falar de Paulo, expressou o desejo de ouvi-lo falar. Festo prontamente acedeu ao pedido. *"Amanhã", disse ele, "o ouvirás"* (At 25.22).

O apóstolo teria agora o privilégio de levar o nome de Jesus diante da mais digníssima assembleia que ele já tinha abordado. Reis judeus, governadores romanos, oficiais militares e comandantes da Cesareia se reuniram "com grande pompa" para ouvir o prisioneiro dar conta de si mesmo a Agripa. Não era uma audiência qualquer, e está perfeitamente claro que eles não consideravam o prisioneiro como uma pessoa qualquer. Festo, tendo reconhecido a dificuldade na qual se encontrava, remeteu a questão ao conhecimento do rei judeu. Agripa cortesmente deu sinal a Paulo, permitindo que falasse. Chegamos agora a um dos momentos mais interessantes em toda a história de nosso apóstolo.

A dignidade de seus modos perante os juízes, embora preso por correntes a um soldado, deve ter impressionado profundamente sua audiência. Ele não pensava nem em suas correntes nem em sua pessoa. Perfeitamente feliz em Cristo, e ardente de amor por aqueles ao seu redor, o bem-estar e as circunstâncias foram completamente esquecidas. Ele se dirigiu à consciência de sua audiência, com a ousadia de um homem acostumado a andar com Deus.

Paulo se dirigiu ao rei Agripa como alguém bem versado nos costumes e questões judias. Ele relatou sua miraculosa conversão e sua subsequente carreira, de modo a agir na consciência do rei. Festo ridicularizou-o. Para ele não passava de um entusiasmo extravagante - um delírio. Ele interrompeu o apóstolo abruptamente e *"disse em alta voz: Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar."* (At 26.24). A resposta do apóstolo foi segura, mas respeitosa: *"Não estou louco, excelentíssimo Festo. O que estou dizendo é verdadeiro e de bom senso. O rei está familiarizado com essas coisas, e lhe posso falar abertamente. Estou certo de que nada disso escapou do seu conhecimento, pois nada se passou num lugar qualquer"* (At 26.25-26).

Então, voltando-se ao rei judeu, que se sentava ao lado de Festo, ele fez este direto e solene apelo: *"Crês tu nos profetas, ó rei Agripa? Bem sei que crês."* (At 26.27). *"Então Agripa disse a Paulo: 'Você acha que em tão pouco tempo pode convencer-me a tornar-me cristão?'"* (At 26.28).

Apesar de estar preso por ordem daqueles homens, Paulo desejava que fossem salvos: Paulo respondeu: *"Em pouco ou em muito, peço a Deus que não apenas tu, mas todos os que hoje me ouvem se tornem como eu, menos estas algemas"* (At 26.29).

Após esta fala, as autoridades encerraram aquela conversa. Agripa não queria ouvir mais: *"O rei se levantou, e com ele o governador e Berenice, como também os que estavam assentados com eles."* (At 26.30). Na saída, Festo, Agripa e sua companhia chegaram à conclusão de que Paulo não era culpado de nada digno de morte ou mesmo prisão. *"Bem podia soltar-se este homem"*, disse Agripa, *"se não houvera apelado para César."* (At 26.32)

Este era o cuidado do Senhor para com Paulo. Ele teve sua inocência reconhecida por seus juízes. Paulo continuou preso, mas seu coração estava feliz, ele estava indo para Roma...

### **Paulo, Lucas e Aristarco sofrem um naufrágio (At 27)**

Nenhum julgamento formal do apóstolo tinha acontecido. E, sem dúvidas, cansado da oposição dos judeus - com dois anos de prisão em Cesareia - e com repetidos exames diante dos governantes e de Agripa, ele tinha solicitado um julgamento perante a corte imperial. Lucas, o historiador de Atos, e Aristarco de Tessalônica, tiveram o privilégio de acompanhá-lo. Paulo foi entregue aos cuidados de um centurião chamado Júlio, da guarda imperial, um oficial que, em todas as ocasiões, tratou o apóstolo com grande gentileza e consideração.

Foi então determinado que Paulo deveria ser enviado juntamente com *"alguns outros presos"* pelo mar até a Itália. *"E, embarcando nós"*, diz Lucas, *"Embarcamos num navio de Adramítio, que estava de partida para alguns lugares da*

*provincia da Ásia, e saímos ao mar, estando conosco Aristarco, um macedônio de Tessalônica. No dia seguinte, ancoramos em Sidom; e Júlio, num gesto de bondade para com Paulo, permitiu-lhe que fosse ao encontro dos seus amigos, para que estes suprissem as suas necessidades." (At 27.2-3).* Partindo de Sidom eles foram forçados a navegar por baixo do Chipre, pois os ventos eram contrários, e chegaram a Mirra, uma cidade na Lícia. Aqui o centurião teve seus prisioneiros transferidos para um navio de Alexandria em rota para a Itália. Neste navio, após deixarem Mirra, por muitos dias navegaram vagarosamente até chegar a Cnido, pois o clima era desfavorável. Mas navegando por baixo de Creta, eles chegaram em segurança em Bons Portos.

O inverno estava próximo e se tornou uma séria questão qual curso deveria ser tomado – se eles deviam permanecer em Bons Portos durante o inverno ou se deveriam procurar algum porto melhor.

Não está escrito no livro dos Atos, mas provavelmente Paulo ganhava a confiança daqueles que estavam à sua volta com seu comportamento leal e respeitoso, além da sua notória sabedoria. Ele era um prisioneiro, mas governadores e juizes conversavam com ele reservadamente. Aqui, como anteriormente com Festo e Agripa, Paulo é ouvido pelo capitão do navio, pelo proprietário do navio, pelo centurião. Ele aconselha para que fiquem onde estão. Ele adverte-lhes de que iriam se encontrar com um clima violento se se aventurassem ao alto mar, e que muito prejuízo seria feito ao navio e sua carga, colocando em risco a vida dos que estavam a bordo.

O inverno era época de tempestade e aquele não era um porto seguro. Assim, o capitão e o proprietário do navio decidiram deixar Bons Portos e navegar para Fenice – um porto mais seguro. Aparentemente era uma decisão razoável... Inclusive, começou a soprar um vento sul suave, que era exatamente o que precisavam para a viagem...

Eles estavam tão otimistas que Lucas nos diz que eles supunham que o propósito deles já estava realizado (v. 13). Estando em acordo, eles levantaram âncora e o navio partiu levando 276 pessoas. Mas, mal eles contornaram o Cabo Matala, uma distância de apenas quatro ou cinco milhas, um vento forte vindo da costa pegou o navio e o lançou de tal maneira que perderam totalmente o controle da embarcação. E, como observa Lucas, *"ficaram à deriva"* (At 27.15), ou seja, eles foram obrigados a deixar o navio ser levado pelo vento.

O naufrágio não estava muito distante. *"Na décima quarta noite, ainda estávamos sendo levados de um lado para outro no mar Adriático, quando, por volta da meia-noite, os marinheiros imaginaram que estávamos próximos da terra. Lançando a sonda, verificaram que a profundidade era de trinta e sete metros; pouco tempo depois, lançaram novamente a sonda e encontraram vinte e sete metros."* (At 27.27-28). Por 14 dias e noites o pesado vendaval continuou sem parar, tempo durante o qual a angústia e o sofrimento deles deve ter sido inimaginável.

Com a profundidade diminuindo, o navio chegou perigosamente próximo a pedras. O tempo não podia ser desperdiçado, então eles imediatamente lançaram quatro âncoras da popa, e ansiosamente esperaram pelo amanhecer. No momento de

lançamento das âncoras, *“tentando escapar do navio, os marinheiros baixaram o barco salva-vidas ao mar, a pretexto de lançar âncoras da proa”* (At 27.30). Paulo, vendo isso, e conhecendo sua verdadeira intenção, imediatamente disse ao centurião *“Se estes homens não ficarem no navio, vocês não poderão salvar-se”. Com isso os soldados cortaram as cordas que prendiam o barco salva-vidas e o deixaram cair”* (At. 27.31-32).

Deus estava ali por meio de Paulo. Agora todos acreditavam em Paulo, que havia alertado, no princípio, que a viagem não era boa ideia. Neste momento, uma palavra de Paulo é uma ordem e, imediatamente as cordas do barco salva-vidas foram cortadas. Já não eram mais o capitão do navio ou sua tripulação que eram procurados para buscar segurança. O prisioneiro, Paulo, é quem, pela revelação do Espírito Santo, pode indicar as melhores escolhas. Circunstâncias frequentemente enganam; a palavra de Deus é o único guia seguro, seja em clima calmo ou desagradável.

Durante o ansioso intervalo que se manteve até o amanhecer, Paulo teve uma oportunidade de orar diante de todos e propor uma refeição, pois estavam em vigília há 14 dias, sem comer. Paulo ainda disse que se seguissem o que falava, nenhum deles sofreria nenhum mal. Que cena surreal deve ter sido esta! Fora do navio, uma tempestade muito forte, ondas jogando o navio de um lado pro outro, que só não se despedaça em pedras por causa das âncoras. Dentro do navio, pessoas comendo até ficarem satisfeitos. Depois de comerem, jogaram ao mar toda a carga do navio, para o deixar mais leve.

*“Quando amanheceu não reconheceram a terra, mas viram uma enseada com uma praia, para onde decidiram conduzir o navio, se fosse possível. Cortando as âncoras, deixaram-nas no mar, desatando ao mesmo tempo as cordas que prendiam os lemes. Então, alçando a vela da proa ao vento, dirigiram-se para a praia. Mas o navio encalhou num banco de areia, onde tocou o fundo. A proa encravou-se e ficou imóvel, e a popa foi quebrada pela violência das ondas. Os soldados resolveram matar os presos para impedir que algum deles fugisse, jogando-se ao mar. Mas o centurião queria poupar a vida de Paulo e os impediu de executar o plano. Então ordenou aos que sabiam nadar que se lançassem primeiro ao mar em direção à terra. Os outros teriam que salvar-se em tábuas ou em pedaços do navio. Dessa forma, todos chegaram a salvo em terra”* (At 27.39-44).

Mais uma vez o apóstolo foi necessário para a salvação das vidas de todos os prisioneiros. O centurião, grandemente influenciado pelas palavras de Paulo, e temendo por sua segurança, não permite que os soldados matem os prisioneiros, e ordena que aqueles que sabiam nadar deveriam se lançar primeiro ao mar e chegar à terra, e que o resto deveria seguir em tábuas ou pedaços do navio disponíveis. O salvamento deles foi completo, como Paulo tinha predito.

### **Paulo finalmente chega em Roma (At 28)**

Os habitantes daquela ilha receberam os náufragos estrangeiros com muita gentileza e imediatamente acenderam um fogo para aquecê-los. Lucas descreve aquelas cenas. Vemos as pessoas descritas se movendo nela: o apóstolo recolhendo lenha para o fogo - a víbora mordendo sua mão - os nativos pensando, a princípio, que ele fosse um assassino, e depois que fosse um deus, pelo fato de ter escapado

ileso da mordida: *“Quando os habitantes da ilha viram a cobra agarrada na mão de Paulo, disseram uns aos outros: “Certamente este homem é assassino, pois, tendo escapado do mar, a Justiça não lhe permite viver” (At 28.4).*

Públios, o principal líder da ilha, que mais tarde souberam se chamar Malta, os recebeu com cortesia por três dias, e seu pai, que estava de cama com febre, foi curado por Paulo. Permitiram que o apóstolo fizesse muitos milagres durante sua estadia na ilha, e toda companhia, por causa dele, foram tidos com muita honra. Vemos que Deus estava ali com seus servos, protegendo-os e abençoando-os, além de manifestar Seu poder entre os habitantes locais.

*“Passados três meses, embarcamos num navio que tinha passado o inverno na ilha; era um navio alexandrino...” (At 28.11)* Eles passaram por Siracusa, onde ficaram por três dias. Mais um dia em Régio, a partir de onde tiveram um vento bom até Potéoli. Ali eles *“acharam alguns irmãos”*, e passaram uma semana desfrutando do ministério do amor fraternal. Depois, partiram para Roma.

A notícia da chegada próxima de Paulo chegara aos ouvidos dos cristãos de Roma. Eles logo enviaram alguns dos seus, que se encontraram com Paulo e seus amigos na Praça de Ápio e nas Três Vendas. Um belo exemplo da comunhão dos santos. O desejo antigo do apóstolo estava se cumprido. Seu coração estava cheio de louvor. *“Ele deu graças a Deus”*, como diz Lucas, *“e tomou ânimo.” (At 28.15).*

Ao longo da Via Ápia, muito provavelmente, Paulo e seus companheiros viajaram até Roma. Ao chegarem no destino, *“Paulo recebeu permissão para morar por conta própria, sob a custódia de um soldado” (At 28.16).* Embora ele não tenha sido libertado do constante aborrecimento de estar acorrentado a um soldado, todos os benefícios permitidos a um prisioneiro lhe foram concedidos.

Paulo tinha agora o privilégio *“de anunciar o evangelho aos que estavam em Roma” (Rm 1.15);* e prosseguiu sem demora a agir de acordo com sua regra divina: *“primeiro aos judeus”*. Ele chama os principais dos judeus e explica a eles sua verdadeira posição. Ele lhes assegura que não tinha cometido ofensa alguma contra sua nação, ou contra os costumes dos pais, mas que ele tinha sido trazido a Roma para responder a certas acusações feitas contra ele pelos judeus na Palestina, e tão infundadas eram acusações, que até mesmo o governador romano estava disposto a libertá-lo, mas os judeus se opunham à sua liberdade.

Os judeus romanos, em resposta, asseguraram a Paulo que nenhum relato sobre tais fatos tinha chegado a Roma, e que eles desejavam ouvir dele mesmo sua versão; disseram ainda que, em toda parte, se falava mal daqueles da seita do Caminho. Um dia foi então marcado para um encontro na casa de Paulo.

Vários judeus foram àquele encontro, que começou de manhã e foi até de tarde. Paulo *“lhes deu explicações e lhes testemunhou do Reino de Deus, procurando convencê-los a respeito de Jesus, com base na Lei de Moisés e nos Profetas” (At. 28.23).* Paulo realmente não perdia uma oportunidade de testemunhar da sua fé! Alguns judeus creram, mas outros não, e começaram a discutir entre si.

Paulo, então, falou: *“Bem que o Espírito Santo falou aos seus antepassados, por meio do profeta Isaías: ‘Vá a este povo e diga: “Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão”. Pois o coração deste povo se tornou insensível; de má vontade ouviram com os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos. Se assim não fosse, poderiam ver com os olhos, ouvir com os ouvidos, entender com o coração e converter-se, e eu os curaria’. “Portanto, quero que saibam que esta salvação de Deus é enviada aos gentios; eles a ouvirão!”* (At. 28.25-28).

A menção aos gentios foi a gota d'água. Os judeus foram embora discutindo entre si intensamente.

Paulo ficou ali, em prisão domiciliar, numa casa alugada. Ele recebia a todos que lhe procuravam e aquela casa tornou-se uma embaixada do Reino de Deus: *“Por dois anos inteiros Paulo permaneceu na casa que havia alugado, e recebia a todos os que iam vê-lo. Pregava o Reino de Deus e ensinava a respeito do Senhor Jesus Cristo, abertamente e sem impedimento algum”* (At. 28.30-31).

Estas são as últimas palavras de Atos. O livro não tem um desfecho, até porque o objetivo de Lucas era relatar a Teófilo o que acontecera no período entre a ascensão de Cristo até aquele momento (At 1). A cena derradeira é bastante sugestiva: os judeus rejeitando a Jesus e o Evangelho sendo direcionado a nós, os gentios. O conhecimento que temos sobre a subsequente história de Paulo é coletado quase que exclusivamente de suas próximas epístolas.

O evangelho tinha agora sido pregado de Jerusalém a Roma. Paulo era uma testemunha da graça de Deus para com Israel. Ele mesmo era um israelita, mas também escolhido de Deus para introduzir algo inteiramente novo - a igreja, o corpo de Cristo, *“do qual fui feito ministro... de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo, e demonstrar a todos qual seja a comunhão do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo”* (Ef 3.7-9). Esta nova coisa pôs de lado qualquer distinção entre judeu e gentio, unindo-os em Cristo (Ef. 2.11-16), A igreja, agora, se torna o vaso do testemunho de Deus na terra, e Sua habitação pelo Espírito (Ef 2.22).

#### **Fontes de consulta**

[http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015\\_11\\_01\\_archive.html](http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015_11_01_archive.html)

[http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015\\_10\\_01\\_archive.html](http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015_10_01_archive.html)

<http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015/08/a-quinta-visita-de-paulo-jerusalem-por.html>

[http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015\\_10\\_01\\_archive.html](http://a-historia-da-igreja.blogspot.com.br/2015_10_01_archive.html)

<http://ebdnovavidavi.blogspot.com.br/2011/03/quarta-viagem-missionaria-de-paulo.html>

**Anexo: mapa da viagem**



## **AS CARTAS DE PAULO**

No início deste estudo, analisamos a vida de Saulo como judeu, do partido dos fariseus, aluno da escola de Gamaliel, posteriormente rabino perseguidor daqueles do Caminho.

Certamente, sua mente era moldada a partir da mentalidade judaica, mas ele não ignorava a cultura grega em que estava inserido. Ele era um homem erudito e poliglota que ocupava uma posição de relativo destaque dentro do judaísmo do primeiro século.

Após um encontro com o Messias ressuscitado, ele sofre uma transformação inimaginável: de perseguidor passa a ser perseguido; antes judeu, agora tem uma missão junto aos gentios; aquele que se orgulhava da sua ética e moralidade, agora é o principal dos pecadores.

Ele torna-se um apóstolo incansável, chegando a confessar que se afadigou e trabalhou muito mais do que os outros apóstolos (1 Co 15.9-11). E todo este trabalho é realizado em meio a muito sofrimento (2 Co 11.26-30). Torna-se um combatente da fé cristã, lutando o bom combate, sempre preocupado em formar e treinar outros para a luta pelo Reino de Deus (Rm 15.30; 1 Co 9.26; 2 Co 7.5; Cl 2.1; 2 Tm 4.7).

E o mais impressionante de tudo é que sua atuação missionária não passa de 10 anos, o período de confecção das cartas não mais do que 15 anos e o tempo total de seu ministério não mais do que 20 anos.

Com esta nova visão e missão, Paulo, como passa a ser chamado, empreende viagens com o objetivo de espalhar as boas notícias da chegada do Messias até os confins da terra. Ele forma equipes, treina lideranças, ordena presbíteros, organiza comunidades de cristãos pelas cidades onde vai passando. Sua preocupação por estas igrejas recém formadas é constante. Ele intercede constantemente pelas jovens igrejas e pelos pastores que as dirigem, e, em função da distância, passa a escrever cartas, a fim de confortá-los, exortar, instruí-los. É sobre estas cartas que passamos a tratar.

### **As cartas - introdução**

Paulo é um dos principais escritores do Novo Testamento. Estatisticamente falando, é responsável por quase 1/4 do conteúdo do Novo Testamento ficando atrás apenas de Lucas em porcentagem de quantidade dos escritos.

Ele é muito bom escritor, profundo, teórico e prático, um teólogo de mão cheia, que não foge de temas complexos e difíceis para a maioria (2 Pd 3.15-16). Seus críticos o acusavam de ser forte e contundente nos escritos, mas ele não era

bom falando, pregando (2 Co 10.10).<sup>1</sup> Para a época, onde a maioria das pessoas era iletrada, a capacidade de falar bem em público era muito valorizada. Por isso, para os críticos de Paulo, ele não merecia muita apreciação, vez que não possuía uma oratória arrebatadora.

No mundo greco-romano as cartas endereçadas às pessoas contavam, em média, com quase 90 palavras. Cartas literárias tinham, em média, 200 palavras. Uma vez que a folha de papiro media cerca de 34cm x 28cm, podendo acomodar entre 150 a 200 palavras (dependendo do tamanho da escrita), a maioria das cartas antigas não ocupava mais que uma página de papiro)<sup>2</sup>, até porque não era um insumo barato.

Quando analisamos as cartas paulinas, surpreendemo-nos com a quantidade elevada de cerca de 1.300 palavras em média. A carta a Filemom possui 335 palavras; a dos Romanos, por sua vez, 7.101 palavras.

As cartas paulinas provavelmente foram escritas em folhas soltas de papiro e coladas beirada com beirada a fim de formar um rolo. Paulo também costumava ditar algumas de suas cartas a um escriba profissional chamado de amanuense. As declarações frequentes de Paulo de que ele escrevia a saudação final com o próprio punho faz-nos subentender que as porções maiores das suas epístolas eram escritas mediante o emprego de um amanuense (veja 1 Co 16.21, Gl 6.11; Cl 4.18; 2 Ts 3.17). Estas saudações eram feitas provavelmente porque Paulo temia que documentos fossem forjados em seu nome.

Geralmente as cartas não eram datadas e a inexistência de um serviço postal público tornava necessário enviar as cartas por meio de viajantes. Paulo também envia suas cartas por meio de emissários.

A ordem de apresentação das cartas no atual Novo Testamento depende das dimensões dos escritos, a começar pela mais longa (Romanos) e terminando pela mais curta (Filemom). As chamadas cartas pastorais interrompem este arranjo imediatamente antes da epístola a Filemom. Assim sendo, as cartas paulinas estão colocadas por ordem de tamanho e não pela antiguidade da escrita.

É certo que algumas cartas de Paulo foram perdidas. Em 1Cor 5.9 já se fala de uma primeira carta àquela igreja; e em Cl 4.16, Paulo se refere a uma carta escrita aos cristãos da Laodiceia.

### **As fontes do pensamento usadas por Paulo nas cartas**

Sua principal fonte é o Antigo Testamento. Duas outras fontes são: a tradição judaico-cristã e a revelação direta do Espírito Santo.

Sobre o uso do Antigo Testamento, é significativo saber que Paulo o usou mais de 90 vezes em suas cartas. “Talvez, contudo, ainda mais importantes sejam as muitas alusões ao Antigo Testamento – lugares em que Paulo emprega a linguagem do Antigo Testamento sem citar diretamente – e o grau incalculável em que o Antigo

---

<sup>1</sup> Mencionamos acima que, segundo a tradição, Paulo era um homem feio. Ele era calvo, baixo, pernas arcadas, tinha problemas de visão e nariz avantajado.

<sup>2</sup> Robert Gundry, Panorama do Novo Testamento, Ed. Vida Nova, p.287.

Testamento moldou o mundo conceitual de Paulo.”<sup>3</sup> Sua cosmovisão e *background* teológico são extraídos do Antigo Testamento e, de modo especial, do judaísmo de seus dias.

Paulo ainda faz uso da tradição oral recebida. Temos um exemplo disto em At 20.35. Lá, em seu discurso, ele relembra palavras de Jesus: “*mais bem-aventurada coisa é dar do que receber.*” Tal dito não consta nos quatro evangelhos e fazia parte, com certeza, do arcabouço de tradições que circulavam nas primeiras décadas do cristianismo. Em 1 Coríntios 15.3-4, ele afirma que passou o que recebeu. De quem ele recebeu? A maioria dos estudiosos não tem dúvidas que foi das testemunhas oculares da vida e ministério de Jesus, principalmente dos apóstolos.

Isto não elimina, certamente, as influências dos outros dois mundos de Paulo: o romano e o grego. Este é um fato importante: Paulo era alguém inserido em uma cultura e ele entendeu muito bem, desde cedo, a importância da contextualização na comunicação do Evangelho, escrevendo a partir de referenciais conhecidos de seus leitores.

Provavelmente, até por isso, ele faz uso de fontes não bíblicas. Para exemplificar melhor, abaixo, alistamos textos e episódios em que material apócrifo é citado<sup>4</sup> (GREEN, 1988, p. 47-48):

- Paulo faz uso de um *midrax* rabínico sobre o qual se fala da rocha da qual manava água e que seguia a Israel no deserto (1 Co 10.4);
- faz citação de, pelo menos, dois pensadores não bíblicos no sermão que pregou em Atenas (At 17.28) e em outros textos (1 Co 15.32-33 e Tt 1.12);
- pega de uma fonte não canônica, o nome dos dois mágicos que se opuseram a Moisés. Seus nomes são citados como sendo Janes e Jambres. (2 Tm 3.8 cf Ex 7.11);
- a instrumentalidade dos anjos no exercício de entrega das leis (Gl 3.19; cf Hb 2.2);
- as informações contidas em Gl 5.17 (cf Hb 11.37) são consideradas como sendo extraídas de fontes apócrifas.

Estas informações religiosas e poéticas eram conhecidas de seus interlocutores e Paulo parte delas para comunicar verdades do Evangelho.

Talvez o uso de fontes extrabíblicas por Paulo possa trazer questionamentos da parte de alguns, mas precisamos lembrar algumas coisas: **1)** no que diz respeito à citação de poetas, não significa que Paulo os via (os poetas) como inspirados. Ele cita parte de poemas que considera expressarem verdades que ele quer transmitir; **2)** Toda verdade provém de Deus, pouco importando quem falou. O Espírito Santo foi quem inspirou os homens a escreverem os documentos sagrados. Assim, se estes dados estão registrados é porque Deus revelou-os como verdades.

A seguir estudaremos as cartas escritas por Paulo na ordem cronológica em que foram escritas. Não há certeza desta cronologia, mas esta é a mais provável. A principal discussão quanto à cronologia está na carta aos Gálatas, como veremos adiante.

---

<sup>3</sup> Carson, Moo e Morris, Introdução ao Novo Testamento, p. 249.

<sup>4</sup> Robert Gundry, Panorama do Novo Testamento, p. 400; Michael Green,

### **A primeira carta à Tessalônica**

Na época dos romanos, Tessalônica era uma capital provincial com mais de 200.000 habitantes. Era um importantíssimo ponto comercial, pois além de estar na rota da via Inácia (Ignatia), tinha um ótimo porto aberto para o mar Egeu. Supõe-se que os membros da comunidade fossem todos provenientes de escravos e da classe de pequenos comerciantes, que mal tinham com o que viver. O próprio ambiente de trabalho frequentado por Paulo pode ter sido tão pobre quanto o do trabalho escravo. Talvez por isso, durante sua estadia em Tessalônica, que foi bem curta, os missionários receberam mais de uma contribuição para o seu sustento, provenientes da igreja de Filipos (Fp 4.15-16).

Do ponto de vista da religião havia as divindades romanas e locais.

Durante a segunda viagem missionária Paulo partiu da cidade de Trôade, na Ásia Menor, para a Europa, com o fim de evangelizar as cidades de Filipos, Tessalônica, Bereia, Atenas e Corinto, onde chegou por volta dos anos 50/51dC.

A igreja de Tessalônica nasceu desta passagem de Paulo na segunda viagem missionária. Em Atos 17.2, Lucas registra que Paulo pregou e discutiu nas sinagogas por três sábados sucessivos.

É provável que esta carta tenha sido escrita entre 50/52 d.C., seguida pouco depois pela segunda aos Tessalonicenses. Elas foram escritas em Corinto, na companhia de Silas e Timóteo, que lhe narraram pormenorizadamente a situação dos neoconvertidos de Tessalônica (At 18.5). Esta carta disputa com Gálatas o título da primeira carta escrita por Paulo.

Muitos crentes tessalonicenses estavam desconsolados por causa de entes queridos que haviam falecido (4.13-17), alguns andavam ociosos (4.11) e até mesmo desordenadamente (5.14). Outros sentiam-se tentados a voltar aos vícios pagãos (5.14). A perseguição era intensa (3.3,4). Uma parte atacava Paulo (2.1-12), enquanto outros ainda ansiavam pela sua presença (3.6).

Em resposta, Paulo trata estas questões e destaca um tema: a volta de Cristo (escatologia). Ele destaca o juízo vindouro (1 Ts 4.6), que Deus havia colocado nas mãos de Cristo. A volta de Cristo ocorreria no tempo que Paulo chama de “dia do Senhor” (1 Ts 5.2; 2 Ts 2.1). Neste dia, haverá uma ressurreição dos justos, para herdar a salvação na presença do Senhor (1 Ts 4.16; 5.10), e dos ímpios para serem eternamente separados de Cristo (2 Ts 1.9).

É considerada uma carta escatológica, onde Paulo adverte à comunidade a ter calma em relação à volta de Cristo e ao mesmo tempo ser vigilante. Nesta etapa primitiva do seu apostolado, Paulo encontra-se todo concentrado na ressurreição de Cristo e na sua vinda na glória, que trará a salvação aos que tiverem acreditado nele.

### **A segunda carta à Tessalônica**

O portador da primeira carta levou a Paulo notícias sobre o crescimento espiritual daqueles irmãos. Paulo sentiu-se grandemente consolado pelo relatório. Em adição, o relatório indicava que um ensinamento errôneo, que, supostamente, teria

vindo da parte de Paulo, havia chegado a Tessalônica ou através de uma epístola forjada ou por meio de relatórios orais e escritos de seu ensinamento. Alguns afirmavam que as tribulações e perseguições que sofriam eram as tribulações do Dia do Senhor e, conseqüentemente, ou não tinham sido arrebatados ou Paulo estava enganado em seu ensino (1 Ts 4.13).

Assim, Paulo, pouco tempo depois da primeira, escreve uma segunda carta aos tessalonicenses a fim de louvá-los por seu desenvolvimento espiritual (1.3-4), de consolá-los em suas perseguições (1.5-10), de corrigir as informações errôneas e as ideias falsas que tinham acerca do Dia do Senhor (2.1-12) e de corrigir as desordens na igreja (3.6-15).

### **A primeira carta aos coríntios**

A cidade de Corinto, a opulenta metrópole de dois portos, era um grande centro comercial cosmopolita. Todos os cultos e todas as filosofias da época estavam representados ali. Ela era também uma cidade de frequentes desordens e possuía também uma reputação de libertinagem e devassidão. Havia uma expressão “viver à maneira coríntia” que se transformou num vocábulo técnico para se referir a qualquer pessoa que vivesse desregradamente.

A igreja de Corinto é composta, em sua maioria, de cristãos provenientes do paganismo e que possuíam um *status* social modesto, sobretudo escravos. Ela foi fundada pelo apóstolo Paulo, provavelmente no ano 51 d.C.. Encontramos o relato desta fundação em Atos 18.1-18. A comunidade foi fundada na casa de Priscila e Áquila, artesãos de couro, com os quais Paulo trabalhou.

A carta foi escrita quando Paulo estava em Éfeso, onde passou 3 anos, no contexto da 3ª viagem missionária, provavelmente na primavera, entre 55dC e 57dC (1 Co 16.8).

Paulo escreve esta primeira carta aos coríntios porque uma delegação de líderes desta igreja foi enviada à Éfeso para saber qual o parecer de Paulo sobre algumas questões que haviam originado desordens grandes no seio daquela comunidade, como: divisões entre os membros, imoralidade sexual, litígios judiciais uns com os outros, heresias (entre elas a negação da ressurreição), problemas na ceia do Senhor e com relação aos dons espirituais no contexto do culto.

### **A segunda carta aos coríntios**

Esta segunda carta foi escrita no mesmo ano que a primeira, provavelmente uns 6 meses depois.

Paulo interrompera sua longa estada em Éfeso para visitar os coríntios e se prepara para fazer-lhes uma nova visita. Durante esta sua última estada, ele fora insultado pessoal e gravemente por um membro da comunidade (2 Co 2.5-1; 7.12), que questionava, inclusive, o fato de ele ser apóstolo. De volta a Éfeso ele dirige uma carta aos coríntios exigindo que o ofensor seja punido.

A jovem igreja coríntia estava sendo alvo de falsos apóstolos que contestavam a autoridade apostólica de Paulo e desviavam o povo do Evangelho que tinham recebido. Paulo, então, escreve como um pai espiritual dos crentes de

Coríntio. A situação era tal que Paulo sentiu necessidade de falar sobre si mesmo. Ele fornece detalhes biográficos que contribuem para o melhor conhecimento da sua personalidade, fala das tribulações que sofreu em Éfeso (2 Co 11.23-27), de suas visões e de sua enfermidade (2 Co 12.1-10), da maneira como encara seu ministério (2 Co 6.1-10) e a natureza de sua autoridade apostólica (2Co 10.1-11).

Ele reivindicou sua autoridade apostólica, entretanto, ao mesmo tempo, apresentou-se como alguém que é de todo fraco e inútil, mas que, através desta fraqueza, a graça e o poder de Deus são engrandecidos. Em contraste com a estima aos próprios olhos e o interesse próprio dos falsos apóstolos, encontramos o autoaviltamento de Paulo: tudo vem de Deus e visa a glória de Deus. A nota chave que exprime esta sensação é “a minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9).

Esta segunda carta é chamada de “epístola de lágrimas”, porque o próprio apóstolo assim a denomina (2 Co 2.4), diante deste cenário problemático.

### **A carta aos Romanos**

É a mais longa, a mais sistemática e a mais profunda de todas as cartas quanto ao conteúdo teológico. Paulo reivindica sua autoria (Rm 1.1,5).

Esta epístola foi escrita quando Paulo estava em Corinto, por volta dos anos 57/58dC, no contexto da 3ª viagem missionária, tendo por destinatários os crentes de Roma. Paulo ditou, Tércio escreveu (Rm 16.22) e Febe, uma viúva rica, levou-a em mão até aos crentes em Roma (Rm16.1,2).

A extensão da carta e sua cuidadosa composição sugere que Paulo passava por um período de relativa paz, onde pôde se dedicar à escrita da carta, antes de levar a oferta para aliviar as necessidades dos crentes pobres de Jerusalém.

Diferentemente das outras, a carta aos Romanos foi escrita a uma igreja que Paulo nunca havia visitado (Rm 1.10,11,15).

A Igreja de Roma era predominantemente gentílica. Porém, havia também um bom grupo de judeus. Seus destinatários, portanto, são cristãos gentios e judeus. À luz do texto, podemos ver alguns vestígios da presença destes dois grupos:

➤ **Judeus:** **a)** ele saúda os cristãos judeus Priscila e Áquila e seus patrícios Andrônico, Júnias e Herodião (16.3,7,11); **b)** se dirige a um judeu em 2.17; **c)** associa seus leitores à lei mosaica (6.14,15; 7.1,4); **d)** Paulo chama Abraão de nosso pai (4.1); **e)** boa parte da carta é dedicada a assuntos que seriam de interesse dos judeus: o pecado dos judeus (2.1-3.8); a lei mosaica vista como insuficiente (3.19-20, 27-31; 4.12-15; 5.13-14,20; 6.14; 7.1-8.4; 9.30-10.8) mas que alcança perfeição em Cristo (3.31; 8.4; 13.8-10); a importância de Abraão, de quem procede Israel (Cap. 4); o papel de Israel na história da salvação (caps. 9-11);

➤ **Gentios:** **a)** no decorrer da carta, Paulo inclui seus leitores entre os gentios a quem fora chamado a ministrar (Rm 1.5-6; 1.13; 15.14-21); **b)** ele se dirige diretamente a “vós outros, que sois gentios” (Rm 11.13); **c)** O pedido de Paulo para que estes se aceitem uns aos outros (Rm 15.7) parece ser dirigido especialmente aos gentios (Rm 15.8-9).

A carta aos Romanos é a resposta à pergunta dos séculos: “como se justificará o homem com Deus?” (Rm 9.2). A carta está dividida em três partes sendo notória a progressão em toda a extensão do seu texto.

A primeira parte é doutrinária e trata como o evangelho salva o pecador, aborda o problema do pecado de forma expositiva, Cap. 1-8.

A segunda parte está diretamente relacionada aos judeus, apresentando o seu relacionamento com o evangelho. Cap. 9-11

A terceira parte é prática, mostrando como o evangelho influencia a nossa forma de viver, apresentando uma aplicação muito pessoal da salvação apresentada na primeira parte à vida de cada indivíduo. Cap. 12-16

### **A carta aos gálatas**

Esta é a carta mais problemática com relação à cronologia. Alguns a situam no contexto da 3ª viagem missionária, escrita em Corinto, por volta dos anos 57/58dC; outros entendem que ela foi a primeira carta escrita, antes mesmo do Concílio de Jerusalém (por volta do ano 48/49dC).

Uma das questões fundamentais desta carta será definir quem são os gálatas. A questão não é de fácil resolução uma vez que havia duas regiões da Ásia Menor (uma ao norte e outra ao sul) que possuíam este nome.

Os estudiosos se dividem entre estas duas regiões. Paulo certamente circulou na Galácia do Sul durante a sua primeira viagem missionária. Segundo atos 13.14ss ele fundou igrejas na Galácia do Sul e em seguida, por ocasião da sua segunda viagem as visitou (At 16.1). No entanto, durante esta segunda viagem missionária ele também foi à Galácia do Norte e lá, igualmente fundou igrejas, visitadas por ele novamente no decorrer de sua terceira viagem (At 18.23).

A solução surge quando entendemos que no livro de Atos, Lucas fala de uma “região da Galácia”(At 16.6 e 18.23). Em associação com a Frígia (região setentrional) e assim o faz para marcar o percurso apostólico rumo ao norte. Conclui-se pois que esta epístola é endereçada a Galácia do Norte.

Esta carta foi escrita para responder a problemas específicos. Não muito depois dos Gálatas terem aceitado o evangelho surgiram agitadores que atacaram o apóstolo Paulo (Gl 4.17) e pregaram uma forma distorcida de Cristianismo (Gl 1.6-7). Este “novo evangelho” requeria a circuncisão para a salvação (Gl 6.12). Destas passagens pode se concluir facilmente que os destinatários são: gentios, incircuncisos e os agitadores provavelmente cristãos judaizantes.

O ponto central desta carta é a afirmação de que a salvação é uma dádiva da graça de Deus que não pode ser comprada nem merecida, mas, somente recebida pela fé (Gl 2.15-16). De fato, a própria fé é um dom gratuito de Deus (Gl 1.3, 6, 15; 2.19, 21; 6.18). Paulo mostra uma ira profunda contra a negação desta verdade pelos agitadores (Gl 3.1; 5.12).

Somente a fé é a chave, porque há somente um Salvador: Jesus Cristo. Somente o Espírito do Filho que nos é dado, capacita-nos a viver de acordo com a vontade do Pai e em comunhão com Ele (Gl 2.20; 4.6-7; 5.16-18,25).

### **A carta aos efésios**

Éfeso possuía um monumento cívico dos mais importantes do mundo antigo, considerado uma das sete maravilhas: o templo da Deusa Diana. Ela era também a capital da província romana da Ásia, na costa oeste da Ásia menor. Situava-se entre as metades (Oriental e Ocidental) do Império Romano e estava entre as cinco maiores cidades do Império durante o século I. Ela foi importantíssima para a expansão do cristianismo, uma vez que se tratava de um grande centro.

Foi durante a estada de Paulo em Éfeso que ela tornou-se o centro da evangelização da parte ocidental da Ásia menor (At 19.10). Os laços afetivos entre Paulo e esta igreja são revelados em seu discurso de despedida aos seus presbíteros (At 20.16-38).

Assim como a carta aos Romanos, a epístola aos Efésios fornece uma visão alargada do pensamento de Paulo. Se quisermos classificar seus escritos, claramente todos são importantes. Todavia, as cartas aos Romanos e aos Efésios são as que mais peso doutrinário possuem.

O foco de Efésios é o mistério da igreja. Ela é a nova humanidade de Deus, um protótipo no qual o Senhor revela a unidade e dignidade renovada da raça humana (Ef 1.10-14; 2.11-22; 3.6,9-11). A igreja é uma comunidade onde o poder de Deus de reconciliar as pessoas a si próprio é experimentado e compartilhado através de relacionamentos transformados (Ef 2.1-10; 4.1-16). É um novo templo, uma nova construção feita de pessoas (Ef 2.19-22, 3.17-19). A igreja é um organismo onde o poder e a autoridade são exercidos segundo Cristo (Ef 1.22; 5.25-27). Acima de tudo, a igreja é a noiva que se prepara para a chegada de seu amado esposo (Ef 5.22-32).

Paulo parece ter escrito essa epístola na prisão em Roma, mais ou menos no mesmo tempo em que escreveu Filemom e Colossenses, e parece tê-la enviado por mão do mesmo amigo: Tíquico, que tinha vindo visitá-lo em 60/61 dC (Ef 6.21).

### **A carta aos Colossenses**

Mais uma carta escrita na prisão romana (Cl 4.18) e enviada por Tíquico (Cl 4.7).

Colossos, hoje em ruínas, era uma pequena cidade situada na Frígia Ocidental, estando próxima de duas cidades importantes: Hierápoles e Laodiceia (Cl 4.13).

A igreja de Colossos não foi fundada por Paulo, mas por um certo Epafras, “fiel ministro de Cristo” (Cl 1.7). Este, sem dúvida, também fundou a comunidade vizinha de Laodiceia (Cl 2.1; 4.12), e o apóstolo recomenda às duas comunidades que troquem suas respectivas cartas (Cl 4.16).

No momento em que Paulo escreve esta carta, Epafras está a seu lado (Cl 4.12). Pelo contexto, pode-se entender, que ali surgiu uma heresia que queria mesclar

o evangelho com especulações filosóficas (Cl 2.8). Parece, também, que havia uma certa influência judaica uma vez que há alusão às ordenanças legais, às regras de alimentação, à observância do sábado e da lua nova e outras prescrições do calendário judaico (Cl 2.16).

O papel dos espíritos angelicais era um importante elemento deste ensino. Talvez seja por isso que Paulo enfatize a superioridade e a vitória de Cristo sobre principados e potestades (Cl 1.16; 2.10,15).

### **A carta a Filemom**

Este simples “bilhete” foi escrito por Paulo quando ele estava preso em Roma. Sua data provável é em torno de 60/62 dC, e foi enviado a Filemom junto com a carta aos colossenses (Cl 4.7-9).

Filemom era um irmão em Cristo, conhecido de Paulo, e dono de escravos em Colossos. Seu escravo Onésimo havia fugido e, de alguma forma, através dos ensinamentos de Paulo, encontrou a Cristo. Paulo, então, escreve a Filemom pedindo-lhe que receba Onésimo não como escravo, mas como um irmão em Cristo.

É uma carta que evidencia o amor de Paulo pelos irmãos. Ele se preocupa com a vida do escravo Onésimo inicialmente em Roma, recebendo-o na sua prisão domiciliar para apresentar-lhe o Evangelho e o discipular. Em seguida, preocupa-se com o seu retorno para Colossos, enviando-o como seu próprio filho (Fm 10, 12). Um escravo fugitivo, de acordo com a lei romana, quando apanhado, poderia ser punido como o seu senhor bem entendesse, inclusivamente com a morte. Agora este homem aceita Jesus e volta para seu senhor com uma carta na mão, com apenas 334 palavras no grego, a Carta de Filemon.

A carta expressa mudanças que o Evangelho produz na vida das pessoas, quando levado às últimas consequências. De um lado, o escravo fugitivo, que provavelmente tinha furtado seu senhor (Fm 18), é orientado a voltar, se desculpar e servir ao seu senhor. De outro lado, o senhor é orientado a perdoar, recebê-lo como um amado irmão em Cristo (Fm 16, 17).

O Evangelho de Cristo não é insensível ou indiferente aos dilemas e relacionamentos humanos. Paulo acredita que o Evangelho pode mudar as relações entre as pessoas, por isso, escreve a Filemon (provavelmente convertido pelo apóstolo) para receber novamente Onésimo.

### **A carta aos Filipenses**

A cidade de Filipos foi assim chamada em honra a Felipe da Macedônia, o pai de Alexandre, o Grande. A sua importância devia-se ao fato de que ela ficava na estrada principal entre as províncias orientais e Roma. Ela era uma colônia romana habitada parcialmente por soldados romanos aposentados.

A ausência de citações do Antigo Testamento e de nomes judeus na carta indicam que a igreja de Filipos era, em sua maior parte, gentílica.

Paulo escreve esta epístola da prisão (Fp 1.12-30). O mais provável, de acordo com a tradição antiga, é que Paulo tenha escrito esta carta durante a sua

prisão em Roma (At 28). Se assim foi ele a escreveu perto do fim deste período, em torno do ano 62/63 d.C. Alguns fatos colaboram para se colocar a prisão em Roma como referência. Por exemplo, Paulo menciona “a guarda pretoriana” (Fp 1.13) e “a casa de César” (Fp 4.22). Também o fato de que em 1.12-14, Paulo fala da sua liberdade de pregar durante o seu encarceramento (At 28.16-31).

Embora a carta seja pequena, Paulo discorre sobre vários temas importantes para a igreja. A alegria é um dos temas centrais desta carta. Diferentes formas da palavra alegria ocorrem 16 vezes nela. A alegria de Paulo está fundamentada na paz de Deus, o antídoto de toda ansiedade (Fp 4.4-7).

Esta é uma das cartas mais pessoais de Paulo. Para ver isso basta notar a frequência da primeira pessoa do singular por toda a epístola. O apóstolo estava escrevendo para um grupo de amigos a quem ele amava profundamente. Na carta, a preocupação de Paulo por aqueles crentes transparece claramente. Ele lhes escreve não tanto na posição de apóstolo que estabeleceu a igreja cristã em Filipos, mas como seu pai em Cristo. Essa diferença já é evidente na saudação: não “Paulo, apóstolo...”, a introdução costumeira, mas “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus...”.

### **A primeira carta a Timóteo**

É muito possível que apenas no ano 62 ou 63dC se tenha verificado a libertação do apóstolo que estava preso em Roma, seguindo-se depois uma viagem à Espanha, que planejava há muito (Rm 15.24), e mais tarde a Colossos (Fm 22), e outras cidades, sobretudo a Filipos (Fp 2.24) e a Éfeso (1Tm 1.3). Pelo menos é certo, que visitou a ilha de Creta, onde deixou Tito, que até então o acompanhava (Tt 1.5). Talvez em 63 ou 64, da Macedônia (talvez Filipos), tenha escrito a sua primeira carta a Timóteo, que deixara em Éfeso (1Tm 1.3).

As cartas de Paulo a Timóteo, bem como Tito, são consideradas cartas pastorais porque destinam-se aos pastores Timóteo e Tito, discípulos dele e cooperadores no Reino de Deus.

Cartas pastorais é uma designação mais recente. Foi a partir do século XVIII que elas assim foram chamadas. Elas se preocupam com a disciplina eclesiástica bem como com a situação espiritual e material da Igreja de Cristo.

Timóteo, o destinatário, era natural de Listra. Ele era filho de um casamento misto: seu pai era gentio e sua mãe judia (At 16.1) Pouco se sabe sobre seu pai, mas sua mãe e avó, foram convertidas durante a 1ª viagem missionária de Paulo (2 Tm 1.5). As duas influenciaram decisivamente na vida espiritual deste jovem pastor (2 Tm 3.14-15).

Na 2ª viagem missionária, falaram a Paulo sobre este jovem e Paulo decidiu levá-lo consigo (At 16.2-3). Ele é circuncidado (At 16.3) e os anciãos da Igreja impuseram as mãos sobre Timóteo para separá-lo e equipá-lo para o ministério (1 Tm 1.18; 4.14; 2 Tm 1.6; 2.2).

Timóteo acompanhou, então, o apóstolo na maior parte das suas 2ª e 3ª viagens missionárias. Ele era de fato, um apadrinhado do apóstolo, que fala de si

próprio como “pai” de Timóteo (Fp 2.22) e de Timóteo como seu filho (1.2, 18; 1 Co 4.17; 2 Tm 1.2; 2.1).

Na primeira carta, o velho apóstolo, sente necessidade de escrever a Timóteo, que estava pastoreando a igreja de Éfeso, tendo consciência que este estava debaixo de uma carga de responsabilidade muito elevada, para o encorajar a continuar firme no seu trabalho sem vacilar na doutrina e determinado a levar a sua tarefa, de doutrinar e estruturar a igreja, até ao fim. Ele trata de assuntos práticos como o culto, a organização da Igreja, as qualificações dos “bispos” (1 Tm 3.2-7) e dos diáconos (1 Tm 3.8-10, 12-13) e como tratar heresias na igreja. Instrui, ainda, Timóteo a como se relacionar com diversos grupos da igreja: viúvas, anciãos, escravos e os falsos mestres.

### **A carta a Tito**

Tito é um jovem crente que se associou à equipe missionária de Paulo. Alguns suspeitam que ele era irmão de Lucas. Ele é usualmente identificado como o Tito de Gálatas 2, um crente gentio da igreja de Antioquia da Síria.

Tito, apesar de ter começado mais novo do que Timóteo, ao que parece era mais extrovertido, tinha uma personalidade mais forte que Timóteo e era depositário de muita confiança por parte do apóstolo. Teve tarefas muito delicadas para resolver, às quais mostrou muita perícia e graça, para as levar a bom termo. É Tito quem reconcilia a igreja de Corinto, dividida em partidos religiosos.

Talvez por esta experiência anterior, Tito fora deixado em Creta para organizar a igreja local, que estava fraca e corrupta, e organizar novas igrejas (Tt 1.5). Paulo utiliza esta carta para lembrar Tito da autoridade de que estava investido, para que, por um lado ele pudesse desmascarar os heréticos e ensinar a sã doutrina, por outro pudesse estabelecer líderes que pudessem continuar esse trabalho à medida que o trabalho ia crescendo.

Esta epístola, juntamente com as epístolas a Timóteo, foi escrita no período entre 62-64 d. C. Algumas informações apontam para Zenas e Apolo como os portadores desta carta.

Assim como 1ª Timóteo, a carta a Tito chama a atenção pelas informações que ela dá acerca da organização da Igreja. Fornece uma longa lista de qualificações para o ofício de bispo e presbítero (Tt 1.6-9), bem como importante evidencia que os termos referem-se a um mesmo ofício, e não a dois distintos.

Paulo expressa preocupação com a sã doutrina (Tt 1.9,13 2.1-2) e propõe duas meditações teológicas sobre a graça de Deus por meio de Cristo (Tt 2.11-14; 3.4-7). Ele fala sobre a 2ª vinda de Cristo (Tt 2.13), sobre a expiação vicária (Tt 2.14), sobre a regeneração pelo Espírito Santo (Tt 3.5) e sobre a justificação pela graça (Tt 3.5,7).

Paulo também fala da conduta cristã. Nossa conduta é dirigida pela qualidade da sobriedade mental (Tt 1.8; 2.2, 4-6, 12) e a importância de se fazer o que é bom (Tt 2.7, 14; 3.1,8, 14). Isto é bem característico de Paulo: ao lado da doutrina, a prática da mesma e a vida exemplar que os cristãos devem ter.

### **A segunda carta a Timóteo**

Esta carta a Timóteo foi enviada de Roma, quando da segunda prisão de Paulo (2Tm 1.8,16; 2Tm 2.9), na companhia de Lucas (2Tm 4.11), entre 64 e 67dC, antes de ser martirizado.

Cronologicamente, 2 Timóteo é a última das três cartas pastorais. Ela tem uma atmosfera diferente das duas outras. Em 1 Timóteo e em Tito, Paulo está livre para fazer planos sobre viagens e para locomover-se à vontade. Nesta epístola, ao contrário, ele estava preso e o seu fim se aproximava rapidamente (2 Tm 4.6). Aparentemente ele escreveu em Roma, enquanto aguardava sua execução. Todos os colegas o haviam esquecido, exceto Lucas. Ansiava por uma visita de Timóteo, que provavelmente continuava pastoreando em Éfeso. Apesar de sua situação, Paulo preocupava-se com Timóteo, instruindo sobre o cuidado com sua vida espiritual e com seu ministério, orientando-o a ser menos tímido e advertindo para os dias futuros complicados que se desenhavam, para que se mantivesse fiel e dedicado à pregação. O Apóstolo sabe que não tarda a hora do martírio, aguardado com serenidade e confiança (2Tm 1.10-12; 2Tm 4.6-8).

### **Fontes de consulta**

“Paulo: vida, obra e teologia”. Material apresentado por Reginaldo Carvalho em cumprimento às exigências da disciplina Teologia Paulina do curso Mestrado em Novo Testamento na Faculdade Teológica Cristã do Brasil em Brasília no ano de 2008.

“Bíblia Vida Nova”. Ed. rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

<http://www.nospassosdepaulo.com.br/p/cartas-paulinas.html>

<https://sites.google.com/site/prsamuelantunes/home/bibliolo/panoramica-geral-da-biblia/epistolas-paulinas>

<http://assemblyofgodbrasil-com.over-blog.com/2014/10/as-cartas-de-paulo-bibliologia.html>